



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

PRÓ-REITORIA ACADÊMICA

COORDENAÇÃO DE PESQUISA

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**RELIGIÃO E AMBIENTE DOS ÍNDIOS TAUREPANG DE
SOROCAIMA: Representações Sociais dos Adventistas do
Sétimo Dia - Pacaraima - Roraima**

MANALIEL PAIS PEREIRA

RECIFE/2015

Manaliel Pais Pereira

**RELIGIÃO E AMBIENTE DOS ÍNDIOS TAUREPANG DE
SOROCAIMA: Representações Sociais dos Adventistas do
Sétimo dia - Pacaraima - Roraima**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco, na área de concentração Religião, Cultura e Sociedade, sob orientação do prof. Dr. Drance Elias da Silva.

RECIFE/2015

P436r

Pereira, Manaliel Pais

Religião e ambiente dos índios Taurepang de Sorocaima : representações sociais dos Adventistas do Sétimo Dia - Pacaraima - Roraima / Manaliel Pais Pereira ; orientador Drance Elias da Silva, 2015.

158 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Coordenação Geral de Pós-graduação. Mestrado em Ciências da Religião, 2015.


1. Índios da América do Sul - Roraima. 2. Índios Taurepang - Religião. 3. Proteção ambiental - Roraima. 4. Igreja Adventista do Sétimo Dia. 5. Índios Karibe - Religião. I. Título.


CDU 2:577.4(81)


MANALIEL PAIS PEREIRA

**RELIGIÃO E AMBIENTE DOS ÍNDIOS TAUREPANG DE SOROCAIMA:
Representações Sociais dos Adventistas do Sétimo Dia – Pacaraima – Roraima.**

Dissertação apresentada à Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco, por uma Comissão Examinadora formada pelos seguintes professores:


Prof. Dr. Drance Elias da Silva (Orientador)
Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP


Prof. Dr. Edson Hely Silva (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE


Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos (Examinador Interno)
Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP

**Recife
2015**

Dedico aos meus pais: Sebastião da Silva Pereira e Raimunda Paes de Moura (póstuma) à minha esposa Diná, aos meus amados filhos: Tício, Erick, Manaliel Júnior, Meg e Isabelly que dão sentido ao meu desenvolvimento cognitivo e espiritual.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Senhor Jesus Cristo por ter me restaurado fisicamente e espiritualmente de inúmeras situações adversas que me atingiram e por continuar me dando forças rumo às conquistas que me propus alcançar. Por me iluminar em momentos escuros para que eu conseguisse produzir esta dissertação.

Ao povo Taurepang da Maloca Sorocaima pela bela acolhida que me proporcionaram antes e durante esta pesquisa, ao Tuxaua Sandoval Bento Flores (líder político) neto do fundador e ao primeiro ancião Efraim Bento Flores (líder religioso) também neto do fundador que gentilmente franquiaram a Maloca Sorocaima para que realizássemos esta pesquisa.

Agradecemos ao Manoel Bento Flores e Hilária Bento Flores, ambos os filhos do fundador de Sorocaima pela a entrevista que me concederam em seu habitat natural. Ao professor e Mestre em Educação Manoel Rabelo filho, que nesse empreendimento foi um dos primeiros a abrir as portas da sua casa para me instruir no árduo e difícil caminho para a produção dessa dissertação.

A todos os entrevistados de Sorocaima que de uma maneira espontânea concederam seu tempo e informações valiosos para a complementação deste trabalho. À Igreja Adventista do Sétimo Dia, através de seu representante legal o Pastor Wiglife Saraiva, Presidente da Associação Amazonas Roraima (AMARR) pelo incentivo e pela permissão para falar sobre a Organização Adventista do Sétimo Dia, suas tradições seus dogmas, seus valores e suas representações sociais.

Ao Instituto Nacional e Pesquisa da Amazônia (INPA), por meio de seu representante em Roraima o cientista e pesquisador Dr. Reinaldo Imbrozio. Ao INSIKIRAN (Instituto Indígena de Roraima), na pessoa do seu Diretor o antropólogo Maxim Repetto. A UFRR (Universidade Federal de Roraima) através da NHUSA, por ter nos franquiado informações eletrônicas sobre os Taurepang. Agradeço ao companheirismo dos amigos mestrados (a) de Roraima por muitas viagens que fizemos juntos, pelos compartilhamentos de informações e pela agradável companhia do Mestre Jesus que tem nos acompanhado a cada momento de nossas vidas: Gilson, Ronalson, Francisco, Mário, Eldon, Robervânia, Maria Pinheiro, Maria Silva, Maria Célia, Hamutal, Eliane, Lea, Lúcia e Tereza.

Agradecemos ao corpo docente da Unicap, na área de concentração Religião, Cultura e Sociedade, à coordenação liderada pelo professor Newton Darwin de Cabral e aos professores: Cláudio Vianney Malzoni, Degislando Nóbrega de Lima, Drance Elias da Silva, João Luiz Correia Júnior, Luiz Alencar Libório, Luiz Carlos Luz Marques, Nilo Ribeiro Júnior, Pedro Rubens Ferreira Oliveira, Sergio Sezino Douets Vasconcelos e Zuleica Dantas Pereira Campos que nos forneceram informações valiosas para que fosse possível chegar à conclusão dessa dissertação.

Ao professor Drance Elias da Silva pelo seu brilhante trabalho que me orientou a desenvolver esta pesquisa, suas notáveis informações sobre representações sociais, religião e Meio Ambiente.

RESUMO

A nossa pesquisa buscou compreender as representações sociais dos Taurepang na sua vivência religiosa e também as suas relações com o Ambiente, desde seus tempos primórdios até a atualidade. Seus antepassados conhecidos como os Caribes ou Caribenhos; um resumo de sua história, suas conquistas, pois no passado os Caribenhos eram chamados de guerreiros e defensores da Ameríndia. A pesquisa inicial foi bibliográfica e teve como objetivo aprofundar os conhecimentos sobre a vida dos Taurepang relacionados à sua religiosidade e as relações com o Ambiente. Por meio de literatura específica, entrevistas e pesquisa de campo aprofundaram os conhecimentos sobre os Taurepang. A pesquisa está voltada para uma parte da etnia Taurepang que se tornou Adventista do Sétimo Dia, seus novos conceitos sobre o Ambiente, o surgimento da Maloca Sorocaima, suas representações sociais religiosas pautadas na nova religião, sua maneira nova de cultuar a Deus e seus novos conceitos sobre a preservação do Ambiente. Os estudos históricos e sócios antropológicos de manifestações religiosas no seu grande embasamento sobre a religiosidade Taurepang adventista através de pesquisas bibliográficas e entrevistas nos proporcionaram um aprofundamento mais amplo sobre a relação entre o Ambiente e os Taurepang Adventistas do Sétimo Dia em Sorocaima. Procuramos evidenciar nesse estudo a cosmovisão dos Taurepang, suas convicções peculiares sobre sua religiosidade na Maloca Sorocaima, assim também como seus novos conceitos Ambientais.

Palavras chave: Religião, Ambiente, representações sociais, Taurepang.

ABSTRACT

Our research aims to understand the social representations of Taurepang in their religious experience as well as its connexion with environment, from their early times to the present. His ancestors known as the Caribs or Caribbean; a summary of its history, its achievements, because in the past the Caribbean were called warriors and defenders of Amerindian. The initial research was literature and aimed to increase knowledge about the lives of Taurepang related to their religion and concerns with the environment. Through the literature, interviews and field research deepened the understanding of the Taurepang. The research is focused on a part of Taurepang ethnic group that became Seventh-day Adventist, their new concepts about the environment, the arising of Maloca Sorocaima, their religious social representations guided by the new religion, a new way to worship God and their new concepts about preserving the environment. Historical studies and anthropological members of religious manifestations in his great foundation on the Adventist Taurepang religiosity through literature searches and interviews provided us with a broader deepening of the relationship between the environment and the Seventh-day Adventists in Taurepang Sorocaima. We search to evidence in this study the worldview of Taurepang, their peculiar beliefs about their religiosity in Maloca Sorocaima, so as its new Environmental concepts.

Keywords: Religion, Environment, social representations, Taurepang.

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| OS TAUREPANG E SUA RELIGIÃO: DO SÉCULO XVIII AO SÉCULO XXI..... | 12 |
| CAPÍTULO 1 | 12 |
| AS ORIGENS DO POVO TAUREPANG | 12 |
| 1 Breve história dos Taurepang e Ambiente..... | 12 |
| 2 Os Taurepang, a colonização portuguesa e Ambiente | 18 |
| 3 Os Taurepang, o Marechal Rondon e Ambiente..... | 23 |
| CAPÍTULO 2 | 31 |
| O POVO TAUREPANG, OS ADVENTISTAS E AMBIENTES..... | 31 |
| 1 O povo Taurepang, sua antiga religião e Ambiente..... | 31 |
| 2 Os Adventistas do Sétimo Dia e Ambiente. | 47 |
| 3 Os Taurepang Adventistas, a formação da Maloca Sorocaima e Ambiente | 63 |
| CAPÍTULO 3 | 73 |
| NOVAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS TAUREPANG..... | 73 |
| 1 Trajetória dos Taurepang na Tríplice Fronteira, Ambiente e análises das entrevistas..... | 73 |
| 2 Os Adventistas de Sorocaima, seus dogmas e Ambiente | 90 |
| 3 Sorocaima, suas Representações Sociais e Ambiente..... | 96 |
| Considerações finais | 111 |
| Referências..... | 115 |
| Anexos | 120 |
| Anexo 1: Perguntas da entrevista | 120 |
| Anexo 2. Resumo das entrevistas | 121 |
| Anexo 3: Perfil dos entrevistados e depoentes..... | 150 |
| Anexo 4 | 153 |
| Mapa..... | 158 |

INTRODUÇÃO

A ideia desta pesquisa surgiu depois de uma visita aos Taurepang da Maloca Sorocaima, em 2010 localizada no centro da Cordilheira de Pacaraima no estado de Roraima, local estratégico para os guardiões da fauna e flora dessa parte extrema do Brasil. Antes da visita soubemos que a Maloca Sorocaima deixou sua antiga religião e passou a ter como religião oficial a Igreja Adventista do Sétimo Dia, movimento religioso completamente diferente dos costumes da sua religião anterior. Os Taurepang como são conhecidos no Brasil têm outros parentes que moram na Guiana Inglesa e na Venezuela que são chamados por Pemon. Todos pertencem ao tronco linguístico indígena Karib, que há mais de 3.000 anos habitam nessa região hoje conhecida por América do Sul. Assim como os Karib defenderam os seus territórios contra invasores e permaneceram firmes em suas convicções religiosas, os Taurepang também agiram de igual forma, porém com o passar do tempo resolveram mudar de religião.

Num período de cinco anos (a partir de 2010) em contato com esse povo que gentilmente nos recebeu, cada vez mais foi aumentando o desejo em compreender quais os motivos de abandonarem sua antiga religião. Os Taurepang foram grandes guardiões do ecossistema em toda a sua existência, outra razão para se aprofundar nesse assunto foi por que passaram a ter uma maior preocupação com o Ambiente. Desvendar como funciona o movimento Adventista do Sétimo Dia em Sorocaima, assim como procurar entender o misticismo dessa religião foi um grande desafio. Compreender alguns de seus dogmas e quais valores são reproduzidos a esse povo de Sorocaima, requer um esforço profundo das Ciências da Religião para entender a religiosidade Taurepang, seus discernimentos proféticos, suas relações com o ambiente e tentar transformar esses conhecimentos empíricos em conhecimentos científicos para que possam ser declarados como novas Representações Sociais dos Adventistas em Sorocaima.

Os Taurepang tiveram contatos com os Adventistas do Sétimo Dia no início do século XIX, e por algumas razões desistiram da sua religião anterior. Uma das razões que levaram aos Tuarepang se aproximarem dos Adventistas do sétimo Dia, parece ter sido o movimento de profetismo, ou seja, os Adventistas sempre foram orientados espiritualmente pela bíblia e em parte pelas profecias vindas de Deus através de sua profetisa Ellen White, segundo

eles mesmos afirmam. Os Taurepang de igual forma também já eram praticantes do profetismo há muito tempo atrás, bem antes do contato com os colonizadores europeus. Os Taurepang acreditavam que seus profetas recebiam mensagens vindas de várias divindades. Seus profetas tinham a incumbência de criar novas formas de cultuar seus deuses e implantaram uma nova forma de se relacionar com o sagrado através da dança do Halleluih, ou seja, uma nova maneira de cultuar os seus deuses na ânsia de saciar os seus anseios espirituais e estreitar suas relações com os deuses em busca pelo sagrado.

Buscaremos compreender nesta pesquisa as representações sociais da Religião e Ambiente dos Índios Taurepang de Sorocaima, residentes na Cordilheira de Pacaraima no Estado de Roraima. Nossa pesquisa aprofundou-se para demonstrar as novas representações sociais e preservação Ambiental dos Adventistas do Sétimo Dia. Procuramos compreender os significados desses novos ritos sagrados e preservação Ambiental incorporado por eles. Baseado dentro desse contexto histórico, buscando compreender cada um dos significados encontrados nessa sociedade. As análises foram realizadas buscando uma compreensão das transformações na vivência dos Taurepang. Foram analisados possíveis impactos dessas transformações na cosmovisão dos Taurepang, com a finalidade de encontrar novos significados dos ritos e práticas religiosas adventistas. As análises das representações sociais dos Adventistas da Maloca Sorocaima, suas expressões religiosas, seu modo de vida, suas relações com o ambiente, foram o tema desse estudo. Tendo como base a discussão sobre os novos paradigmas de regras da fé dos Adventistas do Sétimo dia de Sorocaima, assim como os novos conceitos sobre Ambiente e suas mudanças visíveis que se apresentam como um fenômeno religioso dos Taurepang. “Segundo a teoria do núcleo central, uma representação social só vem a ser adequadamente descrita ou identificada quando, além de seu conteúdo se aprende também sua estrutura” (SÁ, 1996, p. 148).

No primeiro capítulo, descrevemos as origens do povo Taurepang, uma breve história das suas gerações e suas relações com o Ambiente. A influência da colonização portuguesa nos Taurepang e Ambiente, como foram libertos da escravidão dos holandeses. A grande influência do Marechal Rondon sobre os índios Taurepang, acordo firmado entre eles possibilitou definir as fronteiras do Brasil com a Guiana e Venezuela. Amplas vantagens territoriais favoreceram ao Brasil.

O segundo capítulo descreve a antiga religião dos Taurepang, suas formas de cultuar seus deuses, suas histórias repassados de gerações a gerações. Descrevemos sua religião primitiva, também são descritas as condições teóricas e metodológicas desta pesquisa demonstrando os caminhos pelos quais os fenômenos religiosos fluem. Seus deuses, seus profetas, conforme a descrição do povo Taurepang. Mencionou-se como aconteceu o diálogo entre o povo Turepang e os Adventistas do Sétimo Dia, e a vinda dos Pastores americanos adventistas. Sua vida social, sua religiosidade e suas relações com o ambiente. É discutida a passagem de uma parte da etnia Taurepang para a Igreja Adventista do Sétimo Dia, o surgimento da Maloca Sorocaima e a etimologia do seu nome.

No terceiro capítulo, analisamos dados coletados nas entrevistas, as informações sobre as representações sociais e embasados nas Ciências da Religião a fim de compreender os significados às novas representações sociais dos Taurepang Adventistas em Sorocaima. São mencionadas as relações dos Taurepang com sua religião atual, Adventista do Sétimo Dia, seus paradigmas espirituais, suas relações com o sagrado, e à busca por uma vivência harmoniosa com o Ambiente.

OS TAUREPANG E SUA RELIGIÃO: DO SÉCULO XVIII AO SÉCULO XXI.

CAPÍTULO 1

AS ORIGENS DO POVO TAUREPANG

1 Breve história dos Taurepang e Ambiente

No século XIX o território dos Taurepang era vasto, ocupando praticamente toda a savana venezuelana, mas habitavam também nessa área os Macuxi e os Wapischana. Juntos dominavam uma imensa área na Tríplice Fronteira, região atualmente conhecida como Brasil, Venezuela e Guiana Inglesa. Os ancestrais dos Taurepang, os caribenhos, habitavam essa região Há mais de três mil anos: em um território desde o rio Negro no Amazonas, Amapá acompanhando o Atlântico até a atual América Central incluindo grande parte das ilhas caribenhas cujo nome Caribe remonta a esse grande povo. As capitânicas hereditárias implantadas no século XVIII com a intensão de dividir o território do Brasil em várias partes para solidificar a conquista portuguesa, gerou descontentamento entre os Taurepang; nessa época o Brasil era colônia de Portugal e o governo português usou todos os recursos possíveis para não perder parte de seu território. Com o tratado de Madri¹, acordo firmado em 1750 entre Portugal e Espanha que dividiu as terras da América do Sul quase que cem por cento entre Portugal e a Espanha, beneficiou bastante o Brasil. Nesse período que as capitânicas começaram a se expandir territorialmente e conseqüentemente começou a diminuir a área dos Taurepang, iniciam-se a partir daí conflitos sangrentos entre “brancos” e índios nessa região:

Em 1840 a região do Rio Branco é disputada com a Guiana Inglesa para garantir a questão das fazendas nacionais, um fato interessante é que o limite dos latifúndios coincide com o território atual dos indígenas em São Marcos. A partir de 1880 colonos se fixaram na região devido à consolidação de pecuária, o que afetou diretamente os Taurepang e os povos que viviam nas proximidades como os Wapischana e os Macuxi, visto que eles passaram a ser mão-de-obra dos pecuaristas, resultando na consolidação do território indígena

¹ O tratado de Madri, acordado em 1750, definiu as posses luso-espanholas na América. Com isto Portugal teve ganhado territoriais em limites norte. Por temor, compartilhado entre Portugal e Espanha, a Espanha propõe secretamente a Portugal uma aliança para a diminuição dos domínios holandeses e franceses na Guiana, na tentativa de inviabilizar suas colonizações. Tal aliança foi rejeitada pela corte portuguesa para evitar conflitos com a França, o que seria mais temerário (Cf. FARAGE, 1991, p. 34 e 82).

<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/taurepang> - acessado em 05/12/14)

No final do século XIX, o governo português autorizou aos grandes fazendeiros que se apossassem das terras² indígenas para colonizarem e venderem, onde atualmente está localizado o estado do Amazonas e Roraima. Desconsiderando a legitimidade de seus proprietários, os indígenas.

Os Taurepang e outros povos indígenas que habitam o Extremo Norte do Brasil são todos semelhantes entre si e da mesma forma também semelhantes ao povo asiático, isto reforça a ideia de vários autores defensores que os Taurepang e outros povos indígenas dessa região descendem dos primeiros asiáticos que chegaram à América pelo Estreito de Bering ou mesmo pelo Oceano Pacífico. A fora essa dimensão, sabe-se que séculos antes da chegada dos colonizadores europeus, os indígenas habitavam esse território e se expandia cada vez mais o povo Taurepang.

São muitos os que defendem a tese de que os índios americanos (do Norte, Central e do Sul, aí incluídos os de Roraima) são originários da Ásia e vieram para o continente americano pelo Estreito de Bering no norte da América, limite com a Ásia (FREITAS, 1998, p. 93).

Os Taurepang foram forçados a abandonar o Caribe, o litoral venezuelano e guianense com a chegada dos invasores europeus e se deslocaram para a parte mais central da América do Sul. Desta forma o povo Taurepang usou como estratégia para sobreviver, dividindo-se em grandes famílias e espalhando-se na vasta savana e rios venezuelanos. Com esse deslocamento chegaram ao Monte Roraima cujo nome foi dado pelos próprios indígenas, conforme afirma a pesquisadora Pessoa: “Esta é uma homenagem à maior das montanhas da Gran Sabana venezuelana, cuja etimologia do nome pode ser explicada de diferentes formas entre as línguas Caribe, por exemplo, em Pemón, ROROIMA: **ROROI** =

² Apesar da Lei de Terras de 1850 reconhecer as terras indígenas, as oligarquias vendiam terras de aldeias. A constituição de 1891 atribuiu aos estados as terras que eram das províncias, dando poder às oligarquias locais de distribuí-las. O decreto número 07 de 20 de novembro de 1889, deu poder aos estados de administrar os bens do estado brasileiro, abrindo possibilidade de manipulação política das terras onde se estabeleciam as populações indígenas. O Decreto número 04 de 16 de março de 1892, que visava a legalizar a ocupação fundiária em todo o estado, omitindo a presença de índios na região (VIEIRA, 2007, p. 41).

verde azulado; **MA** = grande” (PESSOA, 2006, p. 24). Na Venezuela os Taurepang são chamados de Pemón que em sua língua significa “GENTE”, assim afirmou Rodrigues:

A palavra Pemón, quer dizer **gente** no idioma dos indígenas da Gran sabana, e tem o mesmo significado para os Taurepang, Arekuna e Kamarakoto, famílias da etnia Pemón cujo tronco é o Caribe. A tradução de algumas palavras do pemón para outros idiomas, muitas vezes não pode ser feita ao pé da letra. Pemonton, por exemplo, significa o coletivo de gente, ou seja: comunidade (RODRIGUES, 2001, p. 37 e 74).

Ocorreram inúmeras mudanças no cotidiano dos Taurepang, quando foram forçados a se espalharem para a parte mais central do estado venezuelano e guianense devido a forte repressão dos colonizadores europeus: foram aprendendo a fala dos colonizadores e automaticamente muitos indígenas deixaram de falar a sua língua materna. Nas últimas décadas do século XX, os Taurepang começaram a retomar e resgatar o seu idioma nativo. A parte dos Taurepang que vive no Brasil retomou o seu antigo idioma para continuar se relacionando comercialmente com seus irmãos que moram na Venezuela; mas sem esquecer a língua portuguesa, pois é fundamental para as relações comerciais e religiosas com o Brasil. O tronco linguístico da família caribe define-se assim, conforme Durbin:

“Caribe do Norte e Caribe do Sul, incluindo a área venezuelana, das Guianas, brasileiras e até colombianas. Os Taulipang fazem parte do grupo Caribe do Norte e do subgrupo chamado East-West Guiana, que será traduzido como subgrupo Lest-Oeste da Guiana, como outra forma de chamar o Pemon” (DURBIN, 1977, p. 23).

O Caribe é um arquipélago dotado de um ecossistema com grande biodiversidade em uma extensa área no Oceano Atlântico, fazendo limite ao Sul com a Guiana Inglesa na América do Sul, ao Norte com os Estados Unidos na América do Norte, ao Leste com o Oceano Atlântico e ao Oeste com o mar do Caribe e este se limita à América Central e à América do Sul. Existem evidências em Trinidad (Banwari Trace), (hoje Trinidad e Tobago, próximo a Guiana Inglesa) que o Caribe era habitado há 7.000 mil anos atrás, portanto, a ocupação humana no Caribe é tão antiga como na Europa e Ásia.

Windward e as diferenças em tecnologia sugerem que estes colonos arcaicos podem ter origens da América Central. É incerto se houve uma colonização ortoiroide das ilhas, A evidência mais antiga de seres humanos no Sul do Caribe está em Trinidad em Banwari Trace onde foi encontrado restos com 7.000 anos de idade. Estes depósitos pré-cerâmicos, que pertencem à idade arcaica, têm sido descritos como ortoiroides. As primeiras evidências arqueológicas de assentamento humano em La Espanhola datam de cerca de 3600 AC, mas a fiabilidade destes resultados é questionável. Datas constituída de 3100 AC aparecem em Cuba. As primeiras datas nas Pequenas Antilhas são a partir de 2000 AC, em Antígua. A falta de sítios pré-cerâmicos nas ilhas, mas há pouca evidência. <http://www.achetudoeregiao.com.br/animais/historia.htm> acessado em 29/11/14.

As origens caribenhas possivelmente ocorreram na atual Guiana Inglesa, Guiana Francesa e Brasil, nessa Tríplice Fronteira surgiram os povos falantes da língua caribe. A civilização caribenha também foi conhecida por Pemón, Pemóns ou ainda Pemongs, este é o nome do tronco étnico linguístico, que se divide nas etnias Macuxi, Taurepang, Arekuna e Patamona.

Os povos caribenhos devem ter iniciado sua expansão a partir das suas origens e a ilha mais próxima é a atual Trinidad Tobago e continuaram a conquistar as ilhas em direção ao atual Estados Unidos. Os povos caribenhos tiveram sua expansão interrompida com a chegada dos colonizadores europeus no fim do século XVI. Os caribenhos resistiram por um bom período à invasão europeia, porém, grande parte foi escravizada pelos europeus. Os espanhóis começaram a importar escravos da África para somar com o trabalho escravo dos índios da América do Sul.

Como os Macuxi, Taurepang e Arecuna, são povos de origem Caribenha e quando ocorreu à invasão dos europeus nas ilhas Caribenhas, grande parte dos povos indígenas fugiu do Litoral da América do Sul e da América Central para grandes rios como: Orinoco na Venezuela, O rio Essequibo que nasce nas Serras Acaraí na fronteira com o Brasil, passando pelo território guianense e fazendo seu estuário no Atlântico, próximo a Georgetown capital da Guiana Inglesa. Os rios Branco, Tacutu, Surumú, Cotingo (em Roraima). O rio Negro, no Amazonas e outros rios da Tríplice Fronteira. Os Taurepang, depois da invasão da América do Sul pelos europeus, se concentraram na Tríplice Fronteira, Brasil, Venezuela e Guiana Inglesa. Ocuparam praticamente toda a savana Venezuela e lavrado brasileiro e guianense.

A esse respeito afirmou Koch-Grünberg³:

Fui eu que descobri o nome da tribo Taulipáng. Esses índios são chamados de Yarikúna pelos Wapischánan e, por conseguinte, também pelos brancos. Todos os viajantes anteriores, como os irmãos Schomburgk, Appun e Brown, entre outros, chamam-nos de Arekuná, Yarikuna, Arekuná ou Alekuná era como eles, a princípio, se autodenominavam também para mim. Somente após convivência mais prolongada com eles é que eu soube que o verdadeiro nome de sua tribo é Taulipáng, e também vi isso confirmado pelos textos que registrei de sua língua (KOCH-GRÜNBERG, 2005, p. 58).

O nome Taulipáng que posteriormente chamou-se de Taurepang ficou durante algum tempo no anonimato devido aos fazendeiros que se instalaram no território indígena São Marcos que os chamavam de 'Yarikúna', talvez pelo fato de os 'brancos' tê-los denominados desta forma não criaram resistência, mas nunca fugiram de suas memórias, suas origens como Taurepang. Existia a outro povo chamado Arekuna uma subdivisão do grande povo Yarikúna, que devido às grandes guerras foram se afastando cada vez mais para o centro da Floresta Amazônica. Na época estavam instaladas bem longe da chamada civilização dos 'brancos', no Noroeste de Roraima, no rio Caroni. Tantos os Yarikúna como os Taurepang são da mesma família linguística chamada de Caribe ou os Caribenhos.

Quanto, mais tarde, voltei a São Marcos e contei a Neves que Taulipáng é o verdadeiro nome da tribo de todos os Índios do Surumu até o Roraima, ele riu de mim e disse: Já faz 10 anos que vivo com esses Yarikúnas, e esse doutor alemão, que está aqui há apenas alguns meses, quer me ensinar! Chamou alguém do seu pessoal, Yarikúna das proximidades do Roraima, e lhe perguntou: De que tribo você é? Resposta: Yatikúna! Risada de triunfo. Então eu lhe perguntei: Como é que vocês chamam a si mesmos? Resposta: Taulipáng. Dessa vez, quem riu fui eu. Somente a Oeste e Noroeste do Roraima é que vivem os verdadeiros Arekuná, especialmente na região do Rio Caroni. Diz-se que são chamados de Kamarakotô pelos Saporá do Uraricoera, mas, de acordo com outros, esse nome designa uma subdivisão especial da tribo Arekuná. As línguas dos Taulipáng e dos Arekuná, ambas

³ Theodor Koch-Grünberg: etnólogo alemão percorreu toda a Tríplice Fronteira entre Venezuela, Brasil e Guiana, fazendo contribuições importantes no campo da antropologia. Desta viagem, resultou a obra "Von Roraima zum Orinoco" em cinco volumes editados em Berlim e, traduzido mais tarde para a língua espanhola em uma sequência de três volumes. Neste documento existem extensas descrições culturais dos povos de toda esta área fronteiriça, abordando detalhes com extrema riqueza de informações. Boa documentação fotográfica foi feita e anexada na obra escrita.

da família Caribe, mostram pequenas diferenças dialetais entre si e são parentes próximos do Makuschí (KOCH – GRÜNBERG, 2005, p. 58).

A religião nativa dos Taurepang é rica em mitos e narrativas espirituais, como os xamãs, Majonggóng, Kanaimé e Macunaima⁴. A base da religião indígena é sustentada em crenças mitológicas e em seres espirituais como, por exemplo, o Kanaimé que desempenha um papel importante na vida desse povo. Por meio de suas crenças e tradições que foram herdadas de seus antepassados e geralmente transmitidas às gerações seguintes até aos dias de hoje, é possível entrar nesse mundo transcendental dos povos ameríndios. Apesar desse esforço de afirmar a sua identidade, mesmo assim quando passaram a conviver com a chamada civilização dos ‘brancos’, reelaboraram suas expressões socioculturais.

O conceito de Kanaimé desempenha um papel muito importante na vida desses índios. Designa, de certo modo, o princípio mau, tudo que é sinistro e prejudica o homem e de que ele mal consegue se proteger. O vingador da morte, que persegue o inimigo ano a fio até matá-lo traiçoeiramente, esse faz Kanaimé. Quase toda morte é atribuída ao Kanaimé. Tribos inteiras tem a má fama de ser Kanaimé. Kanaimé, porém, é sempre o inimigo oculto, algo inexplicável, algo sinistro. Kanaimé não é um homem, diz o índio. Ele anda por aí à noite e mata gente, não raro com a maça curta e pesada, como a que se leva ao ombro durante a dança. Com ela, parte em dois todos os ossos da pessoa que ele encontra; só que a pessoa não morre imediatamente, mas vai para casa. À noite, porém, fica com febre e, depois de quatro ou cinco dias, morre (KOCH-GRÜNBERG, 2005, p. 70).

Na religião nativa os ritos para um Taurepang se tornar um Xamã são muito complexos e misteriosos, pois envolve elementos espirituais de outra dimensão, do além, afinal, após todo esse processo de aprendizagem, se adquire as condições espirituais ideais para se tornar um Xamã. Torna-se difícil documentar esse ritual ou fenômeno sobrenatural, pois a pessoa que é aprendiz de xamã pode até permitir que um pesquisador entre no ambiente onde acontecerá o ritual, mas assim que inicia o ritual, o personagem espiritual que vai capacitá-lo a um xamã, não permite a presença de ninguém, exceto da esposa do aspirante a xamã:

O Majonggóng ligou-se muito a mim. Mora com sua encantadora jovem mulher, Hermina, há uma hora daqui, às margens do Surumú, na casa de sua sogra muito feia, mas bondosa, uma Saporá, uma rara sobrevivente

⁴ A palavra “Macunaima”, diferente de Macunaíma, como grafia Mário de Andrade, é a forma como o povo de Roraima expressa essa figura mítica e sua grafia não possui acento.

dessa tribo. De tempos em tempos, Manduca vem por alguns dias à aldeia. Dorme, então, com meus meninos no quarto de trás de minha cabana, quando não está curando um doente, o que ocorre toda noite, pois ele tem a fama de ser um xamã muito eficaz. O Majonggóng é mais forte do que todos os xamãs daqui, diz Pirokaí. O próprio Manduca se gaba de sua arte médica. Diz que também seu pai, seu irmão e seu cunhado são xamãs. Ele é um sujeito muito esperto e não fica desconcertado nem quando uma cura não dá certo. Um velho Tulipáng está com a barriga terrivelmente inchada e dura e, de vez em quando, sente fortes dores. Manduca diagnosticou um animal com uma galhada, como um veado, que faz barulho lá dentro. Se o tirar, o velho morrerá, ergo – ele não o tira (KOCH-GRÜNBERG, 2005, p. 68).

Esse povo tem uma crença muito sólida em seus heróis e deuses que transformavam peixes na piracema em pedras e eram peixes bem grandes, para se formarem grandes serras de pedras. Macunaima é um desses heróis, se para nós é uma “lenda”, para muitas etnias indígenas ainda hoje é um herói real ou até mesmo um deus. Na concepção dos Taurepang todas as coisas que percebem ao seu lado foram criadas pelo seu herói ou deus Macunaima, pois essa visão do mundo e seu criador perpassam gerações na vivência dos Taurepang.

Em 1928, o escritor brasileiro Mário de Andrade lançou o livro *Macunaíma*, um marco da literatura modernista brasileira. O livro é baseado em mitos caribes do norte do estado brasileiro de Roraima. A palavra *Macunaíma* vem dos termos caribes *maku* (mal) e *ima* (grande) <http://www.angelfire.com/mn/macunaima/> Acessado em 30/11/14.

2 Os Taurepang, a colonização portuguesa e Ambiente

No século XVII estava clara a evidência da expansão portuguesa no Norte do Brasil; época em que na região da Amazônia a produção era exclusivamente extrativista como castanha, resina, pescado, quelônio e madeira; eram escoadas através do Grão-Pará.

No período que foi instalada a Capitania do rio Negro, algumas situações fizeram com que os portugueses se preocupassem em ocupar o atual Amazonas e Roraima; uma delas é que necessitavam do extrativismo dessa região para seu auto sustento, assim como também da mão-de-obra escrava dos índios; outra questão era a definição das Fronteiras

com os holandeses e espanhóis. Graças à ocupação portuguesa, na atualidade estão consolidados os estados brasileiros do Amazonas e Roraima.

Por mais expressiva que esta fosse, no entanto, sobressaem na ocupação do rio Branco, dois outros motivos tão ou mais fundamentais: sua importância para o mercado interno colonial como zona de suprimento de escravo índios e sua posição estratégica, que impunha uma política do Estado visando defender a Amazônia de possíveis aventuras expansionistas dos vizinhos espanhóis e holandeses (FARAGE, 1991, p.55).

A grande maioria dos Taurepang e outras etnias indígenas estavam ao lado do governo português na década de 30, do século XVII muito provavelmente porque não havia outra escolha, pois centenas de índios eram vendidos como escravos para os “senhores” do Grão-Pará. Nesse período, os holandeses que dominavam a região atualmente conhecida como Guiana Inglesa estava lucrando alto com o tráfico de escravos indígenas vindos do rio Negro (Amazonas) e Rio Branco (Roraima), liderados por um grupo de índios chamados “Manao”⁵, fortemente armado pelos holandeses, fazendo as maiores atrocidades contra os índios no Brasil. O governo português traçou diretrizes para neutralizar o tráfico de mão-de-obra escrava indígena do Brasil para os holandeses, bem como as possibilidades destes no controle sobre a Amazônia:

O caso de tão lucrativo negócio parece ter chegado aos anos 30, muito provavelmente em função das tropas de resgate oficializadas que começam a chegar a partir de então. Se a mencionada ligação comercial com os holandeses era parte substancial desse negócio, então aqui poderíamos entrever razões para sua decadência, desde que é com esse objetivo, o de exorcizar o “perigo holandês” da Amazônia, que abre a estação de caça aos Manao (...) (FARAGE, 1991, p. 60).

A Coroa portuguesa em 1723 fez alto investimento tanto financeiro como bélico, com a intenção de sucumbir o “governo” paralelo que estava dominando as regiões do Rio Negro, rio Branco, rio Essequibo, rio Uraricoera e rio Tacutu. As forças militares lusas

⁵ Tribo habitante da região onde se localiza atualmente a cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas. Estes eram parceiros comerciais dos holandeses; por causa disso sua sociedade foi desmantelada pela ocupação colonial portuguesa (Cf. FARAGE, 1991, p. 79).

começaram a se arregimentar e “o destacamento de Braga teria alcançado a área da foz do rio Branco e ali montado o seu arraial, sendo, portanto, a primeira tropa oficial a adentrar o que seria então o território do “Manao”, habitante da região” (FARAGE, 1991, p.62). Nessa ação do governo português, houve uma reação do “Manao”, matando um dos principais articuladores entre os rebeldes e os portugueses. O grupo indígena estava fortemente armado com aquisição bélica fornecida pelos holandeses; enfrentava as tropas portuguesas sem cerimônias, fazendo grande matança entre os índios e continuando o tráfico de escravos para o governo da Holanda. Os “Manao” disseminavam o terror na região, atacando as tropas lusas e as missões. Entre seus líderes uma das maiores figuram foi a do índio conhecido por Ajuricaba:

Provavelmente, em fins do século XVII, teriam entrado em contato com os povos do rio Branco, já então em relações de troca com os holandeses da Guiana e, em razão da demanda holandesa, teriam se especializado em tráfico de escravos (...). Os Manao recebiam os produtos holandeses, até mesmo a bandeira de Ajuricaba, símbolo de sua ‘traição’ à coroa portuguesa (...). Poder-se-ia sugerir, com base na documentação holandesa, que a tentativa dos Manao nos anos 20 visava eliminar o grande número de intermediários que os separava dos holandeses, aí mesmo se localizando as razões do seu fracasso: os Caribes como veem, não o permitiram (FARAGE, 1991, p.65).

Os Taurepang sempre foram grandes comerciantes, fortes guerreiros e nesse período em que o governo português estava em conflito com os holandeses, mas sofrendo grandes baixas, pediu auxílio aos guerreiros Taurepang, que prontamente aderiram às tropas lusas. Ninguém mais conhecia a região da Tríplice Fronteira em conflito como os Taurepang, houve uma reciprocidade entre os Taurepang e o governo português: o governo lhes deu suprimentos tanto alimentício como bélico e também garantia de suas próprias terras. Daí que se desenrola até hoje a questão de demarcação das terras indígenas; o acordo firmado entre indígenas e portugueses, em troca os Taurepang combatiam a favor do governo português até ver consolidada a demarcação dos limites no Extremo Norte do Brasil. Nesse avanço das tropas lusas percebeu-se esquadrihado nessa imensa área literalmente um futuro estado brasileiro, atualmente conhecido como Roraima:

A área específica do rio Branco, embora os resgates sob o comando de Belfort tenham se iniciado em 1738, começa a ser atingida ao que tudo indica a partir de 1740... Montando um arraial acima das primeiras cachoeiras do rio Uraricoera, a expedição ainda veio a se dividir em dois grupos, que tomaram rumos diferentes pelas duas margens do rio... Viajaram cerca de dois meses, regressando quando as doenças começaram a abatê-los; teriam então esquadrinhado a porção oeste do que é hoje Roraima (FARAGE, 1991, p.71).

Os Taurepang sempre foram fascinados pelo legendário “El-Dorado”, local idealizado como um paraíso: uma cidade abandonada pelos deuses, um lugar perfeito onde tudo funcionava em perfeita harmonia. Para alguns indígenas quando vinha do litoral venezuelano rumo ao centro da floresta e se encontraram pela primeira vez com o Monte Roraima, se encantaram, pois acreditavam ser este o “El-Dorado” tão esperado. Mas pelo que se sabem os ingleses e os espanhóis também tinham em mente o enigmático “El-Dorado”. Depois de se instalarem na América do Sul deu início a uma corrida para encontrar a “cidade perdida” o então sonhado paraíso e dizem os Taurepang que os ancestrais dos ingleses haviam construído este paraíso e um dia voltariam para o que era seu; nessa perspectiva mais que ninguém, os ingleses se debruçaram nesta causa a fim de desvendá-la:

Na visão do El-Dorado, dizem os historiadores J. Rodway e D. T. Watt (1888: 1-17), encontra-se o nexa das primeiras incursões europeias à costa da Guiana. Manoa, a cidade do El-Dorado, estaria situada junto a um grande lago, ou mar interiorano, chamado Parima. Em sua busca, lançar-se-iam os espanhóis, bem como os ingleses, incursões se iniciaram em 1594, com a expedição de Walter Raleigh. Inaugura-se assim, a ocupação da Wild Coast (FARAGE, 1991, p.88).

Nessa chamada Tríplice Fronteira com a Guiana e Venezuela ocorreu grandes aprendizagens para os portugueses e os indígenas. Os portugueses aprenderam muito sobre floresta, savana, vegetação da região, localização de rios, a localização do Monte Roraima e sobre divisor de águas que foi fundamental para definir os limites geográficos das fronteiras supracitadas. Para os Taurepang foi fundamental a aquisição de um novo idioma, a língua portuguesa tão importante no diálogo político, turístico e religioso com os portugueses, ainda mais, escolheram o local onde queriam permanecer morando no Brasil; parte dos Taurepang que no futuro fundariam a Maloca Sorocaima, preferiu “a localização indicada

pelos espanhóis para o Cerro Dorado parece coincidir com aquela das montanhas Kanuku, e esta seria também a impressão do cronista M. G. Lobo D'Almada (1787)" (...) (FARAGE, 1991, p.108).

Observou-se que nem os colonizadores nem os nativos sabiam a localização exata do "El-Dorado", mas os Taurepang brasileiros cansados de serem andarilhos resolveram definitivamente fixar residência próxima à fronteira, mas em terras brasileiras; sem saber direito o que estavam escolhendo foram privilegiados em morar no enigmático paraíso lendário, o "El-Dorado" conhecido hoje como a (Serra ou) Cordilheira de Pacaraima onde fundaram três malocas: Boca da Mata, Bananal e Sorocaima, conforme definiu FARAGE:

A Laguna Parima e o Cerro Dorado que buscavam os espanhóis eram "couzas que só existem na imaginação", ajuntando: "se não é quem os hespanhoes tomam por Cerro Dorado a serra dos crystaes" (...) Os índios da Guiana Inglesa acreditavam que nas montanhas Kanuku, bem como em outros pontos da Cordilheira de Pacaraima, viviam povos de hábitos noturnos, que só ganhariam a planície durante a noite (...) (FARAGE, 1991, p.108).

A partir da entrada das forças armadas portuguesas na região da fronteira supracitada, os lusos consideraram que toda aquela região previamente demarcada, seria terra exclusiva da Coroa Portuguesa, portanto, quem quer que seja que entrasse nesse espaço seria considerado intruso; a partir de então começou a Des-territorialização dos povos indígenas e com essa situação ocorreram muitos conflitos armados entre índios e "branco", cada um querendo se impor contra o outro quando finalmente os militares conseguiram dominar os nativos na região; uma grande massa de índios não querendo ficar sob o jugo pesado dos "brancos" preferiu embrenhar-se floresta adentro perdendo o contato com os portugueses. Durante muito tempo os indígenas ficaram sem território definido, lentamente começou-se inúmeras tentativas de negociações entre índios e não índios para reservar uma pequena área de terra para ser exclusivamente dos povos indígenas, começou a partir daí um longo capítulo, a famosa Re-territorialização dos povos indígenas em Roraima:

A delimitação, em 1917, de uma pequena região acima da confluência dos rios Surumu e Cotingo para a futura colonização e aldeamento dos povos Macuxi, Taurepang e, presumivelmente, de ainda outros índios da região, não foi à primeira tentativa de territorializar os indígenas, habitantes originários do que hoje é Roraima (BARBOSA, 2010, p.15).

Por volta da década de 1960, mais precisamente durante a Ditadura Civil-Militar no Brasil, o governo abriu novas negociações com os povos indígenas do Amazonas e de Roraima, com o objetivo de construir uma hidrelétrica no território do povo indígena Waimiri-Atroari, para suprir a defasagem energética que sentiria a capital do Amazonas com a implantação da Zona Franca de Manaus. Recomeçam as negociações entre índios e brancos. Outra iniciativa dos militares foi a construção de uma estrada, a famosa BR 174, começando no Amazonas, atravessando todo o território de Roraima até o Extremo Norte do país. A ideia dos militares brasileiros era conseguir um espaço livre para futuras negociações com a Venezuela, o Atlântico, o Caribe e Estados Unidos, pois até então as comunicações para Roraima eram realizadas em pequenos barcos através do rio Branco.

(...) O regime militar idealizou e implantou ainda no final da década de 1960, complementando, entre outros, os planos de instalação de um “polo industrial” de Manaus, a construção de uma hidrelétrica (Balbina) e a mineração industrial em território Waimiri-Atroari (...). A construção da BR 174, como conexão terrestre (rápida) entre o centro o centro da Amazônia (Manaus) e os mercados norte-americanos e do Caribe (...) (BARBOSA, 2010, p. 20).

3 Os Taurepang, o Marechal Rondon e Ambiente

A comissão chefiada pelo marechal Cândido Rondon, em 1927 tinha como objetivo fazer o reconhecimento da região do Extremo Norte do Brasil, pois pouco se conhecia sobre as fronteiras entre o Brasil, a Venezuela e a Guiana Inglesa. Essa comissão se subdividiu em cinco grupos de trabalho, para melhor reconhecer um grande espaço geográfico entre essas fronteiras. A base da comissão instalou-se na sede da Fazenda São Marcos localizado à Foz do Rio Uraricoera com o rio Tacutu (a partir daí para o Sul começa o Rio Branco), um dos grupos começou a subir o Rio Uraricoera, alcançando o Rio Surumu e chegando à Venezuela

encontrando as aldeias de Akurimã e Teuonok, posteriormente chegou ao Monte Roraima que era um dos grandes objetivos da comissão. Rondon tinha também a tarefa de conquistar os índios para as terras brasileiras.

Nesse contexto em que o Brasil se encontrava, prestes a definir seus limites geográficos com a Venezuela e Guiana Inglesa, desenvolveram-se conflitos sangrentos e envolto a essa situação de vida ou morte para os Taurepang é provável que grande parte deles, tenha usado como estratégia deixando transparecer que haviam aceitado a religião cristã, pois a mesma era a crença dos implacáveis colonizadores. Enganaram-se os europeus, pois as estratégias dos indígenas foram mais eficazes. De alguma forma os Taurepang venceram os colonizadores. Com essa atitude que tomaram demonstraram superioridade diante do inimigo, pois o tempo foi passando e os colonizadores desapareceram, mais os Taurepang sobreviveram na atualidade são guianenses, venezuelanos e brasileiros de fato de direito.

Os recentes estudos antropológicos, juntamente com as pesquisas históricas, buscam compreender com os diversos povos em diferentes contextos e situações sociohistóricas, elaboraram diferentes estratégias que possibilitaram a existência indígena nos mais de cinco séculos de colonização. Nesse sentido, foi ampliada a concepção do próprio conceito de resistência, até então vigente, enquanto confronto e conflitos bélicos, guerras com fins trágicos e a morte de milhares de indígenas, para uma concepção mais ampla de relações diferenciadas em contextos de dominação e violências socioculturais: as muitas formas de resistências do cotidiano, por meio de gestos, práticas, atitudes que quebraram uma suposta totalidade, a hegemonia da dominação colonial (SILVA, 2014, p. 3).

Outro grupo de militares chefiado pelo Tenente Tales Facó se dirigiu para a Guiana Inglesa, a fim de definir a fronteira do Brasil com essa colônia inglesa. Em suas andanças pela Guiana deparou-se com a aldeia indígena Arabopo da etnia Taurepang e ficou impressionado com uma grande concentração de índios para ouvir o Pastor Alfred Cott, da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Facó ouviu a pregação do Pastor adventista que falava sobre a volta de Jesus para resgatar os seus escolhidos e quem não o aceitasse como seu Salvador, após o resgate dos seus escolhidos, o resto seriam mortos. Naquele momento o Tenente Facó, pensando que o Pastor adventista era um inglês logo deduziu que o discurso

daquele inglês era um enigma para salvar os índios que se mantivessem fiéis ao território da Guiana Inglesa e o resto do lado do Brasil e da Venezuela seriam mortos pelo exército inglês. Assim descreveu Facó:

A mim teve a sem cerimônia de falar na próxima vinda de Cristo e imediato fim do mundo. Assim ele estava ali no intuito de salvar aquelas pobres almas! No entanto, soube mais tarde que em tratando com os índios, esse fim do mundo se referia exclusivamente ao fim da Venezuela e do Brasil, pois a Guiana ficava para receber os índios que se quisessem salvar do extermínio do lado de cá (ANDRELLO, 1993, p.107).

A visão do Tenente Facó, como militar era que a Inglaterra estava preste de anexar às terras brasileiras e venezuelanas à Guiana Inglesa, quando naquele momento a Guiana era colônia da Inglaterra. Posteriormente a comissão do Marechal Cândido Rondon pareceu ter entendido que a missão adventista era apenas de evangelizar os índios não só do Brasil, mas da Guiana e Venezuela, como também de toda a América do sul e Caribe. Entendeu-se que não tinha nada a ver com questões políticas ou militares das referidas nações, mas nesse episódio, indiretamente os missionários adventistas contribuíram para a expansão e consolidação das fronteiras brasileira, pois grandes quantidades de índios se reuniam em torno dos missionários para ouvir falar de Jesus, e isso facilitou o trabalho dos militares brasileiros, pois estava feito o contato entre índios e militares.

Buscaremos em muitas reflexões analisarmos o contexto de mudança da antiga religião dos Taurepang. A Maloca Sorocaima onde habita uma pequena parte da população Taurepang aceitou ser catequizada pela religião Adventista do sétimo Dia, como também se posicionar com mais ênfase em defesa do ambiente. Procuramos identificar os elementos representativos dos seus mitos, seus deuses, e seus significados para suas expressões religiosas. Os Taurepang que não são Adventistas, até hoje acreditam numa figura espiritual chamada Kanaimé, um ser terrível com poderes extraordinários para fazer o mal, e acreditam também em xamãs, pajés e rezadores. Apesar de haver a prática de maldade por parte de algum desses seres, mesmo assim são bem aceitos entre seu povo e fazem parte integrante e principal da religiosidade.

A cultura Taurepang da Maloca Sorocaima está permeada de mudanças de

concepções, a busca por algo sagrado e novo, por um novo Deus e doravante passaram a ter uma maneira diferente de ver o ambiente ecológico, talvez devido à posição dos Adventistas de terem uma convivência harmoniosa com o Ambiente. Procuramos analisar os paradigmas religiosos que constituem os fundamentos da “nova religião” dos Taurepang e seus significados. Percebe-se pelas atitudes dos Taurepang que a religião Adventista do Sétimo Dia provê suporte espiritual, ou “alimento espiritual”. A busca pelo sagrado é intensa e parece satisfatória agora, pois as respostas da solicitação que os Taurepang fazem ao novo Deus, criador dos céus e da terra, veem, segundo os indígenas, rápidas e preenche a sede que têm pelo sagrado. Os Taurepang da Maloca Sorocaima se autoproclamam fiéis à religião Adventista do Sétimo Dia. Veja a expressão do Taurepang Bento Loyola sobre o céu:

Esse [o céu] aqui nosso lugar bom com Jesus, ninguém fica triste, ninguém vai cansar trabalhando, lá lugar bom e sol tá alumbrando tudo (...) mas que sol, nosso lugar. Aqui nós estamos no escuro, lá não escurece tudo alumbrado, esse não se acaba (...) o livro conta tudo’ (1988) Religiosidade e Adventismo – Taurepang – povos indígenas no Brasil, Acessado em 02/12/14.

A importância desses significados apresentados por um líder adventista Taurepang sobre os cultos religiosos é de vital sentido para a Maloca Sorocaima. Os cultos têm por finalidade principal ajudar a fortalecer a vida espiritual de cada membro da igreja, aproximando a criatura ao criador. Quando se refere à representação de Deus, os Taurepang afirmam que Deus e Jesus são espíritos (mas que possuem forma física também) e, portanto necessariamente devem ser adorados em espírito e em verdade. Ao contrário da antiga religião indígena que necessitavam de um intermediário para se comunicar com os deuses através do Xamã, Rezador ou Pajé; agora cada membro busca o criador do céu e da terra, o Deus vivo que dizem responder diretamente, sem precisar de intermediário.

Através de entrevistas realizadas, tivemos como base “uma epistemologia construtivista em uma constante reflexão (SPINK, 1993, p. 117)”. De posse desse pressuposto epistemológico, discutiremos as representações sociais, a partir dos dados empíricos da observação das tradições, dos dogmas e do cotidiano dos Taurepang Adventistas: o exercício da hermenêutica, o processo gerador desta teoria está “na interface entre teoria e observação empírica do cotidiano” (Ibid., p.117), para analisarmos as

experiências religiosas Taurepang atuais, as teorias das representações sociais devem ser entendidas enquanto forma de conhecimento, são estruturas cognitivo-afetiva e não podem ser reduzidas apenas ao seu conteúdo cognitivo (Ibid., p.118). As metas a serem avaliadas, mediante as fontes orais, direcionam para as representações da vida cotidiana dos Taurepang. Situações deste tipo nos traz a observação ocorrendo não como um encontro com a verdade, mas como “esforço de desconstrução da retórica da verdade” (IBANEZ apud GUARESCHI 1995, p.119). O senso comum pode vir a tornar-se um conhecimento legítimo, produzindo transformações que possam superar a noção de ciência-verdade, construída pela estrita racionalidade, protegida pelas teorias clássicas do cognitivo: “Trata-se, portanto, de uma ampliação do olhar de modo a ver o senso comum como um conhecimento legítimo e motor das transformações sociais” (SPINK, 1994, p.119).

Pretendemos observar e pesquisar a cultura complexa dos Taurepang, principalmente na antiga e na nova religião Adventista do Sétimo Dia e o interesse bem marcante indígena na preservação do Ambiente. Para tanto o cotidiano foi à base de referência importante. O Ambiente tornou-se uma questão fundamental para os Taurepang das Malocas Sorocaima e Bananal. Entende-se que a maioria dos povos indígenas tem seu próprio conceito de Ambiente, mas quando esse povo indígena passou a conviver com o “branco” e suas tecnologias de desenvolvimento sustentável, praticamente mudou grande parte da sua concepção de Ambiente, como é o caso da Maloca Sorocaima.

Os Taurepang têm uma produção que muito excede o seu consumo interno e o excesso é comercializado, uma parte no Brasil e outra na Venezuela. Chama-se excedente a produção que vai além de seu consumo interno em Sorocaima e seus produtos são basicamente: banana, frutos, carne, farinha, beijus, tubérculos, artesanatos tucupi e tantos outros que são comercializados nos mercados e feiras na cidade vizinha de Pacaraima no Brasil e também nos mercados e feiras da cidade de Santa Helena de Uairén na República Bolivariana da Venezuela.

Percebe-se que a preocupação deles com o Ambiente são bastante amistosos, pois temem que possa haver algum impacto Ambiental caso na Maloca Sorocaima não viva em harmonia com a Natureza, pois além das atividades comuns que realizam em seu habitat atual, também são pecuaristas. Devido essa atividade gradualmente está sendo degradante ao Ambiente, estão sempre prontos para contornar qualquer situação conflitante nesse

aspecto, assim também como no combate a incêndios florestais. Mas, os Taurepang ainda têm outra atividade mais peculiar que são os seus encontros religiosos e seus preceitos a serem observados e os fazem de uma maneira muito prazerosa segundo eles. O princípio cristão do Deus Criador da Terra e de tudo que nela há, faz lembrar o compromisso que os Taurepang têm de preservar o Ambiente.

Espera-se que a Ciência proverá um dimensionamento e uma visão unificada sobre a natureza, especialmente com a teoria geral da auto-organização e da dinâmica dos sistemas complexos no contexto do surgimento de um novo panorama industrial: as bioindústrias e eco indústrias. Torna-se importante uma ética da vida que seja cósmica e ecológica nas vertentes da ecologia humana, social, cultural e espiritual, pois uma ciência que cai numa visão antropocêntrica dogmática traz efeitos negativos.

(...) O ser humano foi feito por Deus como um ser vivo, marcado com seu corpo. Foi colocado no jardim do Éden “para cultivar e guardar” (Gn2, 15). Aqui o sentido é manifesto. O ser humano é amigo da natureza, trabalha com a terra (cultivar é isso), e é o anjo bom que a preserva. Esse sentido poderia ter limitado o outro, mas, na verdade, ficou apenas no papel ou foi espiritualizado (BOFF, 2008, p. 60).

É preciso, portanto, a “colocação de um saber ambiental, uma das mais subversivas questões que a humanidade se defronta” (Cf. KRAUSE, p.7-13 1996). O engenho humano foi capaz de acumular riquezas em grande escala, ao lado de uma constatação dramática: o monumental custo Ambiental do progresso. Ou mudamos de atitude, ou fatalmente sentiremos os efeitos trágicos produzidos pelo Ambiente em resposta pelos maus tratos causados pela humanidade. “A ideia ambiental não tem dono, todos somos donos e ao mesmo tempo somos também meio ambientes, pois aponta para uma subversão axiológica, chocando-se contra o conjunto de valores cristalizados e dominantes, a visão natural do mundo e das relações sociais” (Cf. KRAUSE, 1996, p. 7-13).

Às vezes necessariamente tem que adentrar profundamente no fenômeno para que se possam entender as diferenças. Estas condições podem superar a relação complexa entre a objetividade e subjetividade, pondo em dúvida a concepção de neutralidade científica. É de suma importância a percepção da noção de rigor nas Ciências Sociais. A técnica que está

sendo usada para a interpretação tem o embasamento de vários autores e múltiplos mecanismos. Quando nos referimos acima sobre o construtivismo tocamos a objetividade conduzindo-o para o lado das probabilidades, evidenciando que a verdade dos meios não está no “rigor e sim na compreensão dos limites e possibilidades [...] cada método de estudo constitui objeto de estudo de uma maneira particular” (SPINK, 1993, p.127-128). Esses elementos metodológicos múltiplos, cuja interpretação do fenômeno faz de forma aberta, a validação nessas condições não se limitam apenas por uma suposta neutralidade, nesse aspecto, afirmou Spink: “Como aponta na epistemologia da complexidade, que sucede a epistemologia do realismo ingênuo, a objetividade é produto do consenso sociocultural e histórico da comunidade científica, regida, portanto pelo signo da intersubjetividade” (Ibid., 1993, p.128,129).

Na contextualização do ideário simbólico Taurepang, precisamente na Maloca Sorocaima, foi importante a utilização de métodos que não se exclui elementos fornecidos pelo senso comum. A estrutura de formas para identificar as concepções representadas socialmente planejadas o meio de análises. Mediante a essas circunstâncias que a técnica de combinação ou de junção de ideias para esclarecer as representações socialmente compartilhadas que vem sendo empregadas por pesquisadores das Representações Sociais. Dados coletados a partir das entrevistas sobre uma circunstância social e também sobre os conteúdos históricos nos apontam os indivíduos enquanto sujeitos sociais (Ibid., 1993 p. 129).

Somos levados ainda a usar aspectos da metodologia de análise, avaliando as observações em campo, transcrevendo as entrevistas, realizando uma leitura dos seus conteúdos, observando as contradições das versões dos entrevistados, procurando detalhar as interpretações mais sutis, compreendendo detalhadamente a organização do discurso e também determinando o objeto das representações. Existe, porém outras formas de interpretar as entrevistas: “Mapear o discurso a partir das dimensões internas da representação: seus elementos cognitivos, a prática do cotidiano e o investimento afetivo [...] no caso de representações complexas, é mapear o discurso a partir dos temas emergentes definidos a partir da leitura flutuante e guiados pelos objetivos do pesquisador” (Ibid. 1993 p. 131).

Tendo como base a pesquisa de campo, analisamos os diversos significados dos

aspectos da cultura Taurepang, a sua religiosidade e as razões que levaram esse povo a aceitar a Igreja Adventista do Sétimo Dia como sua nova religião. Notou-se uma forte tendência para a preservação Ambiental, talvez seja a influência da nova religião neste aspecto. Para podermos compreender as representações construídas pela Maloca Sorocaima baseamos nossa pesquisa em todos os textos possíveis e obras, como fonte bibliográfica, informações da internet, que tratam do contexto sociocultural Taurepang e ainda em obras históricas de autores brasileiros e estrangeiros, para compreendermos a influência da Igreja Adventista do Sétimo Dia entre os citados indígenas.

A seguir iniciaremos o segundo capítulo que faz referências ao povo Taurepang e suas últimas relações com sua antiga religião, assim também seus relacionamentos com o Ambiente por onde interagiram no perímetro da Tríplice Fronteira da Venezuela, Brasil e Guiana Inglesa. Seus novos relacionamentos religiosos tendo como a Igreja Adventista do Sétimo Dia a sua nova religião. Uma nova convivência com dogmas da nova religião, tendo agora novos conceitos sobre Ambiente. Como ocorreu o envolvimento dos Taurepang com a Igreja Adventista do Sétimo Dia, A participação de missionários estrangeiros e a formação da Maloca Sorocaima.

CAPÍTULO 2

O POVO TAUREPANG, OS ADVENTISTAS E AMBIENTES.

1 O povo Taurepang, sua antiga religião e Ambiente

Na vida religiosa do povo Taurepang é muito comum encontrarmos figuras místicas, como no caso de majom-ggóng que às vezes é confundido com alguma pessoa, devido à mesma receber o ser espiritual majom-ggóng, ela é chamada também de Majom-ggóng. Mas, o majom-ggóng é um ser espiritual que moralmente tem a incumbência de curar as pessoas, embora para que isso se realize é necessário que alguém do povo se disponha a aceitar o ritual difícil e árduo para se tornar um Xamã, cuja uma das finalidades é realizar curas entre seu povo. Nesse ritual o Xamã tem habilidades para diagnosticar doenças e poderes para curá-las. Mesmo que seja um objeto estranho detectado dentro da barriga de uma pessoa, algo volumoso e deletério ao paciente, mas sendo um especialista em curas, o Xamã às vezes não retira o objeto da barriga da pessoa se não ela morre. Essa crença não só é vivenciada no meio indígena como também em algumas religiões que praticam esse ritual. Majom-ggóng e o Xamã⁶ são chamados por outros nomes também.

Normalmente o Xamã procura fazer seus rituais de cura, sozinho: ele e o doente. No máximo uma assistente que pode ser sua esposa. Para efetuar uma cura o Xamã faz um longo e complexo ritual para receber o ser espiritual majom-ggóng. Começa falando com sua voz natural, depois sua voz se modifica; entende-se que a partir desse momento começou a atuar o majom-ggóng, porque a sua voz adquire a tonalidade feminina e também imita sons de vários animais com perfeição incrível. O Xamã faz seu ritual com danças e coreografias variadíssimas ao som de apitos, gritos abafados, assobios agudos, chocalhos, levam-se várias horas nesse ritual e a expectativa lá fora da cabana é muito grande para saber qual o resultado final, se é para a vida ou para a morte do paciente.

Costuma me convidar para seus conjuros noturnos. É que só posso ficar do

⁶ Xamã: Em certos povos, indivíduos escolhidos como sacerdote e a quem são atribuídos poderes sobrenaturais ao entrar em estado de transe, com o dom de incorporar espíritos, adivinhar coisas, curar doenças etc.

lado de fora, já que a cura ocorre na cabana escura e fechada. Fico agachado bem junto à parede externa. Ouve-se primeiro, sua voz natural numa espécie de recitativo longo com acompanhamento rítmico do chocalho. Então ele faz ressoar um cântico insinuante. Após breve pausa, ouve-se uma voz feminina em falsete, à maneira com que disfarçamos nossa voz nos bailes de máscaras entremeados de assobio agudo, grito de alegria, sopro abafado há-gsch... Há-gsch... Ou há-sch – há-sch –. E assim vai, sempre alternadamente, sob constante chocalhar. Só de ouvir a gente já fica bem tonto e entende o efeito hipnótico que um tratamento como esse deve exercer sobre um doente. Normalmente, os conjuros duram das 8 às 10 horas da noite. Durante toda a cura, a mulher de Manduca fica sentada ao lado dele e cuida para que o seu charuto não se apague; de tempos em tempos, ele assopra a fumaça do charuto nas partes doloridas, completando, assim, a narcose do doente. O chocalho mágico, uma cabaça pequena e oca, espetada num bastão, com pedrinhas ou sementes duras dentro para chocalhar, desempenham importante papel nessas curas. Manduca o guarda com outros utensílios mágicos num cesto com tampa muito bem amarrada, na casa de sua sogra. Às vezes, Hermininha esquece o chocalho, então o senhor doutor não pode trabalhar (KOCH – GRÜNBERG, 2005, p. 68).

O Kanaimé⁷, pelo fato de ser místico, ora os índios Taurepang dizem que é um ser espiritual, mais também às vezes o confundem com algumas doenças, especialmente com a terrível malária que assolava sorrateiramente a Amazônia Brasileira e a Guiana Inglesa no século XVIII. Os Taurepang consideravam também as pessoas muito más como se fosse um Kanaimé, esse tipo queriam bem distantes de suas aldeias. Os Taurepang sempre foram capazes de discernir entre o conhecimento do bem e do mal. Sabiam definir quem era bem vindo ou não no seu habitat, sempre se mantiveram cautelosos com a presença do Kanaimé:

Quem experimentou no próprio corpo as agudas febres na Guiana, especialmente a malária com os seus sintomas, entende essa crença dos índios. Matar um Kanaimé é uma boa ação, e não acontece nada com o homem que faz isso. Às vezes, o Kanaimé veste a pele de uma onça ou veado e assusta as pessoas com ela. Os Seregóng e Ingarikó no alto cotingo ao norte do Roraima são considerados aqui-kanaimé muito mal. Diz-se que

⁷ Kainamé ou Canaimé ou ainda Kanimî é traduzido da língua Taurepang para a língua portuguesa. Ele é o misto de pessoa, animal e espírito que ataca as pessoas de forma violenta. Como é chamada a figura espiritual e ao mesmo tempo física, que mata as pessoas sem chance de sobrevivência entre os indígenas da região. Há relatos de muitos indígenas que viram pessoas serem atacadas pelo Kanaimê e não tiveram como sobreviver. Ele é causador de doenças seguida de morte (ARAÚJO, 2006, p. 33).

alguns Seregóng se estabeleceram outrora na maloca bonita junto à serra Mairari, que é habitada por índios Taulipang e Makuschí. Mas que, então, na condição do Kanaimé, mataram várias pessoas sem motivos. Por isso, Pitá não quer gente dessas tribos em sua aldeia. Diz-se que os Ingarikó moram a apenas dois dias de viagem do Roraima, na mata fechada; têm cabelo comprido, como as mulheres, o rosto bastante tatuado e canoa de casca de árvore. Que os Taulipang do Roraima já se misturam muito com os Deregóng (KOCH – GRÜNBERG, 2005, p. 70).

Para os povos chamados “civilizados” pode ser uma “lenda”, mas para os Taurepang pelo menos em meado do século XVIII o Monte Roraima era uma cidade inglesa petrificada pelos deuses de seus antepassados. Dizem os indígenas ingleses há muitos anos passados construíram essa cidade, depois de pronta a abandonaram deixando uma vasta riqueza enterrada no solo. Talvez por essa razão quando os ingleses apareceram para evangelizá-los no Monte Roraima, foram bem recebidos pelos Taurepang, pensando que eram os donos da cidade petrificada. Também afirmam os Taurepang que todos os estrangeiros após subir o Monte Roraima e descerem morrem em sua pátria quando retornam:

Os Taulipang de hoje contam que o Roraima é uma cidade inglesa encantada e petrificada. Que os avós deles viveram aqui. Dizem que ainda se encontram muitas mercadorias do monte. Que, por isso, os descendentes, os ingleses, sempre voltam aqui para procurar esses tesouros. Todos os estrangeiros que sobem o Roraima morrem após regressar a sua pátria, diz um velho Taulipang. Pergunto-lhes acerca das tribos além do Roraima. Dizem que a leste, no Sipurini, que deve ser idêntico ao Monte Roraima (KOCH – GRÜNBERG, 2005, p. 111).

Com a chegada dos missionários ingleses ao Monte Roraima, cuja missão era liderada pelos padres católicos romanos, a ideia era catequisar os índios e implantar uma forte igreja às bases do Monte Roraima, mas não deu certo tudo se desmoronou. Aliás, nem tudo, os Taurepang assimilaram as doutrinas cristãs e em seguida fizeram fusão com a sua religião anterior. Como os missionários católicos foram embora e passaram muito tempo para retornar, os Taurepang começaram a se utilizar das doutrinas dos padres, mas ao mesmo tempo também cultuavam seus deuses próprios:

Certa vez, acordo sobressaltado de manhã cedo, meio desperto, e já começo a acreditar em alucinações. Numa casa vizinha alguém canta Heil

dir im siegerkranz⁸. Trata-se, naturalmente, de algum hino religioso inglês traduzido para a língua indígena com a melodia de God save the king⁹. Meu pessoal diz que Semelar fala inglês. Todo o seu vocabulário se restringe ao alfabeto inglês e ao contar até 10, e ele gosta de mostrar seu conhecimento sempre que possível. Desses dóceis cristãos também faz parte para a monótona Arärúya, que entre os habitantes de Kaualiánalemóng, quase suplantou totalmente os belos cantos e danças antigos [...]. Semelar não quer nada com os Beneditinos do Surumú. Parece que o inglês morto é culpado dessa aversão. Pelo menos, os Taulipang me contam histórias estranhas dele. Quando soube, pelos índios, de minha estada e meu trabalho, em Koimélemong, disse-lhes que eu daria aos padres as fotografias que tirei deles. Então, todas as pessoas que eu fotografei teriam que ir morar com os padres, e estes a levariam para a sua terra, para guerrearem lá contra ele! Bem, ele também coletou objetos etnográficos, cestos, arcos, flechas e coisas semelhantes. Talvez ele fosse uma espécie de concorrente. Os Taulipang pronunciam seu nome Pasing ou Fasing, contam que veio para cá do norte, do outro lado do Roraima, do fim do céu, com um criado Makuschí e que já estava doente quando chegou. Que ficou somente um mês aqui. Contam que, mais tarde, veio um Mekoró e levou seu espólio. Os índios o enterraram fora da aldeia, na savana aberta, junto a um riachinho espumante, próximo a uma enorme rocha Tselaúrayäpiapö, e ergueram um pequeno abrigo acima de sua cova. Agora, em meio a essa paisagem grandiosa, ele descansa de toda fadiga desta vida (KOCH – GRÜNBERG, 2005, p. 116 e 117).

A vida do povo Taurepang Tribal é recheada de narrativas e mitos, assim como os povos ditos “civilizados” tem seus heróis, semelhantemente ocorrem com os povos indígenas. Na Região Norte do Brasil precisamente no estado de Roraima e na parte do Sul da Venezuela existe vestígios dos feitos da figura mitológicos mais imponentes para os povos indígenas chamadas de Makunaíma. A história de Makunaíma é contada por vários povos indígenas, cada um a sua versão, mas percebe-se que quase todos os povos o têm como um herói. Makunaíma tinha uma família, seus irmãos eram: Ma’nápe, Anzikilan, Wakalámbe e Anike, todos foram figuras importantes nos trabalhos desenvolvidos por Makunaíma. Na narrativa Taulipang são mencionados, além de Makunaíma, quatro irmãos, assim chamados: Ma’nápe, Anziklan, Wakalámbe e Anike. Jingué não aparece nesta narrativa. “No lugar dele aparece à figura Ma’nápe, o desgraçado. O narrador confirma que derruba árvore, malgrado o inteligente Akuli (um roedor), que a descobrira, procurar dissuadi-lo. Akuli profetiza o dilúvio” (KOCH – GRÜNBERG, V. 2, 2005, p. 20 - 21).

Makunaima é o supremo herói do povo Taurepang. Como é um ser místico, às vezes

⁸ Os indígenas fizeram uma junção de língua estrangeira com a língua nativa, por isso não tem tradução.

⁹ Deus salve o Rei.

é visto como um grande herói, mas às vezes é tido como um ser mau, que tem um péssimo caráter, muito ligado ao mau. Segundo os princípios Taurepang o seu nome significa o grande mau. Porém, é interessante notar que os ingleses missionários ao estabelecerem contatos com esse povo indígena tiveram uma ótima impressão desse herói, tendo os missionários traduzidos a Bíblia para a língua dos Arawoio, um povo vizinho dos Taurepang colocando o herói Makunaíma como o deus cristão:

O nome do supremo herói-tribal, Makunaíma, parece conter como parte essencial a palavra maku = mal e o sufixo aumentativo, ima = grande. Assim, o nome significaria o seguinte: o grande mal, que calha perfeitamente com o caráter intrigante e funesto desse herói. Tanto mais digno de reparo é o fato de os missionários ingleses em suas traduções da Bíblia, para a sua língua dos Arawoio, vizinhos e aparentados dos Taulipang e Arekuna, denominarem o deus cristão com o difamado nome Makunaíma (KOCH – GRÜNBERG, Vol. 2, 2005, p. 21).

O grande herói dos Taurepang é um grande transformador, chega a transformar pessoas e animais em pedras, e vai muito além, após um grande caos que ocorreu na terra e chegando um incêndio universal, conseguiu fazer feitos de um deus, criando novos homens, ou seja, nesse mito ele recriou a civilização humana. O herói ainda vai mais longe, chega a multiplicar-se, através da magia feri o seu corpo, e as suas feridas lança-as pela a terra formando pedras cortantes para ferir os futuros viajantes. Makúnaíma, como todos os heróis tribais, é um o grande transformador de seres vivos e não vivos. Transforma pessoas e animais em pedras, algumas vezes por castigo, na maioria das vezes; porém, em outras situações por pura maldade. Também é criador. Ele fez, como já foi dito, todos os animais de caça, bem como os peixes e outros seres.

Durante a marcha sobre a montanha Makunaíma provoca, por meio da magia ferida no próprio corpo lança-as depois pelo caminho, onde as transforma em pedras, que ainda hoje provocam feridas nos caminhantes, nesses lugares (KOCH – GRÜNBERG, Vol. 2, 2005, p. 21 - 22).

Makunaíma realizou grandes feitos, como por exemplo, a árvore do mundo e a

grande enchente: foi um período em que o herói e seus irmãos passaram muita fome, mas mesmo assim eram desunidos. Akúli saía para os campos e florestas e voltava sempre com a barriga cheia, enquanto seus irmãos passavam fome. Até que um dia Makunaíma mandou outro irmão seguir os passos de akúli e achou uma grande árvore com seus frutos e deu a informação a Makuníma e seus irmãos foram até à árvore e conseguiram derrubar, mesmo contrariando a vontade de Akúli. Passaram algum tempo comendo esses frutos e sempre buscavam um alimento melhor.

Akúli outra vez comeu frutas do pupú Kalí subiu numa árvore próxima para ver. Akúli voltou e disse a Makunaíma: “lá não há nada!” Kalí, porém trouxe uma fruta na mão e disse a Makunaíma: “esta é a fruta que Akúli sempre come!” Makunaíma saboreou a fruta e disse a Akúli: “já descobrimos o que tu comestes!” Então Makunaíma e seus irmãos foram com Kalí e Akúli para junto dessa árvore. Makunaíma queria derruba-la, mas Akúli não queria consentir. Então os irmãos a derrubaram [...] (KOCH – GRÜNBERG, Vol. 2, 2005, p. 45).

Os irmãos heróis lutam incessantemente para encontrar a árvore do mundo e obterem uma melhor alimentação. Até aquele momento não tinham o domínio do fogo, por isso comiam todos os alimentos crus, peixe, carne e etc. Os heróis descobriram um pássaro chamado mutum que estava sempre próximo e possuía o fogo. Depois de muitas estratégias conseguiram o que tanto desejavam que fosse o fogo:

Eles ainda não possuíam o fogo e por isso comiam tudo cru, peixe, caça tudo. Procuraram fogo e acharam o passarinho Mutum, o qual, segundo se dizia, tinha o fogo. O pássaro estava pescando. Makunaíma amarrou-lhe um barbante ao rabo sem que ele notasse. Logo o pássaro se assustou, levantou o voo e levou o barbante consigo. Este era muito comprido. Os irmãos seguiram o barbante e acharam a casa do Mutum. Da casa eles, então lançaram fogo. (Talvez o tenha levado a força). [...] (KOCH – GRÜNBERG, Vol. 2, 2005, p. 45).

Prosseguiu Makunaíma em busca da árvore do mundo. Nota-se que algumas vezes os irmãos de Makunaíma são mais expertos, pois nessa corrida para achar essa árvore, os

seus irmãos acharam primeiro e revelaram a makúnaíma. Todos os irmãos foram ao encontro da árvore e disputaram na derrubada da árvore para qual lado fosse cair, pois esse seria fértil e próspero. Mas, antes que começasse a derrubada, Akúli armazenou muitos frutos e lenha dentro do buraco grande da árvore como provisão para as prósperas gerações. Finalmente a grande árvore veio ao chão e o toco formou uma grande montanha que se chamou Monte Roraima.

Akúli juntou cada vez mais frutas e lenha, enfiou tudo no buraco do tronco e o entupiu com cera de abelha. [...] Makunaíma, porém, golpeava mais depressa que Jigué e dizia sempre: “Elupa-yég, Makúpa-yeg, Palúlu-yeg: “então este lado ficou cada vez mais mole””. A árvore quebrou-se. [...] Caiu por cima da árvore Elu-yég e por cima da árvore Yulywazaluina-yég. Makunaíma também derrubou essas árvores. (Seus tocos formam hoje as montanhas Elú-tepe e Yuluwazaluimá-tepe. O toco da árvore Wazaká forma o Roraima. Todas estas montanhas tem o formato idêntico e são muito altas.) as árvores caíram todas para o outro lado. Por isso ainda hoje há por lá muitas bananas, milho, algodão e muitas frutas silvestres (KOCH – GRÜNBERG, Vol. 2, 2005, p. 46 - 47).

Makunaíma continuou a transformar seres vivos em grandes rochas e montanhas, transferindo-se para o outro lado do Monte Roraima em seus afazeres de herói. Talvez fazendo suas façanhas, mais para o lado da Venezuela. Faz parte da cultura dos Taurepang o cuidado pela preservação dos mitos, naquele momento que não dominavam a escrita, mas tudo era catalogado nas memórias dos mais velhos e estes tinham a incumbência de transmitir aos mais jovens.

[...] Makunaíma foi então para o outro lado do Roraima onde deve estar vivendo até hoje. Lá ele transformou homens e mulheres em rochedo, bem como saúvas, antas e porcos do mato. Uma rocha perto de Koimélemong e um porco que enfia a cabeça na terra. Na montanha Aruayáng acha-se uma grande panela, coberta por uma sexta; na serra do mel há uma bolsa de caçador transformada em pedra (KOCH - GRÜNBERG, Vol. 2, 2005, p. 50).

A narrativa do dilúvio é outro mito bem presente, pois fortalece as faculdades espirituais dos Taurepang. O povo Akawoio da Guiana Inglesa repassou para os Taurepang

que todos os atributos da criação do mundo foram de Makunaíma. E ainda mais que todos os seres vivos criados por ele falavam. Aparece aqui nessa narrativa o filho de Makunaíma chamado de Sigu e foi por meio dele que era instrutor e coordenador de animais falantes que conseguiu descobrir a água em abundância quando cortaram uma árvore. E de seu tronco jorrou muita água formando lagos e rios, obviamente recheada de uma enorme diversidade e quantidades de peixes e todos os outros seres aquáticos:

Os Akawoio da Guiana britânica contam que os animais e as aves foram feitos, ao criar-se o mundo, por Makunaíma, o grande espírito, que nunca foi visto pelo homem. Todos os animais, naquela época, falavam. Sigu, o filho de Makunaíma, imperava sobre eles. Viviam juntos em perfeita harmonia e submetiam-se ao seu governo brando. Eram diariamente mandados em todas as direções, a fim de colherem, nas matas, os alimentos necessários, e na volta cada um trazia uma parte dos melhores alimentos encontrados para seu protetor e senhor, como prova de respeito. [...] Com o auxílio de todos os animais e aves cortou a árvore; resultou, porém, que o toco estava oco e cheio d'água, na qual nadavam ovas de todas as qualidades de peixes de água doce. Sigu determinou a distribuição de diferentes qualidades de peixes, nos rios e lagos [...] (KOCH – GRÜNBERG, Vol. 2, 2005, p. 154).

O Kanaimé também é uma figura mitológica importante para o povo tribal Taurepang, esse ser é muito falado, respeitado, temido, pois é considerado por muitos como um ser antropológico. Talvez os Karib tenham esse nome devido às práticas canibais que possivelmente fizesse parte de seus ritos espirituais, entretanto não entraremos nesse assunto (das práticas canibais) se sabe que eles quando voltavam vitoriosos da guerra mastigavam a carne dos inimigos mortos e depois cuspiam. Esse ritual era apenas uma demonstração de vingança e adquirir para si a força do inimigo. Todavia é muito questionável se os Carib eram canibais, pois quem relatou essa questão não foram seus amigos e sim seus algozes, os invasores europeus. Portanto são informações duvidosas e preconceituosas. O Kanaimé é tão temido que alguma tribo muito má, que matam as pessoas, é considerada pelos Taurepang como Kanaimé, na verdade Kanaimé verdadeiro é um ser espiritual invisível que consegue conviver entre os Taurepang normalmente.

Não obstante o parentesco próximo da sua língua como a dos Taulipang e

Arekuná, foram em tempos idos seus inimigos Fidagais e ainda hoje são temidos pelos vizinhos, que os tem como 'Kanaimé', assassinos ocultos e mágicos perversos. Na mitologia não é raro ter a lembrança de uma tribo inimiga contribuída para formação de um espírito maligno. Sua qualidade de antropófagos explica antigos hábitos animais (KOCH - GRÜNBERG, V. 2, 2005, p. 24).

A astrologia está ligada intimamente na cultura dos Taurepang. Afirmam que a lua possui duas mulheres, respectivamente Vênus e Júpiter, uma é bem tratada, está sempre gorda e a outra fica sempre na escassez de alimento. Essa ideia de gorda e magra são as fases da lua cheia e minguante. Para muitos Taurepang essa narrativa era um suporte para eles possuírem duas mulheres. A poligamia ocorre entre o povo Taurepang assim como nas diversas sociedades humanas existentes hoje. Na compreensão deles quando ocorre um eclipse é porque o espírito mal feriu a lua e o sol por isso derrama sangue. O povo Taurepang há muito tempo observam e estudam as estrelas e constelações:

Explicam as fases da lua da seguinte forma: a lua possui duas mulheres, os planetas Vênus e Júpiter, com as quais mantém relações alternadamente. Uma a trata muito bem, a outra deixa que ela passe fome, de maneira que hora gorda e hora magra. O exemplo da lua figura com razão habitual da poligamia existente entre aquelas tribos. Nos eclipses um espírito maligno fere com o tacape a face do sol e da lua, escorrendo sobre eles. Estrelas e constelações: Na língua de AKALAPIJEIMA, KAIUANÓG, Vênus, aparece, da mesma forma que a lua, apenas transitoriamente, sendo o papel principal desempenhado pelo sol. As duas filhas do sol e da lua não são mencionadas formalmente como estrelas. De acordo com uma explicação do narrador, a lua teve de cada uma de suas mulheres uma filha (KOCH – GRÜNBERG, Vol. 2, 2005, p. 28).

A nossa via láctea é uma das bases sagradas para os Taurepang, pois acreditam que os seus mortos passam a morar lá, é uma espécie de cemitério. O Cruzeiro do Sul é uma importante estrela e associam a uma ave silvestre muito linda e encantadora chamada mutum. Talvez pelo formato das estrelas denominasse a essa ave com esse nome, mas também a chamam de galo silvestre. Os astros têm uma importância muito grande para os Taurepang, pois de lá vem à força espiritual; os deuses se comunicam com eles vindo do além e para o além vão os espíritos dos seus ante queridos:

A via láctea é o caminho das almas dos defuntos para o outro mundo por isso é pouco provável que, como julga Ehrenreich, sua particular ramificação dessa ideia de uma árvore, que encontra uma explicação na árvore mundial produtora de todas as plantas e frutas úteis. Duas lendas da presente coleção refere-se à formação de constelações. O cruzeiro do sul é um enorme mutum (o galo silvestre sul-americano) voando, perseguido com a sarabatana pela respeitável vespa Kamatuá, alfa do centauro, sendo o caminho iluminado por uma tocha pela planta mágica Kunawá, beta do centauro (KOCH – GRÜNBERG, Vol. 2, 2005, p. 28).

O ciclo de enchente e vazante nos rios de Roraima é sempre intercalando uma grande cheia, ou seja, enche os rios a ponto de causar inundações nas cidades, trazendo calamidades públicas. O efeito contrário é percebido pela diminuição das águas, quando secam demais os rios e igarapés. Nessa época ocorrem muitos focos de incêndio que não se sabe como surgiram talvez nesse período aparecesse um grande foco no território dos Taurepang:

Incêndio Universal (Narrado por: Mayuluáípu, índio Taulipang) Após uma grande enchente e quando tudo havia secado, veio um grande fogo. Toda a caça se escondeu em um buraco dentro da terra. Ninguém sabe onde ficava esse buraco. Tudo foi consumido pelo fogo: os homens, as montanhas, e as pedras. Os rios secaram; por isso acham-se, de vez enquanto, grandes pedaços de carvão na terra (KOCH-GRÜNBERG, Vol. 2, 2005, p. 50).

O encantamento é uma das formas utilizadas pelos Taurepang como ritual espiritual, quando querem se comunicar com os deuses, animais ou conseguirem alguma coisa mágica que está sobre os poderes desses animais. A magia está intimamente ligada aos Taurepang, pois todos os seus rituais espirituais estão entremeados de magia:

O encanto EMPUKÚJIMA, que é utilizado para matar homens à distância, estava primitivamente na posse do demônio maligno PIAI'MA. E pelo pequeno lagarto SELEZELEG, homens, que ainda hoje dele se utilizam. Aparecem animais como proprietários mágicos, que os homens recebem por meio da astúcia ou da força, ou ainda por meios pacíficos, para depois novamente perdê-los para os animais. No mito 29 os animais mostram aos

homens como utilizar-se destes aparelhos mágicos. Em todas as mitologias há animais caridosos, eles não só ajudam aos homens, como também aos seres demoníacos, com suas forças naturais e mágicas (KOCH – GRÜNBERG, Vol. 2, 2005, p. 33).

Os Taurepang sabem bem como funciona o ritual dos mágicos, dos encantadores, pois algum tempo atrás se fazia presente no meio desse povo alguns que mudavam de aparência física e se apresentavam como médicos ou como feiticeiros e procuram chamar a atenção de alguém para demonstrar seus poderes ou mesmo aparecem visivelmente, neste caso eles se utilizaram de pássaros para que os meninos se distanciassem bastante da sua maloca e corresse um bom tempo atrás dos pássaros, flechando-os, mas não conseguiram acertá-los, porque eram dois médicos – feiticeiros que estavam em forma de pássaros. Em certo momento na caçada os meninos se depararam com dois escravos plantando fumo, em seguida os escravos afastaram as crianças dos pássaros e rapidamente os pássaros se transformaram em pessoas. Porque eram chamados de médicos – feiticeiros? Porque curavam muitas doenças inclusive aquelas que eles próprios colocavam nas pessoas:

Tauapéni, um menino, saiu com os irmãos pequenos Oklanag, Kauáiuiai, Pakálamoka e Ilóngali. Encontram passarinhos Djiádji. Os irmãos não tinham comido apesar de terem comida consigo eles queriam flechar os passarinhos, que eram muito mansos, mas não acertaram. Os pássaros cantaram: 'Djiá-Djiá'. Os meninos correram, cada vez mais, atrás dos pássaros, para neles atirar, mas nunca acertaram. Então encontraram escravos, Kalépiga de Piai'mã, o dono do fumo. Os escravos estavam plantando. Os meninos atiraram nos passarinhos e as flechas caíram no meio dos escravos. Estes disseram: 'Não furem os nossos olhos!' os escravos afastaram as crianças dos passarinhos e se transformaram em gente para as crianças, pois eles queriam ter as crianças para seus parentes estes escravos antes tinham sido pássaros [...] (KOCH – GRÜNBERG, Vol. 2, 2005, p. 72 - 73).

Sobre o mito do surgimento das araras os Taurepang narram que há muito tempo as araras vermelhas eram pessoas e muito importantes: eram médicos – feiticeiros. Eram dois irmãos e moravam próximos a uma casa que também moravam duas irmãs. Depois de algum tempo em que os rapazes se relacionaram como bons amigos, as moças se

propuseram a namorar e posteriormente a se casarem com os rapazes, o moço mais velho aceitou a proposta, mas o mais novo recusou a proposta. Então os irmãos resolveram fugir das moças e quando as meninas se acordaram pela manhã choraram bastante porque perceberam que tinham ido embora:

No tempo atingido as araras vermelhas, Uazalá, eram gente e médicos – feiticeiros. Eram dois irmãos. O mais velho se chamava Tautáuale e o mais moço Koméluiá. Também viviam duas meninas. A mais velha se chamava Anaúlike, a mais moça Lamolauában. As moças queriam casar-se com os irmãos, porém o irmão mais moço não queria. Os médicos – feiticeiros vomitavam fumo no porto e as moças o acompanhavam. O irmão mais moço estava farto delas. Disse para o mais velho: “Vamos embora e deixemos essas mulheres aqui!” Voltaram para casa e quando as meninas estavam dormindo, os dois irmãos se foram. Arrancaram todas as plantas medicinais, Kumí e etc., que cresciam na entrada da casa e as levaram consigo. De manhã as meninas acordaram e elas e a mãe dos médicos – feiticeiros não encontraram mais as dois irmãos. Choraram muito. Os médicos – feiticeiros tinham ido para a sua casa (KOCH – GRÜNBERG, Vol. 2, 2005, p. 109).

Passaram-se alguns dias e os jovens se encontraram novamente e a moça mais velha fez a mesma proposta anterior para o irmão mais velho. De tanta insistência dela ele aceitou o convite, mas outra vez o médico – feiticeiro mais jovem não aceitou o convite da jovem mais nova. Novamente os irmãos resolveram fugir deixando as moças solitárias. Nesse episódio aconteceram vários encontros amorosos entre o casal mais velho e até então nunca houve encontros amorosos entre o casal mais jovem, por determinação do médico mais jovem que sempre rejeitava a moça:

[...] Então a moça mais velha dormiu com o médico – feiticeiro mais velho. Mas o médico – feiticeiro mais moço não queria saber da outra menina. Então o irmão mais velho disse: “dorme com ela até amanhã de manhã e então a manda embora!” Mas o irmão mais moço de forma alguma queria. Então o irmão mais velho disse: “deita-te com a mulher na rede, ela com a cabeça pra cá e tu com a cabeça para lá e quando as mulheres dormirem, nós iremos embora!”. Quando as mulheres acordaram no dia seguinte, os irmãos já tinham ido [...] (KOCH – GRÜNBERG, Vol. 2, 2005, p. 110).

Finalmente em um dos encontros amorosos o médico – feiticeiro mais jovem resolveu aceitar a moça mais jovem e passaram momentos agradáveis, mas eles nunca perderam seu propósito que era de se manterem sempre solteiros e de novo arquitetaram outra fuga, abandonando as suas parceiras:

As meninas o seguiram, pois acharam rastros, um pouco de areia, que tinha ficado dos pés. Choraram e cantaram. Foram muito longe. Finalmente encontraram os irmãos. O Caxiri que tinham levado já estava muito azedo. Antes que as meninas lhe dessem o Caxiri, o irmão mais velho disse para o mais moço: “Vamos beber o Caxiri delas, para enganá-las e para que fiquem alegres e pensem que não as queremos mais enganar. Então lhes daremos também o Caxiri e quando estiverem embriagadas vamos embora!”. Assim o fizeram e as meninas ficaram embriagadas. O médico – feiticeiro mais velho dormiu com a menina mais velha (KOCH – GRÜNBERG, Vol. 2, 2005, p. 110).

Mais uma vez os médicos – feiticeiros enganaram as moças, todavia parece que essa foi a última vez, pois quando estavam se preparando para a última investida, como feiticeiros ingeriram uma porção mágica e passaram também no corpo transformando-se em araras vermelhas que saíram cantando e voando alto em direção às montanhas:

Então mandaram as meninas buscar água num córrego distante porque as queriam deixar lá. Quando as meninas estavam a caminho, o irmão mais moço disse: “Vamos embora!” mastigaram Kumí e untaram todo o corpo, transformando-se em Uazalá, araras vermelhas [...] (KOCH – GRÜNBERG, Vol. 2, 2005, p. 110).

Os irmãos médico – feiticeiros que agora passaram a serem araras vermelhas continuaram voando a procura de uma montanha bem alta, frondosa e bonita para se instalarem e curtir uma nova vida, a vida de arara. Mas, as moças não ficaram sossegadas, após muitos prantos, resolveram agir e conseguiram ainda um pouco da porção mágica dos irmãos enganadores e tomaram e passaram em todos os seus corpos. Transformaram-se em araras amarelas e escolheram habitar as margens do rio Urarikuéra. Hoje as araras

vermelhas que se encontram nas montanhas são descendentes dos irmãos médicos – feiticeiros e todas as araras amarelas que estão às margens do rio Urarikuéra são ancestrais das duas irmãs:

Voaram seguindo pelas montanhas. A montanha Mairarí disse às duas araras: “sentem-se em cima de mim! Será o meu enfeite de cabeça” as araras responderam: “não nos podemos sentar aqui! Aqui, não há Inajá! Aqui não temos comida!” e passaram voando. Urakima pediu a mesma coisa; depois Ualamai-tepe. E sempre voaram para diante. Finalmente baixaram sobre a montanha Kanukú-tepe (KOCH – GRÜNBERG, Vol. 2, 2005, p. 111).

Os povos indígenas seguem um critério bastante criativo sobre a expressão autoria de suas artes, da criação do mundo e da estética diferenciada dos ocidentais. Seus critérios, por exemplo, tem o maior sentido na realidade que se chama mítico. Esse mítico definem vários temas como o surgimento dos povos indígenas, dos seus antepassados, da formação da Natureza e também como foi à criação dos povos não indígenas e tantos outros temas que formam a base dos conhecimentos atuais dos povos indígenas.

Outra forma medonha nestes mitos, que tem certa semelhança com PIAI’MÃ, é KASANA-PODOLE, o “pai do urubu rei”. Vivem com sua tribo, os urubus-reis e os urubus, no céu, onde ele e sua gente, depois de despir a vestimenta de penas se transformam em homens (GRÜNBERG, 2006, vol.2, p. 25).

Nos mitos descritos pelo escritor Mundurucu eles definem os acontecimentos que tudo era registrado oralmente e estes nos ensinam “a olhar, conversar e ouvir o que o rio (da vida) tem para nos contar” (MUNDURUCU, 2002, p.18). As narrativas, os cantos e as manifestações indígenas só serão compreendidos satisfatoriamente se conhecermos os seus costumes, seu modo de vida, sua cosmovisão, suas vivências, tradições, seus ritos e festas. Escolhemos o mito Makunaima devido ser narrado pelos próprios índios. Makunaima é oriundo das etnias Taurepang, Pemon, Macuxi, Wapischána e Ingarikó que estão instalados atualmente do extremo norte de Roraima, fronteira com a Venezuela e Guiana Inglesa.

Na versão de Henderson, o “trickster” é equivalente à primeira fase na evolução do

mito, pois este é o período mais “primitivo” da consciência. O herói sempre é submisso aos seus próprios desejos, se for necessário age de maneira rudimentar, perversa, seus atos são inconsequentes. Desenvolvem períodos malignos, mas também pratica atitudes divertidas. Na verdade sua natureza é mutante e tem dupla personalidade, é animal e divino, também é profano e sagrado; tenta aproximar-se da figura de um salvador. Henderson descreveu o (trickster) desta forma:

O estágio inicial e rudimentar na evolução do mito, do herói em que o personagem é instintivo, desinibido e por vezes, infantil. Para o autor, a forma de evolução criadora começa, evidentemente, numa escala de existência pré-consciente, infantil ou animal. A ascensão do ego ao estado de ação consciente efetiva torna-se clara no mito do verdadeiro herói da cultura (HENDERSON, 2001, p.145 e 165).

Na cosmovisão Taurepang o Pajé é uma figura que se apresenta como um excelente contador de histórias é um personagem que armazena e arquiva as histórias, os conhecimentos gerais e sagrados do povo e também o guardião dos segredos das plantas, dos animais e Natureza. O Pajé quando sonha, não sonha como nós sonhamos, entra em transe e a partir daí tem o poder transformador, por isso pode se autotransformar em seres míticos:

Enquanto herói, a deidade Makunaima pode realizar mudanças que são impossíveis a seres mortais como Kone'wó. Juntos, Makunaima e Kone'wó preparam o terreno para que os Pemon continuem habilitando o engano e os truques através do movimento, da transformação e da linguagem (SÁ apud MEDEIROS, 2000, p.242).

Na concepção indígena na Natureza há um espírito protetor dos Pajés, pois esses espíritos podem se apossar deles e realizar um fenômeno sobrenatural a qualquer momento, desde que haja necessidade. Acontecem em uma linguagem inconsciente das imagens muito antigas que vem à sua mente e também das simbologias que se apoderam dos Pajés é que se comunica entre si. Nesse momento de transe são orientados pelos deuses a praticar atos bons ou maléficos. Concernente ao cristianismo ocidental a

cosmovisão Taurepang não vê como uma visão dualista, porém os mitos estabelecem uma inter-relação e também uma reaproximação de forças do mal e do bem, ou seja, forças antagônicas, uma lutando contra a outra, disputando o espaço espiritual na mente dos indígenas.

Na cosmovisão dos Taurepang eles têm um grande aliado na antropologia, referindo-se ao Theodor Koch-Grünberg, quando este antropólogo narra à história de Makunaima em um processo de transformações, onde finalmente este herói termina sendo exilado em um espaço longínquo muito além do Monte Roraima, ou seja, na Guiana “a terra dos ingleses”. Onde subsiste até hoje. Medeiros definiu assim: “Isso não nos esclarece sobre o que ele estaria fazendo lá: o personagem parece ser agora uma pálida imagem do que foi outrora, e o fato de mais digno de nota, tornou-se como uma pessoa de quem há muito tempo não se tem notícias” (MEDEIROS, 2002, p.242).

Para os não índios, Makunaima é um mito muito famoso de feitos extraordinários, mas na cosmovisão dos Taurepang não é um mito e sim semideus, um deus ou um ser do além que é imortal, portanto podendo ainda reaparecer para o seu povo e realizar grandes façanhas como fez no passado. A Amazônia para os Taurepang é o seu mundo onde tem tudo, não lhes falta nada. Tudo que necessitam para a sobrevivência é suprido pelo ecossistema. Sem a ganância de acumular, como no capitalismo bens ou alimentos; a Natureza, os rios, a floresta e todo o ecossistema são reverenciados pelos Taurepang como doador e mantenedor da vida:

Diria, atendo-me especificamente aos contos recolhidos por Koch-Grünberg que nas histórias com final feliz frustrado é como se a floresta amazônica tudo devorasse, primeiro a aldeia ou a cabana e, depois, as próprias paragens míticas, cujas existências pressupõem a oposição a um mundo familiar. Sobre a floresta, resplandece um céu estrelado, linguagem que não é mais dos índios nem a linguagem dos moradores das paragens terrestres. Seria o brilho do desastre, do final feliz frustrado, em suma, a eloquência dos mortos que responde à nudez da floresta viva, mas esvaziada de homens (MEDEIROS, 2002, p.244).

Os Taurepang acreditam que os deuses ou seres espirituais se apresentam através dos seres humanos treinados e capacitados para recebê-los. E que se revelam no estado

inconsciente, em uma espécie de compartimento do cérebro do ser humano capaz de guardar registros de imagens bem arcaicas, que chamamos de arquétipos. Arquétipo vem do grego e pode ser traduzido como: “arché” (antigo) e “tipos” (marca ou impressão). Portanto os arquétipos têm por finalidades construir representações de imagens do passado e revelá-las para o presente. Com a atuação do arquétipo conseguimos compreender semelhanças de lugares arcaicos com lugares do presente, isso nos projeta para um estado psíquico que parece ser comum para a maioria dos seres humanos.

A terra na cosmovisão indígena, é a mãe de todos, é vida, é o espaço vital, a terra é de Deus, e Este deu a todos os seres vivos, ninguém é dono de nada, tudo pertence a Deus. Na cosmovisão indígena a terra não é propriedade do ser humano e sim os humanos é que são propriedades da terra, pois eles foram formados dela.

No capítulo seguinte será esplanada a história dos Taurepang desde sua classificação linguística, a família Caribenha, seu envolvimento com o Marechal Rondon, o importante apoio que deram ao governo brasileiro no momento das tensas negociações entre Brasil, Venezuela e Guiana Inglesa nas definições dos seus limites geográficos no extremo norte do Brasil, onde hoje é o estado de Roraima. A missão adventista que teve início na Guiana inglesa e sua expansão no Brasil e Venezuela. A expulsão do pastor Davis e os Taurepang adventistas da Venezuela, a formação da cidade de Pacaraima, a descrição da Cordilheira de Pacaraima, a preocupação dos Taurepang com o Ambiente; como fundaram a Maloca Sorocaima e decidiram morar na Cordilheira de Pacaraima. A Maloca Sorocaima e as práticas da religião Adventista do Sétimo Dia e suas relações com o Ambiente.

2 Os Adventistas do Sétimo Dia e Ambiente.

A Guiana Inglesa foi o primeiro espaço geográfico da América do Sul a receber a presença da Igreja Adventista do Sétimo Dia¹⁰, ocorrido em 1883, através de um aluno adventista que havia estudado no Colégio Adventista de Battle Creek nos Estados Unidos,

¹⁰ Alusão à Igreja Adventista do Sétimo Dia que se refere a uma denominação cristã protestante a que os Taurepang são convertidos. Segundo Andrello, em 1927, com a chegada da Comissão de Inspeção de fronteira feita pelo Marechal Rondon, encontram o missionário britânico adventista A. W. Cott. Existindo também outro em 1911. Esses missionários foram bem acolhidos pelos Taurepang, visto que havia inteligibilidade à doutrina adventista no colégio Taurepang que, posteriormente, constituiria um movimento profético (ANDRELLO, 1993, p. 106).

que veio para esse território divulgar os dogmas adventistas para os indígenas. Todos esses lugares que a Igreja Adventista do Sétimo Dia, atua como: Guiana Inglesa, Venezuela, Caribe, México, América Central e Colômbia são administrados pela Divisão Inter Americana.

Observou-se que o papel da Igreja Adventista do Sétimo Dia no mundo é de difundir os ensinamentos de Cristo, não se envolvendo com a política partidária, pois a sua firme convicção é levar o Cristo morto, mas ressuscitado e prestes a retornar a este mundo para resgatar a sua igreja, ou seja, qualquer pessoa que aceitar Jesus. Este convite é para aqueles que querem ir para o céu, a morada do Deus Altíssimo, como afirmou Farias:

Embora as principais informações sobre a Guiana Inglesa tenham chegado à *Review and Herald* em fevereiro de 1886, a presença adventista neste território foi anterior, já que o autor do artigo, um colportor¹¹ chamado T.E. Amsterdam, diz aos leitores que um dos conversos da Guiana já era aluno no Colégio de Battle Creek. Acredita-se que já em 1883 havia publicações adventistas no país, fazendo deste território o primeiro a ter presença adventista na América do Sul (VIEIRA, 1993, p.82). O pastor adventista O. E. Davis (Ovid Elbert Davis) em 1906 foi escolhido pela Organização Adventista para coordenar os trabalhos da Missão Adventista na Guiana: “nos três anos seguintes se abriram três escolas e se iniciou a atividade assistencial e médica” (FARIAS, 2006, p. 155).

Um dos elos mais fortes que uniram os Taurepang aos adventistas foi o dom profético. A Igreja adventista acredita ser a igreja do Deus criador dos céus e da terra, segundo suas crenças crê ser a sequência do povo de Israel, não como um estado político, mas como o Israel espiritual e assim como Deus falava antigamente com o povo de Israel através de um profeta, também ela acredita ser o “Israel Espiritual” e ter o privilégio em pleno século XXI, de se beneficiar de instruções divinas recebidas através de uma profetiza chamada Ellen Golden Harmon, com profecias revelando passados e futuros inéditos, favorecendo diretamente a Organização Adventista, cuja mesma é detentora desses originais. Assim se expressou a profetiza adventista Ellen White quando teve sua primeira

¹¹ Um missionário adventista que trabalha tempo integral e exclusivo para difundir a mensagem de Cristo através da venda de literatura adventista, sem remuneração da organização adventista. Mantém-se financeiramente com os recursos oriundos das vendas dos livros.

visão:

Na igreja de Fleming situada na Rua Casco a mensagem de Miller alcançou a família de Roberto Harmon; e assim a juvenzinha Ellen, uma futura fundadora da Igreja Adventista do Sétimo dia dedicou a vida à esperança do advento (MAXWEL, 1982, p.18). [...] Enquanto orava, o peso e agonia de alma que havia tanto tempo eu suportavam, deixaram-me, e a bênção do Senhor desceu sobre mim, semelhante ao orvalho brando. Louvei a Deus de todo o meu coração. Tudo parecia excluído de mim, exceto Jesus e sua glória, e perdi consciência do que se passava em redor. [...] Quando voltei para casa no dia seguinte, grande mudança ocorrera em meu espírito. Dificilmente me parecia ser eu a mesma que deixara a casa de meu pai na noite anterior (WHITE, 1988, p. 30).

Os Taurepang haviam recebido manifestações proféticas sobre a guarda do sábado, bem antes dos adventistas terem chegado a Guiana Inglesa, ao que parece ser um vínculo bastante óbvio entre os indígenas e os adventistas. Os Taurepang guardavam o sábado como um sinal entre Deus e seu povo segundo afirmam receberam instruções de Deus através de um profeta da própria etnia Taurepang em épocas remotas e assim não receberam informações do chamado mundo “civilizado”:

“De qualquer forma, segundo a interpretação apresentada nas publicações adventistas, índios já sabiam da guarda do sábado antes do contato com os missionários da igreja, o que só seria possível pela revelação divina” (FARIAS, 2006, p. 161).

O Pastor adventista Davis viajou durante quase um mês de Georgetown na Guiana Inglesa até a aldeia de Kawarianá na base do Monte Roraima para evangelizar os Taurepang pela primeira vez naquela localidade. O missionário adventista logo estruturou uma missão nessa aldeia com o apoio do profeta Jeremiah, líder do movimento religioso chamado Aleluia dessa comunidade. As pretensões do pastor adventista eram animadoras e duradouras, pois pretendia voltar logo à Guiana e enviar outro pastor para coordenar os trabalhos evangelísticos até voltar pela segunda vez a essa aldeia; mas em poucos dias seus planos foram frustrados, pois se sentiu debilitado de sua saúde antes mesmo de chegar a Kawarianá acometido de uma intensa febre, possivelmente de uma doença conhecida

atualmente como malária que na época não tinha cura, causando-lhe a morte de uma maneira inesperada e repentina.

No dia 25 de junho, Davis estabeleceu uma missão, já que era seu interesse retornar e manter missionários entre índios (...). Em 30 de julho, a despeito de seus ataques de febre, Davis alcançou a aldeia de Kawarianá, na região do Monte Roraima. O chefe da aldeia chamado Jeremiah, não estava o que desanimou Davis (...). No dia 01 de julho, Davis reuniu algumas mulheres para ensinar-lhes as letras iniciais de duas músicas: "I studied the Sabbath School Lesson and taught several Indian women the first line of 'no not one' and sweet by & by"¹² (Diário de O.E. Davis) (FARIAS 2006, p.165 e 166).

O etnólogo e antropólogo Theodor Koch-Grünberg, em outubro de 1911 em uma expedição ao Monte Roraima visita o túmulo do Pastor adventista Davis três meses depois do seu falecimento. Theodor um alemão dedicado em desvendar a situação antropológica e etnográfica dos povos indígenas nas fronteiras do Brasil, Guiana Inglesa e Venezuela registrou uma imagem da sepultura do Pastor Davis e também fez menção ao profeta Jeremiah. Paralelamente à missão adventista na Guiana Inglesa, Brasil e Venezuela com os Taurepang, continuava a se desenvolver o movimento profético chamado de Aleluia surgido há muito tempo atrás. O profetismo Taurepang, ou seja, índios Taurepang profetizando e fazendo previsões do futuro divulgadas por um xamã. Percebe-se que esse fenômeno chamado profetismo entre os indígenas é muito antigo, bem antes do contato com os colonizadores europeus era utilizado esse tipo de crença, todavia tornou-se mais evidente a partir do século XIX. Ficou conhecido como religião aleluia, fato ocorrido "na metade do século XIX, surge à religião chamada Aleluia, a partir de elementos Karib (Kapon e Pemom) e cristãos, que se difundiu entre diversos grupos indígenas. A palavra Aleluia esteve vinculada à intensa religiosidade registrada entre esses grupos desde o século XIX" (FARIAS, 2006 p.157).

A religião Aleluiah nasceu entre os Taurepang e se expandiu por várias etnias nas Fronteiras do Brasil, Venezuela e Guiana Inglesa. Até então nesse período os povos indígenas nessa região eram praticantes de suas experiências religiosas na base do Monte

¹² Eu estudei a lição da escolar sabatina e ensinei a várias mulheres indígenas as primeiras estrofes da música "não, nenhum" e "amável salvador".

Roraima onde estavam instaladas várias aldeias, dentre elas as duas mais destacadas eram as aldeias venezuelanas de: Teunok praticante da religião Aleluia ou Halleluiah, mas simpatizante da Religião Católica Romana cujos trabalhos estavam sendo realizados pelo Padre inglês Cary Elwes que foi muito bem recebido nessa aldeia e recusado pelos índios da aldeia Kawarianaremong. Por isso o missionário católico romano fez um trabalho intensivo de catequização de vinte dias entre os Taurepang do Monte Roraima. Mas a aldeia Kawarianaremong ou Kauarianá, tinha uma profunda admiração pela Igreja Adventista do Sétimo Dia e rejeitava o batismo da Igreja Católica; assim, também como era praticante assídua da religião Aleluia. Descobriu-se que eram aldeias rivais entre si por convicções religiosas. A aldeia que gostava da Igreja Adventista tinha como líder o profeta Jeremiah, que logo se familiarizou com os ritos sagrados dos adventistas ensinados pelo Pastor Ovid Elbert Davis, também conhecido entre os índios como Davis Pacing que foi o primeiro adventista atingir o Monte Roraima. Andrello faz a seguinte afirmação sobre o assunto:

(...) Ao que parece, à adoção do catolicismo correspondia, ao mesmo tempo, o abandono do Aleluia, enquanto que no caso do adventismo não haveria contradição. De modo importante, em Kawarianaremong, o chefe Jeremiah, era assíduo praticante da dança do aleluia (...) Raimundo afirma que o Aleluia praticado em Kavarianeremong era uma “criação” de seu avô. Os cantos ensinados pelo pastor teriam sido adaptados às antigas danças, e daí teria nascido o Aleluia (...) (ANDRELLO, 1993, p.125).

Os trabalhos de evangelização da Igreja Adventista com os Taurepang, de início não houve nenhuma restrição, tudo parecia se encaixar bem com a religião Aleluia, mas conforme o tempo foi passando muitos seguidores do movimento religioso Aleluia perceberam que para ter uma comunhão íntimo com Deus criador dos céus e da terra necessitavam abandonar certas práticas religiosas como o xamanismo, o curandeirismo e tantas outras práticas religiosas contrárias aos princípios bíblicos; abster-se de conviver maritalmente com várias mulheres ao mesmo tempo e abandonar seus deuses primitivos. A Igreja Adventista por sua vez precisava manter os seus dogmas em evidência que são opostos ao do xamanismo. Ao que parece, após esse contato dos missionários católicos romanos e missionários adventistas com os Taurepang do Monte Roraima, os religiosos se ausentaram por um bom período de tempo; os adventistas só enviaram outro missionário

após 16 anos; nesse período de os Taurepang fizeram várias adaptações na sua religião baseada no xamanismo e nas crenças adventistas e católicas e formaram a religião Aleluia ou Halleluiah. Assim definido por FARIAS:

(...) Aleluia não é apenas uma reunião de ideias e costumes derivados de duas culturas distintas. Na verdade, um movimento religioso original surgiu em que índios propagavam “sonhos” e “visões”, com conteúdos cristãos reinterpretados segundo o xamanismo indígena. Os “profetas” do Aleluia alegavam ter contato direto com Deus e outros espíritos celestiais, que eles revelavam mensagens sobre a vida após a morte, por exemplo (FARIAS, 2006, p. 158).

A incessante repetição da palavra “aleluia”, nas comemorações e festas dos Taurepang principalmente nos encontros religiosos derivou o movimento ou a religião chamado Aleluia¹³ ou ainda Halleluiah, que possivelmente teria surgido no fim do século XIX. Esse fenômeno se difundiu entre os índios da Guiana Inglesa, Brasil e Venezuela. Esse movimento não dispunha muitas regras e dogmas a serem reverenciados, pois o destaque marcante era as sucessivas batidas dos pés no chão, porém em uma perfeita sincronia concomitantemente com a pronúncia da palavra “aleluia”; danças e o uso de uma bebida alcoólica chamada caxiri¹⁴, a noite inteira. “(...) Uma datação precisa de sua emergência é impossível, sendo, no entanto, provável que tenha se consolidado entre as décadas de 70 e 80 do século XIX (...)” (ANDDRELLO, 1993, p.114).

Nas bases do Monte Roraima sem combinação prévia estavam instalados os missionários adventistas e missionários católicos; nesse ambiente o Pastor adventista Davis começou seu trabalho evangelístico com os Taurepang na aldeia de Kawarianá, pois esta comunidade se mostrou receptiva aos trabalhos do Pastor, apesar do líder dessa aldeia não está presente no momento em que Davis chegou ao local. Nos poucos dias de ausência do profeta Jeremiah, os trabalhos do Pastor avançou muito, havia pregações falando a respeito

¹³ Aleluia, Halleluiah ou Areruia: movimento religioso nascido no final do século XIX entre os índios Arekuna, Akawaio, Taurepang, Macuxi e Patamona e que se espalharam vindo a chegar entre os Ingaricós no Rio Branco, Norte de Roraima, Brasil. Areruia é a pronúncia com que esses indígenas se expressam para falar sobre essa religião.

¹⁴ Caxiri: Uma bebida indígena feita com um líquido retirado de uma raiz chamada mandioca, que é a mesma que se faz farinha na Amazônia. A mandioca é ralada e a parte líquida chama-se tucupi, depois de vários dias exposta ao sol aferventando- se vira essa bebida alcoólica muito forte.

dos evangelhos de Jesus Cristo, momento de louvor ou “serviços de cânticos” como era chamado naquele contexto; era o momento que os Taurepang aprendiam as músicas cristãs em inglês. Quando retornou de uma viagem o profeta Jeremiah apoiou fortemente a missão adventista em sua aldeia. Com a ajuda do profeta Jeremiah a missão adventista começou a se expandir e em poucos dias se viam reunido aproximadamente 140 indígenas para ouvir o pastor Davis falar de Jesus:

(...) A sede da missão católica possuía alguns simples edifícios, com paredes de barro e cobertos de palha. (...). A missão existia na região há pouco tempo, desde 1910, quando, com muita dificuldade e até mesmo ameaças do lado brasileiro, os missionários puderam se estabelecer. (...). No dia 9 de julho, diz que havia cerca de 140 pessoas reunidas, algumas delas vinda de longe. (...). O chefe indígena Jeremiah chegou à aldeia apenas no dia 15 de julho. Não há detalhe nesse primeiro encontro. No dia 16 Davis escreveu: Jeremiah gave me a piece of dried venison. Jeremiah present 2 meetings, all declared their faith in the teachings and promised to keep the Sabbath, and asked me to establish a mission for them, as no minister had ever called on them before me. I agreed to do so¹⁵ (FARIAS 2006, p.167 e 168).

A pesar da ausência de missionários adventistas na Venezuela por um bom período de tempo as doutrinas adventistas continuaram sendo difundidas pelos Taurepang mesmo sem uma liderança adventista oficial. Continuou surgindo outros profetas indígenas como o caso de Okawa que profetizou que o sábado deveria ser guardado e reverenciado, pois esse dia era a marca ou sinal entre Deus o Criador do universo e seu povo e os “Davis Indians” como eram conhecidos os seguidores do pastor Davis. Os Taurepang sentiam-se bem ao reverenciar o sábado e cultuar o seu Criador nesse dia. Após esses acontecimentos chegou o sucessor de Davis à Venezuela, o Pastor Cott e sua esposa Betty também missionária. Na década de 30 do século XIX a Igreja Adventista cresceu muito na Venezuela com seus relevantes trabalhos desenvolvidos não só na parte missionária, mas também na área social fez com que proliferasse rápido o adventismo¹⁶; com esse crescimento rápido e destacado a

¹⁵ Jeremiah me deu um pedaço de carne de veado seco. Jeremiah esteve presente em duas reuniões. Todos declararam sua fé nos ensinamentos e prometeram guardar o sábado, e pediram-me para estabelecer uma missão para eles, como nenhum ministro tinha sido convidado antes de mim, eu concordei em fazê-lo.

¹⁶ Adventismo: movimento religioso surgido em meado do século XVIII, tendo como principal líder O pastor Guilherme Miller, que anunciou a volta de Cristo a essa terra para outubro de 1844, algo que não ocorreu.

Igreja Católica Romana da ala franciscana começou a perder parte de seus fiéis e tomou providências duras em comum acordo com o governo da Venezuela para expulsar os adventistas da Gran Sabana¹⁷. O governo venezuelano proibiu que missões religiosas fossem dirigidas por estrangeiros, com exceção da Igreja Católica da ordem franciscana que ficou com a incumbência de catequizar os índios da região da Gran Sabana.

No natal de 1911, o missionário celebrou uma missa na aldeia que, segundo conta, reuniu vários grupos Taurepang vindos de outros lugares, a fim de conhecê-lo. Em seguida, o missionário partiria ao encontro dos beneditinos na missão do rio Surumu, levando uma impressão otimista quanto à catequese dos índios do Monte Roraima (ANDRELLO, 1993, p. 123).

Em 1931 o governo desse país decretou a expulsão dos missionários adventistas, no caso Cott e sua esposa Betty e também índios adventistas; a partir desse momento ficou proibido aos adventistas Taurepang habitarem na Venezuela e falarem de Deus e de seus credos em praça pública. No dia em que foi declarada a expulsão de Cott e sua esposa ambos estavam em Trinidad. Chegando a aldeia Akurima (na Venezuela) as forças militares venezuelanas foi recebido pelo líder adventista indígena André, que foi espancado pelos militares. Vale salientar que nessa aldeia havia em torno de 900 indígenas adventistas; com essa perseguição desintegra-se a maior concentração adventista da Gran Sabana, a aldeia Akurima; permanecendo apenas os adventistas no anonimato, ou seja, cultuando o seu Deus em suas casas sem poder falar de suas convicções religiosas em público, caso desobedecessem às ordens, seriam presos e torturados.

Os Taurepang contam ainda que os militares venezuelanos, “a mando dos padres”, teriam sido demasiado violentos com seu líder André. Contam que teriam preso André em um galinheiro, mantendo-o preso sem comida por alguns dias (ANDRELLO, 1993, p. 133).

Depois de algum tempo organiza-se a Igreja Adventista do Sétimo Dia com os mesmos ideais da volta de Cristo, mas sem marcar data.

¹⁷ A Gran Sabana está localizada na parte Leste e Sul da Venezuela e inclui uma grande área de planalto é denominada por Savanas abertas que enfatizam os Tepuys. No Brasil, no Estado de Roraima próximo à Fronteira com a Venezuela este tipo de floresta é conhecido por Lavrado brasileiro.

Em 1932 do século XIX quando o missionário americano Cott deixou a Venezuela designou como líder o Taurepang André para continuar os trabalhos religiosos naquele local. O tempo foi passando e se formaram novos líderes Taurepang adventistas na Venezuela, um deles foi Francisco filho de André. Posteriormente se deslocou para a aldeia de Sukabi onde estava funcionando uma missão adventista na Guiana Inglesa; ali esse líder indígena ajudou na liderança da Igreja Adventista aproximadamente por 14 anos e depois resolveu voltar à Venezuela. Nesse período estava bem instalada a Missão Católica da Ordem dos Franciscanos dentro da Vila de Santa Elena, hoje Cidade de Santa Helena de Uairén¹⁸. Francisco com uma vasta liderança reuniu muitos adventistas Taurepang dispersos e lançou o desafio para a implantação de uma escola estilo internato adventista ao Sul de Santa Helena de Uairén; surgiu então a Aldeia de Maurak¹⁹, posteriormente se inaugura a escola-internato de Maurak, onde funciona na atualidade exemplo de tantos outros internatos adventistas no mundo, estudando moças e rapazes sem distinção de raça, cor ou credo:

(...). Francisco, filho do chefe André, permaneceu na missão em Sukabi, por cerca de quatorze anos. No entanto, decidiu retornar para a região de Akurima, na Venezuela, onde havia a missão católica de Santa Elena funcionando. Reunindo vários índios que não haviam aceitado o catolicismo, fundou a aldeia de Maurak, ao sul da missão católica. A igreja formada em Maurak se tornou uma espécie de centro do adventismo para os índios (ANDRELLO, 1993, p.148 e 149).

As aldeias Teunok e Kawarianaremong sempre entravam em choque entre si em questões religiosas, uma acusava a outra de ser Kanaimé, quando essas aldeias têm o conhecimento do movimento adventista, Teunok faz oposição aos adventistas e Kawarianá aceitou o adventismo. O líder desta última era o profeta Jeremiah criador do movimento religioso Aleluia ou Halleluiah. Jeremiah esteve na liderança desse povo até por volta de 1916 quando morreu. Em seguida sua aldeia se desfez. Os Taurepang tentam reorganizar a

¹⁸ Uairén: A cidade venezuelana que faz fronteira com o Brasil é chamada de Santa Helena de Uairén. Uairén é uma palavra indígena.

¹⁹ Os Taurepang adventistas quando retornaram à Venezuela, após o fim da expulsão, fundaram a Aldeia Maurak próximo à Fronteira com o Brasil. Na década de 70, a Igreja Adventista venezuelana implantou uma grande escola nessa aldeia, para onde afluíam inúmeros estudantes de toda a Venezuela, ali permanecendo em regime de internato.

antiga Kawarianá, não conseguiram com o mesmo nome e mesmos ideais, mas surgiu no cenário uma nova aldeia: Maurak, onde despontou um sucessor de Jeremih, o seu neto o Tuxaua Raimundo liderando Maurak na década de 1990 do século XIX:

"As pessoas que foram pouco a pouco." Para Akurima, Yaruany para Manacri... Aí sim, não é tudo o que é se espalharam, porque me pai, tia, viviam onde o avô (Jeremih) morreu. Neste tempo era Capitão Aichi (Isaac) em Arabopo. É alterado para Arabopo, lá estão fazendo as pessoas. Aí desta vez fica Papaca. Aí entenderam, após Seremaza (Jeremias). Compreender mais e aceitar a religião. Depois de chegarem a Akurima e fundou a escola. Muitas pessoas chegaram a Akurima "(ANDRELLO, 1993, p. 126)".

O casal de missionários americanos Pastor Cott e Betty foram substituídos por três casais também missionários em 1930 do século XIX. Uma vez que a igreja adventista não estava mais atuando oficialmente na Venezuela, concentrou seus missionários nos territórios da Guiana Inglesa e Brasil. Foi um conjunto de situações que alavancaram o crescimento do adventismo nas fronteiras supracitadas. Várias doutrinas fundamentais adventistas foram ao encontro de algumas tradições religiosas dos Taurepang, como: a guarda do sábado, vida após a morte, a segunda vinda de Cristo à terra, uma morada na nova terra ou um novo paraíso e o batismo por imersão.

Além desse aspecto religioso os adventistas pioneiros contribuíram muito nas áreas de saúde pública, alimentação, higiene, assistência social, pequenas escolas e ética. Nesse período esses povos indígenas eram muito torturados, ora pelos holandeses e outras vezes pelos ingleses. Diante dessa situação apareceu nessa região o Marechal Cândido Rondon enviado pelo governo brasileiro para definir a fronteira brasileira com a Venezuela e Guiana Inglesa. De início como citado anteriormente o Tenente Facó²⁰ enviado por Rondon para espionar a Fronteira do Brasil com a Guiana, pareceu ter uma desconfiança dos missionários adventistas de ser um espião inglês para eliminar os indígenas do lado brasileiro e anexar mais território aos ingleses. Mas o tempo foi passando e Rondon entendeu que os adventistas não se inteviam na política partidária dos países. Esse trabalho religioso dos

²⁰ Facó era o nome de um dos Oficiais do Marechal Rondon, cuja missão era definir os limites territoriais do Brasil com a Guiana Inglesa e a Venezuela. A missão de Facó era sondar o "ambiente" na Guiana Inglesa e foi lá que ele se encontrou a pastor adventista Cott.

adventistas em conjunto com as estratégias militares do Marechal Rondon estruturaram os povos indígenas do lado brasileiro, pois o Marechal prometeu quem ficasse no território brasileiro teria terra para o seu povo e suporte em material para trabalhar no campo como terçado, machado e material bélico para auxiliar o Exército na consolidação das fronteiras. Por outro lado, os indígenas recebiam o apoio assistencial e espiritual dos adventistas; não houve nenhum episódio desagradável entre os adventistas e o Marechal Rondon; cada qual fez sua parte e por fim os indígenas foram beneficiados:

No final do ano, onze igrejas estavam em construção, e havia cerca de 1100 pessoas, vistas como potenciais membros batizados, frequentando treze Escolas Sabatinas. Pequenas escolas eram mantidas. Orientações sobre higiene, nos moldes da tradição adventista, eram sempre feitas, e registrou-se o tratamento de mais de 4000 doentes (GREENLEAF, 1932, p 335 e 336).

Ocorreram várias situações e muitas mudanças aconteceram na Venezuela, mudou o Governo, criou-se nova constituição no país e ficou favorável para o retorno dos Taurepang adventistas que foram exilados. Quase no final da década de 1950 do século XX retornam à Venezuela aqueles Taurepang adventistas e missionários desta organização que haviam sido expulsos da Venezuela, conforme afirmou Andrello:

Quanto aos índios do lado venezuelano, apenas em 1957 os missionários adventistas puderam efetivamente entrar no território, pois uma nova constituição no país garantia liberdade de culto. Nessa ocasião, os novos missionários chegaram de Caracas à aldeia de Apoipo, cujos moradores eram adeptos do adventismo, seriam recebidos pelos Taurepang dali e pelos da aldeia de Maurak. Com os missionários, chegou uma maior ortodoxia da doutrina, que até então se mantinha sob a liderança dos próprios índios (ANDRELLO, 1993, p.200 e 201).

O governo brasileiro percebendo que estava prestes a perder uma faixa de terra do seu território quase do tamanho da França e Itália juntas (do Rio Negro até a Colômbia, do Rio Amazonas ao Amapá, em direção ao Norte até a Venezuela), “resolveu criar no ano de 1957 do século XX, a Comissão de Inspeção de Fronteiras, comandada pelo Marechal Cândido Rondon e chegou ao rio Branco” (ANDRELLO, 1993, p. 106). Esta comissão foi

subdividida em cinco partes, uma delas foi resolver as questões dos limites do Brasil com a Guiana outra parte dirigida pelo próprio Rondon, saiu da Fazenda São Marcos subindo o rio Uraricoera e parte do rio Tacuru, depois seguiu em terra firme até chegar ao Monte Roraima, pois era uma de suas metas definirem nessa demarcação uma parte desse Monte para o Brasil. Os militares brasileiros levaram vários dias para chegar à Cordilheira de Pacaraima, depois outros tantos dias subindo a Cordilheira até o divisor de águas, situação que ficou definido entre o Brasil e Venezuela que ali seria a fronteira dos dois países.

Nesse contexto de definição de fronteiras era necessária a presença permanente das forças armadas e o Exército Brasileiro instalou o 3º Pelotão Especial de Fronteira nessa divisa territorial, onde Foi colocado inúmero marcos. Próximos ao marco número oito do lado brasileiro foram se instalando várias famílias para morar definitivamente, pois se sentiam seguros com a presença do Exército; surgiu então a Vila de Pacaraima conhecida também como B.V-8 (Brasil/Venezuela/marco 8) pois só se tornou viável a criação desta vila devido a criação da BR 174 ligando Manaus a Pacaraima e Pacaraima à Venezuela.

Intensificou-se cada vez mais o crescimento dessa vila. Vale salientar que por onde passa hoje a BR 174, há muito tempo era rota comercial (por dentro da floresta) dos Taurepang entre Brasil e Venezuela, pois anteriormente existia a vila de Santa Elena, na Venezuela. Mas, o crescimento rápido da Vila de Pacaraima ocorreu também pelo grande potencial de minério que a Cordilheira de Pacaraima possui principalmente ouro e diamante; então surgiu uma corrida desenfreada de garimpeiros para essa região.

Com o rápido crescimento, Pacaraima logo se emancipou tornando-se cidade em outubro de 1995, “como consequência da abertura da BR-174, na década de 1970, foi instalado o 3º Pelotão Especial de fronteira, a vila de Pacaraima, a atual sede do município, dentro da Terra Indígena” (SIMPLÍCIO, 2008, p.19). A cidade de Pacaraima²¹ em 2014 atingiu o índice de 11 mil habitantes, sendo a 8ª cidade em número de habitantes do estado de Roraima, está situada em uma altitude privilegiada de 920 metros, tornando-se o município mais elevado de toda a Região Norte.

²¹ Fica distante 220 km de Boa Vista e o acesso é pela rodovia BR-174, totalmente asfaltada a 1200m de altitude, a temperatura média anual oscila entre 21°C e 25°C, bem diferente do clima tropical quente de quase todo o restante do estado, em que a temperatura pode chegar facilmente aos 35°C. (GARMATZ, 2013, p. 361).

A cidade de Pacaraima, antigamente conhecida por BV8, está localizada na região Norte do estado de Roraima, na fronteira com a Venezuela. A sua história e localização está ligado à demarcação da Fronteira com o país vizinho, através da colocação de marcos divisória posto pelo Exército, entre eles, o marco BV8. Pacaraima é passagem obrigatória para quem vem de Boa Vista e deseja conhecer a Venezuela, o Monte Roraima e as praias do Caribe (GARMATZ, 2013, p. 361).

A Cordilheira de Pacaraima há muito tempo está sendo habitada pelos Caribenhos ou Carib, antigamente conhecidos como Pemong na Venezuela e Taurepang no Brasil. Apesar do grande esforço do Marechal Rondon na divisão das terras na Tríplice Fronteira, o Brasil apenas conseguiu 5% do Monte Roraima ficando a Venezuela com 85% e a Guiana Inglesa com 10%.

No norte da América do Sul, na porção leste do planalto da Guiana, mais precisamente na serra de “O Monte Roraima está localizado Pacaraima, na região do planalto coberto pela Gran Sabana. Divide-se em três países: Brasil a leste (5% de sua área), Guiana ao norte (10%) e a Venezuela ao sul e oeste (85%)”. ([WWW.peakbagger](http://www.peakbagger.com)²²). Acessado em 7/12/14.

Os Taurepang desde que se localizaram na Cordilheira de Pacaraima são guardiões de uma das nascentes do rio Surumu, importante rio de Roraima que desagua no rio Uraricoera e este se encontram com o rio Tacutu para formarem o Rio Branco. E o rio Branco se encontra com o rio Negro, um dos maiores rios do Brasil e que ao se encontrar com o Rio Solimões, forma o rio Amazonas.

O Ambiente está intrinsicamente ligado aos povos indígenas, pois convivem juntos há muitos séculos. Os Taurepang brasileiros nessas últimas décadas têm desenvolvido uma grande preocupação com a preservação Ambiental. Entende-se que o ser humano cada vez mais vem influenciando no equilíbrio ecológico do chamado planeta azul. As mudanças climáticas cada vez mais se tornam não apropriadas para a sobrevivência humana, pois a Natureza sofre com os maus-tratos ocasionados pelo ser humano. As nascentes dos mananciais estão sendo adulteradas, as queimadas indiscriminadas estão contribuindo para

²² Guiana Highlands ([http: www.peakgagger](http://www.peakgagger.com). (Com) / range. Asp? Rid=22 (em inglês). Peak. Bagger. (Acessado em 07/12/14).

o aumento do efeito estufa e conseqüentemente contribuindo para a diminuição da vida no nosso planeta. A consciência ecológica é uma das poucas alternativas para tentar retroceder essa catástrofe eminente, mas esse gesto não depende apenas das pessoas físicas e sim muito mais das pessoas jurídicas, ou seja, das grandes indústrias poluidoras principalmente dos países chamados de “primeiro mundo”.

Já vimos que as influências do ser humano no equilíbrio natural do planeta vêm atingindo magnitudes sem precedentes. As mudanças climáticas antropogênicas estão associadas às atividades humanas, com o aumento da emissão de gases do efeito estufa, em virtude de queimadas, desmatamento, formação de ilhas urbanas de calor etc.(...). Devemos conservar o meio ambiente e a diversidade do planeta terra, respeitar e cuidar da comunidade dos seres vivos, minimizar o esgotamento de recursos não renováveis, e tudo isso também tem que passar pela mudança de atitudes e práticas pessoais (OLIVEIRA, 2009, p. 302 e 305).

Os Taurepang resolveram trilhar de volta o caminho que haviam feito do Monte Roraima à Guiana Inglesa, quando os adventistas foram expulsos da Venezuela. Grande parte desses adventistas retornou para a Venezuela. O estado de Roraima está situado sobre o planalto das Guianas e tem um solo relativamente plano, mas também é formado por cadeias de montanhas, tem pouca vegetação de floresta a grande maioria da flora é chamada de lavrado, cujo mesmo tipo de floresta na Venezuela chama-se savana.

A fauna roraimense é rica em quantidade e diversidade, portanto os Taurepang saíram desfrutando desse ambiente rumo ao seu antigo território. Os mais jovens desconheciam essa rota, foram guiados pelos guerreiros mais velhos e experientes. O Ambiente roraimense sendo bastante diversificado em se tratando de rios, solos e avifauna “nas florestas de terra firme a leste de do Rio Branco, e nas várzeas e igapós do baixo Rio Branco e seus afluentes, como os rios Iruá (Viruá), Anauá, Água Boa do Univi, Jaupari, Ajarani. Desde então, foram adicionadas mais de 50 espécies à lista de aves do Estado” (SANTOS, 2004, p. 546).

As florestas de Roraima têm Ambientes bastante diversificados do Brasil, pois no estado apresenta basicamente dois tipos de florestas: a floresta tropical cuja maior parte está na terra firme, conhecida como lavrado, cuja vegetação é rasteira, são campos naturais,

esta abriga os cavalos selvagens de Roraima. Mas há outra parte da floresta chamada de várzea que durante o inverno fica submersa na água. No percurso que os Taurepang fizeram da Guiana até ao Monte Roraima depararam-se com todos esses tipos de florestas, atravessaram o lavrado guianense transpuseram o Rio Tacuru, adentraram no lavrado brasileiro habitando temporariamente em vários tipos de florestas até chegar ao seu destino final.

As savanas de Roraima formam parte do complexo de drenagem “Rio Branco-Rupununi”, com uma parte localizada no Brasil e outra na Guiana. Maiores savanas da região amazônica e o seu habitat em superfície de Roraima. As savanas ou lavrados (como são conhecidas estas formações vegetais na região), são áreas abertas que se caracterizam pela presença de plantas herbáceas e árvores isoladas, muitas vezes resistentes ao fogo (...) (NAKA, 2010, p.552).

O ecossistema roraimense forneceu toda a estrutura para a sobrevivência dos Taurepang no território brasileiro, passaram-se muitos dias para os Taurepang adventistas cruzarem toda a fronteira do Brasil e adentrarem novamente no território venezuelano. O ecossistema terrestre foi uma das bases para a subsistência dos indígenas nessa peregrinação. Vale salientar que os Taurepang nesse contexto histórico não estavam morando no Brasil, e sim apenas de passagem e se utilizaram apenas do que o ecossistema lhes fornecia no momento. Nessa trajetória cruzaram basicamente dois tipos de vegetação do ecossistema terrestre roraimense que foi a savana onde percorreram uma grande extensão de mais de 300 quilômetros até chegar à Cordilheira de Pacaraima. “No que se refere à vegetação, as regras de identificação e classificação seguiram uma evolução ao longo de todo o projeto na tentativa de levar em consideração as afinidades (...) estruturais e funcionais entre as topologias observadas (BARBOSA, 2010, p. 351)”.

O ecossistema de Roraima na época dessa mudança dos Taurepang rumo ao Monte Roraima, podia se dizer que era um ambiente “original”, mas com a implantação no final da década de 1970 da BR -174, que ligou Manaus a Roraima e conseqüentemente à Venezuela, ao Caribe e à América Central chegaram os “devastadores” do Ambiente, chamados de garimpeiros, esse episódio trouxe grande impacto para ecossistema, o “original”.

Neste sentido, entende-se como “original”, algo próximo da vegetação existente antes do aumento do fluxo migratório iniciado ao final da década de 1970 e incrementado entre os anos de 1980-90 devido ao “boom” do garimpo em terra indígena Yanomami (ALBERT, 1992). Isto porque, até 1975, Roraima possuía apenas 0,024% de área desmatada total (savanas e florestas), sendo considerado como praticamente intocado (BARBOSA, 2010, p.351).

O Monte Roraima é um dos maiores montes da América do Sul, está situado na divisa do Brasil com a Guiana Inglesa e a Venezuela, suas falésias tem cerca de 1.000 metros de altura, no seu platô o ambiente é muito diferente de qualquer vegetação brasileira. O clima, a fauna e a flora formam um complexo ímpar desse ecossistema. Seu ponto mais alto fica no Extremo Sul da Venezuela com 2.734,06 metros. Para os pesquisadores o Monte Roraima era um mito no período de sua descoberta, para os Taurepang era o céu do deus Macunaíma. Os pesquisadores o têm na atualidade como patrimônio da humanidade e os Taurepang de hoje o consideram como uma dádiva da criação do Deus altíssimo para os homens.

Segundo consta na maioria dos livros antigos de geografia, o monte Roraima tem 2.875m de altitude em relação ao nível do mar. Porém em 2005, o IBGE, (Instituto de Geografia e Estatística) em parceria com o IME (Instituto Militar de Engenharia) e através do Projeto Pontos Culminantes fez uma nova medição com auxílio de GPS e constatou que o Monte Roraima tem exatos 2.734,06m, tornando-se dessa maneira o sétimo ponto mais alto do Brasil (GARMATZ, 2013, p. 201).

O Monte Roraima foi descoberto em 1595 na época em que os colonizadores europeus invadiram a Ameríndia. No século XIX, pela primeira vez alguém pisou em seu platô no de 1884. A fauna, a flora e a parte geológica local sob os aspectos para estudar Monte Roraima: “Descoberto apenas no século XIX. O Monte Roraima foi escalado pela primeira vez em 1884, por uma expedição britânica chefiada por Everard Ferdinand im Thurn. Entretanto, apesar das diversas expedições posteriores, sua fauna, flora e geologia permanecem largamente desconhecidas”. www.monteroraima.com. Acessado em 7/12/14.

O Monte Roraima é extremamente bem diferente dos outros montes, na sua parte superior é formado um grande Platô, como se fosse uma grande mesa plana, mais ou menos nivelado, tem aproximadamente cinco quilômetros de largura com 10 quilômetros de

comprimento; somando-se uma superfície plana em torno de 30 a 50 quilômetros quadrado. No marco que divide a tríplice fronteira mede 2.734.06 metros de altitude. “O cume sub-horizontal do platô tem pouco mais de 10 quilômetros de comprimento e largura máxima de cinco quilômetros - para uma superfície de 33 a 50 quilômetros quadrados e mantêm-se acima dos 2.200 metros (com uma média de 2.600 a 2.700 metros)”. www.moteroraima. Acessado em 07/12/2014.

Do Monte Roraima surgem três grandes rios²³ um para cada nação da Tríplice Fronteira. O rio kamaiwa, afluente do rio Orinoco que atravessa a Venezuela; também começa o afluente do Cotingo que atravessa o território brasileiro (o Estado de Roraima) formando com outros rios o famoso rio Branco e este se conecta ao rio Negro no estado do Amazonas. Nasce o terceiro rio o Kako que forma em seguida o rio Essequibo banhando grande parte do território guianense “O platô do Roraima, que apresenta uma flora pobre, mas, em grande parte, única, tem depressões aqui e ali e forma um imenso reservatório que se estende longe para o norte (...)” (KOCH-Grünberg, 2006, p. 123). O rio Kamaiwa é um afluente do Orinoco na Venezuela, o Cotingo um afluente do Amazonas no Brasil e o Kako um afluente do Essequibo na Guiana. As três Fronteiras são bem abastecidas de água, proveniente do monte Roraima “(...) e manda numerosas artérias fluviais para os três grandes sistemas fluviais do Amazonas, do Orinoco e do Essequibo” (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p.123).

3 Os Taurepang Adventistas, a formação da Maloca Sorocaima e Ambiente

Depois que os Taurepang retornaram da Guiana, passaram pelo Brasil e cruzaram a Fronteira da Venezuela pela Cordilheira de Pacaraima. Alguns líderes mais experientes julgaram ser interessante fixar moradia definitiva nessa Cordilheira, mas outros resolveram prosseguir em sua jornada até alcançar dois lugares desejados, Santa Elena de Uairén, local de onde foram expulsos anteriormente e finalmente o Monte Roraima. Os Taurepang adventistas foram unânimes, em decidir fundar a aldeia de Maurak na Venezuela, próximo à fronteira do Brasil, como foi mencionado anteriormente. Os Taurepang desde tempos

²³ (veja uma matéria sobre este trek escrito por Dona Kennedy do New York Timer, no número de 31 de agosto de 2014).

remotos sempre foram comerciantes, faz parte de seu cotidiano à comercialização. Nesse contexto comercial intenso que faziam na Tríplice Fronteira, algumas famílias adventistas resolveram sair da aldeia Maurak e fixar residência na Cordilheira de Pacaraima, no lado brasileiro:

Em território brasileiro, os Taurepang localizaram-se na porção norte da região de campos e serras do Estado Roraima, área com fronteira entre Brasil, Venezuela e Guiana, tendo como vizinhos os Macuxi e Akawaio (no Brasil mais conhecidos como Ingarikó), de filiação linguística Karíbi, e os Wapixana, de filiação linguística Aruák (Localização e população – Taurepang no Brasil – Instituto... pib. Socioambiental. Org/pt/povo/taurepang/113).

Depois que os Taurepang adventistas fundaram Maurak adentraram a fronteira brasileira e construíram as aldeias da Boca da Mata, Sorocaima e Bananal. Dentre elas, Sorocaima concentra atualmente a maioria dos Taurepang Adventistas do Sétimo Dia naquela região. Grande parte dos índios que retornaram da Guiana à Venezuela em 1929 estavam decididos a seguir fielmente os ensinamentos dos adventistas introduzidos aos Taurepang pelos missionários Davis e Cott respectivamente por ordem de chegada:

Em 1929, todos estes grupos estavam novamente na Venezuela, graças ao proselitismo do pastor adventista A. W. Cott, que, no mesmo ano, transfere-se da aldeia de Arabopo para a aldeia de Akurima. Os Taurepang mais velhos guardam uma viva lembrança do pastor A. W. Cott e, frequentemente, contam a história de Papacá, termo pelo qual o pastor é referido, a seus filhos e netos (...). Provavelmente teriam contato com o velho chefe Jeremiah na aldeia de Kawarianaremong, como é o caso de Mário Flores e Bento Loyola. O xamã Akuri, aliás, pai deste último, foi quem guiou Theodor Koch-Grünberg até ao Monte Roraima (ANDRELLO, 1993, p. 148).

Houve uma sucessão de líderes entre os Taurepang muito bem organizadas até a formação da Maloca Sorocaima. Primeiro foi a catequização feita pelo Pastor adventista Davis, seguida pelo seu sucessor também Pastor, o missionário Cott e sua esposa Betty. Esse proselitismo adventista teve êxito devido ao apoio recebido do grande líder Taurepang o

profeta Jeremiah. Na sequência passaram-se vários líderes, finalmente apareceu o missionário Raimundo, neto de Jeremiah que fundou a aldeia de Maurak. Depois dois líderes Taurepang, Mário Flores e Bento Loyola que assimilaram o discipulado de Jeremiah, possivelmente o pai de Bento Loyola foi quem guiou o antropólogo alemão Koch-Grünberg, da Fazenda São Marcos no Rio Branco, (local onde posteriormente surgiria a capital do Estado de Roraima - Boa Vista) até a aldeia Kawarianaremong no Monte Roraima em 1911. Veja como Bento Loyola se refere à formação da Maloca Sorocaima:

Quando eu cheguei aqui só tinha o velho Perdino ali no Sorocaima. Por aqui era só Taurepang, antigo..., eles contavam avô Taurepang morava por aqui. Acabaram... não tinha Macuxi não, tudo pedaço até no Araújo..., lá não tem Macuxi... Taurepang. Até chegar lá no Wailanpai, Taurepang tudo, na fronteira, né? Macuxi pra cá, embaixo. Lá pro Santa Rosa, Uraricoera, Maracá, Macuxi. Agora Taurepang já foram embora daqui, não quer mais morar, lembrou-se do lugar do avô, né? Lá pro Akurimã, muitos foram pra lá. Não todos, só alguns. Porque os católicos não gostaram da pregação do pastor papacá que tinha lá. Porque pastor contava história bem: - Não bebe, não fuma, não come, não briga, Abandona o que tão fazendo, bebendo cachirí, brigando. Não gostaram não, só alguns gostou, meu pai gostou muito, tchau André gostou muito... por isso que ele fez igreja, missão no Akurimã. Meu pai andou pregando como aprendeu com o pastor. Como tá no livro, esse que ele contava tudo, pregação de Jesus, Deus (Bento Loyola, Aldeia de Macaiapáng, mar/ 90).

A Maloca Sorocaima foi fundada oficialmente pelo Tuxaua Mário Roberto Flores, um grande articulador para o desenvolvimento do adventismo em Sorocaima. Das três malocas, a da Boca da Mata sempre foi simpatizante do movimento Católico Romano, mas Sorocaima e Bananal são praticantes do adventismo até a atualidade. Mário Flores além de fundar Sorocaima, liderou-a durante muito tempo de uma maneira bem rígida: “não permito escola na minha maloca. Eu mesmo posso educar meus filhos (...). Já vieram muitos para fundar escola lá, mas eu sempre falei que não é essa educação que importa. Eu sei ensinar a plantar, vender os produtos e comprar coisas boas. Eu estou vendo que as crianças que estão indo na escola estão ficando mal-educados. Só querem bater bola e bater nos outros. (Declaração de Mário em uma reunião de tuxaua em 1979)” (MONGIANO, 1989, p.58).

Depois da morte de seu fundador Sorocaima foi liderada pelo Tuxaua Manoel Bento Flores; filho mais velho do fundador. Atualmente em 2014, lidera essa maloca o Tuxaua

Sandoval Bento Flores, neto de Mário Flores; é um jovem em boa forma física e intelectual, um líder amado por todos, dirige o povo moderadamente, sua liderança é maleável. Salienta a importância de um tuxaua adventista em pleno século XXI, liderando a Maloca Sorocaima.

Algumas informações valiosas do povo Taurepang conseguidas através de relatos de cronistas, registradas por alguns antropólogos, militares do alto escalão das forças armadas brasileira, de vários cientistas, de biólogos e etnólogos nos deram valiosas contribuições que ajudaram a nortear essa pesquisa. São essas informações que também nos permitiram conhecer os mitos regionais indígenas em sua convivência com a sociedade dos “brancos” e atualmente também já existem algumas informações sobre o Ambiente desse povo na literatura sócio antropológica no século XXI.

No contexto de entender as relações entre religião e Ambiente da Maloca Sorocaima, nos baseamos em informações de antropólogos, etnógrafos, biólogos, historiadores e pesquisadores; essas informações são do século XIX, XX e também do século XXI. Procuramos explicações sobre a mudança da religião primitiva dos Taurepang para a religião Adventista do Sétimo Dia e também da preocupação em preservação do Ambiente da Maloca Sorocaima. Buscamos compreender seus ritos sagrados indígenas e o movimento religioso chamado de adventismo.

Informações valiosas sobre os povos indígenas de Roraima, conseguimos através dos relatos de Theodor Koch-Grünberg, etnólogo e antropólogo, professor e filósofo alemão, foi encarregado em 1898 de cuidar da parte linguística da expedição realizada pelo Brasil ao Alto-Xingu. Aceitou o chamado para participar dessa expedição pelo etnólogo e pesquisador também alemão Hermann Meyer:

A primeira publicação de Theodor desperta a curiosidade de Adolf Bastian, naquele período era diretor do Real Museu de Etnologia e fez o convite para estagiar com ele. Permaneceu nessa instituição até 1909. Depois desenvolveu um trabalho brilhante na seção latino-americana e foram orientados por Karl Von Den Steinen e Eduard Seler, pesquisadores estadunidenses importantes nessa área. Koch-Grünberg fez doutorado na faculdade de filosofia da Universidade de Würzburg. Interessou-se pela América principalmente pelo Brasil e em 1903, desenvolveu a segunda expedição ao Brasil, nessa percorreu os rios Negros e Japurá e seus afluentes. Em 1905 retorna à Alemanha e publica sua obra em dois volumes, o que lhe deu destaque internacional (apud. FRANK, 2005, p.560).

Retornou novamente à Alemanha em 1905 e com a livre-docência, passou a ensinar Etnologia em Freiburg. Em 1911 e 1912 Koch-Grünberg dirigiu suas pesquisas à Amazônia. Foi então que navegou subindo o Rio Branco e galgou o ápice do Monte Roraima. Percorreu o rio Uraricoera até a Serra Parima, o rio Ventuari - Venezuela - até o rio Orinoco e retornou a Manaus pelo Canal Cassiquiare. (apud. FRANK, 2005, p. 561). Em 1913, de volta a Freiburg, recebeu o título de professor. Em 1915, passou a administrar o Museu de Linden, em Stuttgart. Com a crise da primeira guerra mundial, Koch-Grünberg se despediu de seu cargo. Aceitou o convite de Hamilton Rice para participar de outra expedição. O objetivo era chegar às fontes do Orinoco. “Pela quarta vez na Amazônia, em 1924, ao esperar a chegada do resto da expedição em Vista Alegre, próximo a Caracarái, morreu no dia 8 de outubro de 1924, provavelmente de malária” (apud. FRANK, 2005, p. 562).

Considera-se o trabalho de Koch-Grünberg essencialmente etnográfico. O que está por trás de seu esforço é a cultura alemã que gerou os meios necessários para sua realização. O instrumento “foi uma antropologia comparada das ações, das ideias e das produções sociais” (FRANK, 2005, p. 571). O que fez com que seu trabalho fosse minucioso, além de sua capacidade de produção textual, foi às variações étnicas entre as culturas. A documentação etnográfica tinha que ser bem minuciosa para evitar generalizações antecipadas. Outro importante aspecto que o ajudou foi à valorização histórica da cultura. O desenvolvimento das culturas só seria revelado completamente por uma historiografia das culturas. Essa historiografia era a linguística comparativa (Apud. FRANK, 2005, p. 571-573).

Sua obra constitui-se em cinco volumes. O primeiro é o diário de viagem e o segundo apresenta contos e mitos dos Macuxi, Taurepang e Wapichana. O terceiro é uma etnografia e análise musicológica dos Taurepang. O quarto volume constitui-se de linguística comparativa de trinta e seis línguas faladas entre o rio Branco no Brasil e Orinoco - Venezuela. O último volume é o registro fotográfico de tipos indígenas (Cf. FRANK, 2005, p. 575-576). E quanto à questão religiosa, destacando o movimento religioso Aleluia entre Taurepang, Wapichana, Ingaricó e Macuxi.

A pesquisadora, professora na UNICAMP-SP, Nádya Farage, concluiu sua dissertação de Mestrado em 1991 sobre os povos indígenas no Rio Branco e a colonização. Como historiadora e antropóloga, posteriormente publicou sua dissertação de mestrado em livro:

As muralhas dos Sertões, uma das poucas escritoras da atualidade que fala sobre o conflito das fronteiras do Brasil, Venezuela e Guiana Inglesa. Nesse conflito existia uma grande muralha pronta para dividir territorialmente os três países. Farage escreveu que eram os índios Taurepang, Macuxi e Uapichana as próprias muralhas.

O pesquisador Geraldo L. Andrello possui mestrado em Antropologia pela UNICAMP-SP em 1993 com a dissertação intitulada: memória e profetismo no século XX. A sua dissertação tem um acervo riquíssimo sobre os índios no Norte de Roraima, especialmente sobre os Taurepang, onde descreveu sobre A Maloca Sorocaima, as migrações dos Taurepang no século XX, tratando sobre as profecias e os profetas Taurepang, Também relatou sobre o adventismo que de alguma forma contribuiu para consolidação das fronteiras territoriais do Brasil. Andrello foi aluno de Nádia Farage, de quem recebeu muitas informações sobre os indígenas da Tríplice Fronteira.

O Doutor em Antropologia Social Maxim Repetto é Professor do Núcleo Insikiran²⁴ de Formação Superior Indígena, da Universidade Federal de Roraima. Escreveu um livro sobre: 1ª Reunião de Estudos, Ascensão de Movimentos Indigenistas na América do Sul e possíveis Reflexões para o Brasil, em junho de 2004, com o apoio do Gabinete de Segurança Institucional da Secretaria de Acompanhamento e Estudos Institucionais de Brasília. Maxim é chileno naturalizado brasileiro, atualmente coordena o Instituto Insikiran e no seu livro citado à cima quando ele declarou que pode haver possíveis reflexões para o Brasil é porque estão constantemente os povos indígenas das três Fronteiras interagindo entre si, todavia quando um desses povos se depara com uma situação inusitada positiva ou negativa, pode causar uma forte repercussão entre eles e de alguma forma pode haver reações adversas entre as três nações.

Reinaldo Imbrozio Barbosa é Doutor em Ecologia pelo INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia) (1994/2001), onde atua como pesquisador desde 1998. Publicou diversos trabalhos sobre ecologia das savanas de Roraima e Impactos Ambientais derivados dos agros ecossistemas amazônicos. Atua nos Programas de Pós-Graduação em Recursos Naturais (PRONAT) da Universidade Federal de Roraima (2005) e em Gestão Ambiental e Desenvolvimento Sustentável da Universidade Federal de Roraima (2007). Desde 2005 também colabora com os cursos de Pós-Graduação em Ecologia e Ciências Florestais do

²⁴ Insikiran: Núcleo de Formação Superior Indígena da Universidade Federal de Roraima. Ambiente exclusivo para formar professores indígenas licenciados para depois atuarem como professores em suas Malocas.

Programa INPA/FUA, em Manaus.

Ubirajara de Farias Prestes Filho, é Doutor em História Social pela USP (Universidade de São Paulo) em 2006 defendeu sua Tese: O Indígena e a Mensagem do Segundo Advento: missionários adventistas e povos indígenas na primeira metade do Século XX. O autor desenvolveu sua pesquisa no movimento do adventismo, desde suas origens e expansão na América, dentre tantos assuntos discorreu sobre os “Davis Índians” no Monte Roraima.

A situação etnográfica do Planalto das Guianas é baseada em relatos catalogados até meados do século XX. Esse material está disponível, graça aos colonizadores e viajantes europeus que passaram a registrar informações desde o século XVI. Em destaque, podem-se citar os relatos de E. In Tu (1883), Olga Condreau (1900) e Farabee (1918-1924). Documentos de Franciscanos, Jesuítas das Comissões de Fronteira do Brasil, da Venezuela e das colônias britânica, holandesa e francesa, no final do século XIX. Este material etnográfico produzido por cronistas é diferente do material produzido por antropólogos, “em estudo nos moldes modernos, que surgiram somente na década de 1960. Dessa época os destaques são os trabalhos de Fock (1963), Rivière (1969, Chagnon (1968) e Hurault (1968)).”. Por volta da década de 1980 apareceram novas abordagens com enfoque histórico-antropológico, que consistiam em confrontar os materiais historiográficos antigos e etnográficos modernos. Foi Rivière (1963) que iniciou o procedimento de organização de informações arqueológicas sobre as habitantes, populações indígenas Macuxi, Taurepang Wapichana, Wai-Wai, Trio Oyan e Oyampi – habitantes nas cabeceiras dos rios guianenses (Cf. GRUPIONE, in: GALLOIS, 2005, p. 23-26).

A Igreja Adventista do Sétimo Dia surgiu influenciada por uma parte, pelos ideais de alguns líderes do movimento Millerita²⁵ que anunciava a volta de Jesus para outubro de 1844, por outro lado a sua grande estrutura organizacional foi devido à influência de uma jovem chamada Ellen Gouden Harmom²⁶ pertencente anteriormente a Igreja Metodista. Destaca-se que como a sua principal fundadora, que segundo a cúpula adventista da época Ellen teve uma visão da parte de Deus e a partir de então se tornou a profetiza da Igreja

²⁵ Millerita: movimento religioso criado pelo pastor Guilherme Miller em meado do século XVIII nos Estados Unidos da América do Norte.

²⁶ Ellen Gouden Harmon: quando era adolescente, toda a sua família era seguidora do pastor Guilherme Miller. Após o desapontamento de 1844, profetizado por Miller que Cristo voltaria a esta terra e não veio, ela e outros líderes começaram a fundar a atual Igreja Adventista do Sétimo Dia. Em seguida começou a profetizar e até hoje os adventistas a tem com sua profetisa. Quando se casou com o pastor Thiago White, passou a chamar-se Ellen G. White.

Adventista do Sétimo Dia.

A igreja Adventista do Sétimo Dia é uma denominação cristã protestante que se distingue pela observância do sábado, o sétimo dia da semana judaico-cristã e por sua ênfase na iminente segunda vinda de Jesus Cristo. Foi fundada em 21 de maio de 1863 nos Estados Unidos Da América, pelos seus fundadores: José Bates, James White, Ellen G. White, John Nevins Andrews e Guilherme Muller e Tiago White (MAXWELL, 1982, p. 57; 59; 79 e 83).

Para os Taurepang de Sorocaima que são quase 100% adventistas, fazer parte da primeira Ressurreição é o ápice de suas vidas porque segundo a afirmação dos adventistas, quem fizer parte da Primeira Ressurreição estará salvo e vão morar com Deus por toda a eternidade e ao contrário, os que ressuscitarem na segunda Ressurreição não herdarão a vida eterna, serão extintos completamente com o Planeta Terra por ocasião da volta de Jesus.

Com majestade terrível e pavorosa, Jesus chama então os ímpios mortos; e eles surgem com os mesmos corpos fracos, doentios, que foram à sepultura. Que espetáculo! Que cena! Na primeira ressurreição todos saem com imortal frescor, mas na segunda, os indícios da maldição são visíveis em todos (WHITE, 1988, p.418).

Para os Adventistas, o lar deve ser o ambiente mais agradável e aprazível de todos os ambientes que se possa visitar durante o dia; sabe-se que o lar não é simplesmente a casa, a maloca, o lar é composto pela família e a família é à base de qualquer sociedade. Os adventistas são instruídos a manter a sua alma limpa, pura e livre de rancor e ódio, manter-se com uma conduta equilibrada, ser cortês, gentil e agradável com todos inclusive com os animais. A maloca Sorocaima parece ser um ambiente fechado para a sociedade dos “brancos”, porque na verdade quase 100% das malocas indígenas, mesmo hoje em pleno século XXI vive no seu “mundo” fechado, quase não se dispõe em receber os “brancos” em seu habitat; porém desde a primeira vez que visitei Sorocaima em fevereiro de 2010 fui bem recebido e continua uma boa recepção cada vez que a visito. Mas, notei que não são agradável só com a minha pessoa, mas com todos que vão visitá-los. Não sei afirmar se sempre tiveram essa peculiaridade ou se mudaram de atitude depois fizeram parte do

adventismo.

Isso é de importância incomparavelmente maior do que adquirir propriedades e dinheiro. Não deve faltar alegria ao lar. O sentimento doméstico deve ser mantido vivo no coração dos filhos, para que eles possam volver os olhos ao lar de sua infância como a um lugar de paz e felicidade ao céu (...). Precisam manter sua alma pura e limpa, e que esta pureza se deve estender a seu vestuário e a tudo quanto faz parte do lar, de modo que os anjos ministradores tenham prova de que a verdade operou uma mudança na vida, purificando a alma e refinando os gostos (WHITE, 1973, p. 21 e 22).

A Maloca Sorocaima tem se preocupado em manter boas relações com o Ambiente. Nota-se que os indígenas há muito tempo habitam nesse mesmo local e se percebe que existe harmonia entre o povo de Sorocaima e o Ambiente. Os Taurepang em Sorocaima desenvolveram nesses longos anos uma política de sustentabilidade Ambiental, ou seja, são sustentados pelo que o Ambiente lhes oferece por isso entendem que não devem danificar o ecossistema, pois a “mãe” Terra foi criada por Deus e sustenta durante muitos séculos toda a raça humanidade. Atualmente se discute muito sobre a ética Ambiental e uma das razões é saber como conviver com o Ambiente sem danificá-lo:

A visão de mundo centrada no ser humano - um antropocentrismo autocentrado e arrogante - pode ser considerado, à luz da fé, um “pecado grave” da nossa civilização predatória, que tem reduzido tanto o mundo natural quanto à pessoa humana a um objeto a ser explorado. Uma expressão desse antropocentrismo é o caráter etnocêntrico da civilização ocidental que se expande, impondo seus padrões, desconhecendo a diversidade étnica e cultural dos grupos humanos. (...). Com razão fala-se na necessidade de recuperar a lógica do modelo de desenvolvimento gerado pela civilização moderna ocidental para que a humanidade possa realizar o seu destino primeiro e a sua vocação fundamental de cuidar da nossa morada comum (CIRNE, 2013, p. 185).

A bíblia oferece aos cristãos parâmetros para uma compreensão do significado do mundo e como o ser humano deve se comportar nessa crise Ambiental que o mundo está enfrentando. A terra ao sair das mãos do Criador era boa e tudo girava em uma perfeita harmonia com seu Criador. Os ambientes dos ecossistemas que sustentam a vida ainda hoje

no mundo decaído, pode se dizer que ainda é muito bom; em contra partida os habitantes da Terra deveriam ser também muito bons em cuidar o Ambiente, assim pensam os Adventistas do Sétimo Dia:

A mensagem do primeiro anjo de Apocalipse 14:7 produz implicações ambientais significativas. O anjo convoca todos os habitantes a adorarem “Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas”. Os itens específicos aqui mencionados referentes às realidades trazidas à existência no segundo e terceiro dia da criação. Isso significa que o anjo está focalizando especificamente a criação da terra original, a saber, a atmosfera (Gêneses 1:6-8), os mares e os continentes (Gêneses 1:9 e 10) (SHEA, William, 2000 p. 227).

A seguir mostraremos as novas Representações Sociais dos Taurepang Adventistas do sétimo Dia, como também foram desenvolvidas as análises das entrevistas no terceiro e último capítulo dessa dissertação, sobre a religião e Ambiente na Maloca Sorocaima. Buscou-se por meio das análises das entrevistas definirem as Representações Sociais sobre a religião Adventista do Sétimo dia adotada pelos Taurepang da Maloca Sorocaima. Mostram-se as Representações Sociais a respeito do Ambiente no qual estão inseridos. Sondaram-se as possibilidades dessas Representações Sociais terem possíveis impactos na Cosmovisão dos Taurepang e integrar essas Representações ao seu legado.

CAPÍTULO 3

NOVAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS TAUREPANG

Neste terceiro capítulo analisamos os conteúdos das entrevistas e as representações sociais sobre religião e Ambiente Taurepang: a evangelização Taurepang em Sorocaima, os adventistas e Ambientes. Na tabela 1, abaixo veremos as Representações Sociais do povo Taurepang e Ambiente.

1 Trajetória dos Taurepang na Tríplice Fronteira, Ambiente e análises das entrevistas

Grandes indústrias poluidoras se instalaram em grandes parques industriais funcionando sem os devidos cuidados. Depois de muito tempo, quando os humanos perceberam que o Ambiente estava “doente”, começaram a se planejar como preservá-lo. Os povos indígenas, porém foram e são muito mais racionais que os “brancos”, pois não se encontra registrado o Ambiente sendo degradado por algum povo indígena.

Os povos indígenas tem uma grande vantagem em relação à dita sociedade “civilizada”: Não constroem indústrias, mas se satisfazem apenas com uma produção artesanalmente e que a natureza lhes oferece. Se nossos antepassados, não se preocupavam em preservar o Ambiente, é porque essa preocupação não existia, bem como a degradação era menor. O que atualmente é uma preocupação constante, pois a morte do Ambiente significa o extermínio completo da humanidade:

O processo de transformação ambiental global se acentuou marcadamente nos últimos 50 anos, alimentado pela explosão populacional e pelo crescente consumo de energia, alimentos e materiais. Podemos dizer que, na geração de nossos pais e avós, não se tinha plena consciência dos efeitos do crescimento material quase ilimitada de que a ciência e tecnologia sempre encontrariam soluções para os efeitos adversos do crescimento econômico sobre o meio ambiente (OLIVEIRA, 2009, p.12).

A terra está mergulhada em uma crise Ambiental como nunca antes havia experimentado. O Brasil está afetado grandemente em suas relações Ambientais e entende-se agora que o momento é de reunir esforços para conservar o planeta Terra, com a

participação dos Estados, das ONG's e povos indígenas. Respeitar o Ambiente é não poluí-lo, não danificar as nascentes dos rios, praticar a reciclagem e ensinar às novas gerações como gerenciar bem o nosso Ambiente.

Serão necessárias políticas públicas para esclarecer a sociedade atual e às futuras gerações quanto ao uso dos recursos não renováveis do nosso ecossistema, pois se não formos rigorosos na questão do gerenciamento desses recursos que a Natureza nos fornece, em breve entrará em colapso o ecossistema do planeta Terra. É necessário que toda a humanidade inclusive os povos indígenas, façam uma mudança de hábitos urgentes para conservar o Ambiente. Essa mudança primeira deve ser um raciocínio lógico como cada ser humano manter o equilíbrio ecológico. Depois o que fazer literalmente na preservação do Ambiente antes que entre em uma crise ecológica sem precedentes e seja “riscada do mapa” a civilização humana:

Devemos conservar o meio ambiente e a diversidade do planeta Terra, respeitar e cuidar da comunidade dos seres vivos, minimizar o esgotamento de recursos não renováveis, e tudo isso também tem que passar pela mudança de atitudes e práticas pessoais. Ações coletivas, envolvendo governos e sociedade, irão, assim, contribuir para que haja uma redução do aquecimento global. Por isso, devemos pensar e agir além das mudanças climáticas (OLIVEIRA, 2009, p.305).

Os Taurepang possuem uma sabedoria invejável concernente ao Ambiente. Aprenderam de alguma forma conviver em harmonia com a natureza, a vida selvagem em seu habitat sempre esteve em certa concordância com a exuberância da fauna e flora, apesar de se utilizar dela para sua subsistência, mesmo assim de uma maneira muito racional.

Sabe-se que antes da chegada dos colonizadores na atual América do Sul havia moradores em todo esse vasto “mundo” de floresta e conseguiam sobreviver, se utilizando daquilo que a Natureza lhes fornecia. Podemos afirmar que havia uma sincronia de relações recíprocas entre os humanos e o Ambiente, pois até agora não se tem informações que no local de origem dos Taurepang ocorreu em algum tempo um desequilíbrio ecológico causado por eles. Pelo contrário, os Taurepang desfrutaram durante muito tempo das

iguarias daquele Ambiente ecológico da Tríplice Fronteira, atual região entre a Guiana Inglesa, o Brasil e a Guiana Francesa, provavelmente nesse Ambiente surgiram os Carib, ancestrais dos Taurepang. Nesse território atualmente guianense os britânicos fundaram em 1781 a colônia chamada de Georgetown²⁷ que posteriormente foi tomada pelos franceses e a chamaram de Stabroek. Sempre tiveram um sistema ecológico que lhes proporcionou diversão, lazer, ensinamentos e principalmente a sobrevivência fornecida pela selva Amazônica. Desfrutaram da sua fauna e flora sem degradar o Ambiente. Criaram seu sistema de transporte marítimo, construindo suas ubás ou canoas produzidas com casca de árvores e conquistaram novos Ambientes:

Do lado da Guiana, a colonização efetivou-se no litoral em torno de Stabroek (1616). No interior, penetraram o rio Essequibo, chegando ao Rupununi (Posto Arinda 1750/1755). No Brasil, a fazenda Boa Vista fundada em 1830 pelo capitão José Inácio Magalhães, foi o grande núcleo do desenvolvimento regional (CARVALHO, 2000, p.40).

A república da Guyana como é conhecida atualmente, tem como capital Georgetown sendo a maior cidade deste país, situada na América do sul na costa do atlântico. O rio Demerara é um dos principais e em seu estuário abriga o porto da cidade. Esta cidade torna-se bem diferente das demais da América do Sul, pois sua altitude fica abaixo do nível do mar sendo obrigatoriamente se utilizar de canais de drenagem para a cidade não ser inundada pelas águas do atlântico. Alguns historiadores dizem que a Guyana foi descoberta pelos ingleses bem antes mesmo da descoberta do Brasil.

Georgetown é a capital da Guyana e sua maior cidade. São aproximadamente 400 mil habitantes, em 40 km². Fica na costa do Atlântico, na foz do rio Demerara. A cidade está abaixo do nível do mar e

²⁷ Fundada em 1781 por britânicos, com o nome de Georgetown, porém tomada pelos franceses em 1784, chegando a controle neerlandês em 1784, quando foi chamada de Stabroek. No entanto foi rebatizada Georgetown em 1812, depois que os britânicos ocuparam a colônia durante guerras napoleônicas. Permaneceu como capital Guiana Britânica até a sua independência em 1966 quando se tornou a atual capital do novo país. Está localizada na costa do oceano atlântico, na foz do Rio Demerara. A cidade foi fundada por britânicos, tomada por franceses, depois por holandeses, voltando, por fim, aos britânicos, antes da independência do país. Esses diversos domínios estão refletidos em sua cultura, particularmente na arquitetura, na culinária e no esporte (KAMP, 2009, p.68).

há vários canais para a drenagem das águas. A região é muito rica em minério, ouro e diamantes e, eventualmente petróleo (KAMP, 2009, p. 680).

Como todos os seres humanos, os Taurepang tinham o desejo de conquistar novos Ambientes e partiram do centro da floresta rumo ao litoral onde passaram algum tempo desfrutando desse Ambiente, às margens do Oceano Atlântico. Com a riqueza abundante de mariscos, peixes, aves e uma vegetação exuberante; o mar e as praias formavam um Ambiente salutar e aprazível. Os Taurepang souberam cuidar muito bem do ecossistema por onde foram passando:

As florestas como famílias, se estendem por gerações que completam suas vidas e são substituídas há seu tempo. A grande diferença é que as florestas, quando ainda jovens, são abatidas para construir suas casas, granjas e cidades. As árvores são como guarda-chuvas erguidos para abrigar-nos do sol, do vento e da chuva. A grande diferença é que as árvores abrem seus ramos para proteger pássaros, animais e a terra (DUNKLE, 1998, p.11).

Muito antes dos britânicos, holandeses e franceses chegarem à atual América do Sul, o povo Taurepang já habitava a região litorânea atualmente conhecida como Guiana, onde posteriormente os holandeses tomaram a colônia dos britânicos e a chamaram de Stabroek, hoje conhecida como Georgetown, a atual capital da Guiana. Nesse Ambiente de plena afinidade entre ser humano e natureza, foi palco de estratégias para conquistar novos espaços, pois os indígenas agradeciam aos deuses e procuravam se utilizar dos recursos naturais de forma equilibrada; diferentemente dos europeus:

Os colonizadores espanhóis respeitaram Tordesilhas e ficaram satisfeitos com as minas nos Andes. Holandeses e ingleses tentaram as Guianas (de 1581 a 1616) com a fundação de Stabroek – futura Georgetown. Os franceses permaneceram no litoral da Guiana Francesa (Caiena – 1664). As grandes distâncias, as dificuldades da mata, do clima e a ameaça dos indígenas, obrigaram a demorados levantamentos. Com a lentidão de uma

efetiva posse portuguesa – com mais um século perdido – repetir-se-á a história: quando sentirem-se superiores, os usurpadores voltarão a atacar os mais fracos (CARVALHO, 2000, p.21).

Os Taurepang utilizaram canoas, remos e armamentos de guerra para conquistar uma das ilhas mais próximas da Guiana Inglesa conhecida, como Trinidad. A conquista do novo território deve ter sido uma experiência nova, onde possivelmente o Ambiente era diferente do litoral. Mas continuaram usufruindo as riquezas que o Ambiente lhes oferecia. As praias da Ilha formavam um local ideal para o desenvolvimento de uma geração que apesar de não ter grandes informações sobre preservação do ecossistema, conseguiu se desenvolver sem danificá-lo. Nesse novo espaço geográfico de Trinidad foi formada lentamente uma geração de guerreiros para continuar as conquistas territoriais. Sabiam que suas conquistas militares por novos territórios dependiam da “mãe” natureza que tudo lhes fornecia, sendo assim, se utilizaram racionalmente dos recursos naturais. “A Inglaterra ficou com a Guiana Essequibo (1815 – pelo Tratado de Viena), com Honduras britânica na América Central (Belize), diversa ilhas nas Bahamas e pequenas Antilhas e Jamaica, Trinidad e Tobago, no Caribe – a maioria atualmente independente (CARVALHO, 2000, p.24)”. Comprovou-se que a partir do Ambiente litorâneo da Guiana Inglesa e Trinidad, os Taurepang eram chamados de Carib ou Caribenhos. Desfrutaram das belezas naturais das ilhas, seu clima agradável, suas praias, uma farta e variada alimentação, uma floresta e clima bem distribuídos. Apesar da pressão posterior dos colonizadores espanhóis para expulsá-los das ilhas de Trinidad, mas a harmonia entre os Taurepang e o Ambiente foi sempre uma marca positiva:

Ora, os “karinha” (os “verdadeiros” caribes de Gilij!), povo indígena que, no século XVI, dominavam uma vasta região que atravessava o médio e baixo rio Orinoco e se estendia da costa oriental da Venezuela e Trinidad, até a atual Suriname, acabaram bem cedo tachados de ‘caribes’ (canibais) (NUHSA, 2008, p.25).

Como os Taurepang foram impedidos pelos colonizadores europeus de avançar para o Norte do Caribe, foram forçados a se inclinarem para o Oeste, ou seja, para o litoral que hoje chamamos de venezuelano. Os Taurepang conviveram com o Ambiente, apenas se utilizando dos recursos naturais para a sua sobrevivência.

O Ambiente venezuelano assemelhava-se muito ao da cidade de Veneza, pois os colonizadores europeus a chamaram de “pequena Veneza”, atualmente conhecida como o Estado da Venezuela:

Outros navegadores chegaram à América central e ao Caribe em 1499, entre os quais Afonso de Holanda, Juan de La Cosa e Américo Vespúcio. Aliás, Vespúcio foi o primeiro a afirmar que se tratava de um novo continente. Ao passar pelo atual Golfo de Maracaibo, lembrou-se de sua terra e chamou-o de “pequena Veneza” – daí, Venezuela. A viagem prossegue para o Caribe até São Domingo. A experiência de Vespúcio completa-se com duas viagens de reconhecimento às novas terras descobertas por Cabral (1501 e 1503). Torna-o navegador com maior conhecimento do Novo Continente, o que demonstrou nas suas famosas cartas, publicada em 1506 (letteras) (CARVALHO, 2000, p.20).

Os Taurepang deslocaram-se para outro Ambiente: esse bastante rasteiro, ou seja, uma paisagem de grama, arbustos e também algumas poucas árvores, onde o solo normalmente é plano. Os indígenas começaram provavelmente essa ocupação pela Foz do rio Orinoco, desfrutando dos recursos que esse rio lhes oferecia: dos peixes, dos quelônios, também das aves que são muito consumidos por eles e também do Ambiente marítimo. Nessa época era uma grande população indígena que prosseguiu em busca de um habitat seguro. E buscavam pelos valores espirituais. Desde então o rio Orinoco com suas belas cachoeiras tem sido um dos Ambientes ecológicos mais preferidos dos Taurepang. “Com a chegada dos colonizadores europeus, os indígenas refugiaram-se no interior e deixaram a condição de donos. Tomaram consciência disto pelas armas. Mais da metade foi aprisionado pelas “entradas”, aglomerou-se aos novos núcleos populacionais ou, simplesmente, morreu pelas doenças do branco” (CARVALHO, 2000, p.19).

O povo Taurepang foi se dividindo em grandes famílias e seguindo rumos diferentes para dificultar a perseguição dos colonizadores. Muitas famílias ficaram às margens do rio Orinoco, outras preferiram chegar até as suas nascentes para fixar suas moradias e desfrutar de tudo que o ambiente aquático lhes proporcionava. Algumas famílias resolveram desfrutar do Ambiente mais para o lado do Sul e foram passando por outros rios menores, onde a paisagem é ímpar para quem vem do litoral venezuelano que obrigatoriamente tem que passar pela grande Savana. Nessa grande jornada dos Taurepang,

muitas famílias ficaram ao longo dessa trajetória, mas uma parte minoritária prosseguiu rumo ao Sul, em busca de um Ambiente que lhes suprisse todas as suas carências tanto alimentícias, habitacional e trabalho. Uma vida familiar mais segura e mais adequada para cultivar seus deuses. Chegaram à região do Monte Roraima, ali se instalaram e fixaram residência: “O Roraima constitui o limite das Savanas. Com ele dá início à contínua e úmida região de florestas que, ao norte e nordeste, se estende até o mar e, a sudoeste, até o alto Orinoco. As condições climáticas dessa região são muito diferentes daquelas da savana seca (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p.124”).

Dar-se início a partir daqui, as análises das entrevistas sobre os Taurepang Adventistas do sétimo Dia de Sorocaima. Foram entrevistadas 11 (onze) pessoas para a construção das tabelas de 1 a 4. Utilizou-se o critério de repetições frequentes nas respostas de no mínimo três vezes para serem assinalados na tabela de representações, indicando as formas representacionais de maior relevância. No uso das representações sociais como principal teoria para elaborar as análises, assim como referido o primeiro capítulo, damos ao indivíduo e à sociedade seu lugar representacional, sem, no entanto, privilegiar um mais que outro. Foram relacionados conhecimentos e afetos dos entrevistados, assim também foram identificados dados religiosos indígenas, informações dos adventistas e Ambientes a fim de interpretar as significações e percepções da religião e Ambiente Taurepang, da evangelização dos Taurepang e Ambiente, e da vida religiosa adventista da Maloca Sorocaima em equilíbrio com o Ambiente. Prosseguem as informações sobre as interpretações das tabelas que dão significados as novas representações sociais dos Taurepang adventistas. Essas siglas E1, E2, E3, etc. Significa: entrevista 1, entrevista 2, entrevista 3 e etc. Representam as entrevistas²⁸ que estão descritas em síntese nos anexos.

Quadro de representações dos Taurepang e Ambiente.

²⁸ As entrevistas representadas constituem o total de 11 (onze) pessoas para a construção das tabelas de 1 a 4. Utilizou-se o critério de repetições frequentes de no mínimo três vezes para serem assinaladas na tabela de representações, os quais indicam as formas representacionais de maior relevância. No uso das representações sociais como principal teoria para elaborar as análises, assim como referido no segundo capítulo, daremos ao indivíduo e à sociedade seu lugar representacional, sem, no entanto, privilegiar um mais que outro. Foram relacionados conhecimentos e afetos dos entrevistados, identificaram-se dados linguísticos e mentais a fim de interpretar as significações e percepções da Igreja Adventista do Sétimo Dia centrada nos índios Taurepang adventistas de Sorocaima e Ambiente. E1, E2, E3, etc. Significam entrevistados 1, entrevistado 2, entrevistado 3 e etc. Representam as entrevistas que estão descritas em síntese nos anexos.

| Entrevistados | E1 | E2 | E3 | E4 | E5 | E6 | E7 | E8 | E9 | E10 | E11 |
|-------------------|----|----|----|----|----|----|----|----|----|-----|-----|
| Vida indígena | | | X | | X | X | | X | | X | X |
| Ambiente indígena | X | X | X | X | | X | X | | | | X |
| Religião indígena | X | X | X | X | | X | X | X | | | X |
| Deuses indígenas | X | X | X | | | X | X | X | X | | X |
| Cultos indígenas | X | X | X | X | | | X | X | | | X |

Tabela 1

Os Taurepang tinham uma vida muito ligada aos deuses desconhecidos, buscavam se aproximar deles e lhes dedicavam cultos e oferendas, recorriam aos deuses quando se encontravam em dificuldades, nos momentos de tristezas e de angústias, para se beneficiarem das curas e milagres. Quando os Taurepang se encontravam em situações adversas em extremas dificuldades, algo estava fora de seu controle recorriam a seus deuses e fazia isso através do seu líder espiritual chamado Pajé, que era preparado para fazer contatos com o mundo dos espíritos, com os deuses e com os mortos. Os Taurepang apoiavam suas crenças em seres com poderes extraordinários que moravam nos mais profundos dos abismos acreditavam em heróis como Macunaima sendo um dos seus deuses mais famosos cujos poderes transformavam peixes em grandes pedras que hoje são grandes montanhas, tinha poderes para construir a partir de uma árvore um grande monte como o Monte Roraima. Os indígenas depositavam sua fé em coisas escondidas como “tesouros” de valor incalculável sob o Monte Roraima, sabiam da existência de um ser superior a todos os seres, Os Taurepang sempre foram curiosos em querer saber o futuro, por meio de profetas em que consultavam os mortos, os deuses para saber a respeito do futuro, mas tinham esperança em outra vida após a morte. Sabiam definir o que era uma vida profano e uma vida sagrada. Sobre a experiência religiosa de povos tradicionais, afirmou um pesquisador:

Os monstros do abismo são encontrados também em numerosas tradições: os heróis, os iniciados, descem ao fundo do abismo a fim de afrontarem os monstros marinhos; é uma prova tipicamente iniciativa. Evidentemente, a história das religiões está cheia de variantes: às vezes os dragões montam guarda em volta de um “tesouro”, imagem sensível do sagrado, da

realidade absoluta; a vitória ritual (iniciativa) contra o monstro-guardião equivale à conquista da imortalidade (ELIADE, 2013, p. 114).

A religião tradicional dos Taurepang no passado foi bastante intensa e direcionada a vários deuses. Esta situação foi confirmada conforme a tabela 1 referentes às representações sociais da religião Taurepang, quando em entrevista o entrevistado (E3) afirmou que:

É assim essa história com os tribais que eles viviam, naquele tempo não havia fronteira aí, morava no Brasil e aí quando a caça e pesca acabava né, ficava escasso mudavam pra outro lugar, então eles viviam assim, atravessavam a Venezuela e ficavam assim perambulando, ia pra lá e pra cá, quando chegava aqui, às roças que eles botavam depois de cinco anos seis anos, a capoeira já tá grande de novo e tacava roça aí de novo, assim viviam (Declarações do entrevistado nº 3).

A posição do entrevistado (E 8), “a convivência das comunidades indígenas antes da sociedade “branca” chegar era muito diferente, botava uma roça de uma linha, (...). Naquela roça plantava cana, abacaxi, (...). Não precisava abrir área grande pra se alimentar”.

A humanidade em toda a sua existência tem se apropriado do amor, do afeto e do senso de misericórdia, pois são propriedades de Deus e não do ser humano. Deus em sua sabedoria colocou essas prerrogativas no homem, portanto seja ele “civilizado” ou não civilizado já nasce com essas características que obviamente não são suas, mas Deus as “empresta” para ele. Todavia quando se olha para o homem superficialmente fica difícil perceber essas características positivas, pois normalmente quando há um encontro entre “brancos” invasores e índios eclodem as agressões. Nesse momento o ódio predomina e trava-se um conflito mortal onde o homem indígena perde e quase sempre é dizimado pelo homem “branco”. Mas o homem indígena também sente a necessidade de exteriorizar o afeto, o seu lado carinhoso e ele o faz quando está em seu habitat natural com o seu povo.

A exteriorização é uma necessidade antropológica. O homem como conhecemos empiricamente, não pode ser concebido independentemente da contínua efusão de si mesmo sobre o mundo em que ele se encontra. O ser humano não pode ser concebido como algo insulado em si mesmo,

numa esfera fechada de interioridade, partindo em seguida para se exprimir no mundo que o rodeia. “O ser humano é exteriorizante por essência e desde o início. Esse fato antropológico de raiz com muita probabilidade se funda na constituição biológica do homem (BERGER, 2012, p. 17)”.

A história dos Taurepang esteve recheada de preocupações sobre a preservação do Ambiente. O Ambiente não é de ninguém, tem seu dono, é Deus; então conforme o entrevistado (E3) definiu (...). “Por aí a gente vê através de nosso estudo, a bíblia sagrada, onde Taurepang descobre e estuda muita coisa de Deus, por aí nós estamos seguindo o regulamento da bíblia, com isso nós damos conselho à nossos filhos que Ambiente, essas coisas da natureza e a cabeceira do rio, não pode jogar lixo contra essas coisas, tem que manter limpa assim como Deus deixou”.

A religião antiga dos Taurepang não estava centrada em uma só divindade, talvez por essa razão não se preocupassem com doutrinas e dogmas, pois isso variava muito entre as divindades que eles cultuavam. O entrevistado número 3, (E 3) em seu discurso afirmou: “Acho que mudou um pouco, naquele tempo não tinha religião, eles vivia só com sua cultura e de lá pra cá já mudou muito”. Para os Taurepang os deuses sempre ficavam muito distantes dos seres humanos. Os deuses se relacionavam muito mais com os profetas, com os pajés e com os feiticeiros. Havia pouca intimidade entre deuses e os indígenas. O entrevistado número seis (E 6), na terceira questão declara:

Isso nunca souberam, nunca souberam de Deus agora assim, por meio por meio dos pajé, (dos pajés) eles criam que existia Deus por meio do pajé, porque aquele pajé quando ele trabalhava, ele dizia: quem pode curar é só Deus, não eu, a planta que tem aqui é só ele que fornece, então uma fulha (folha) que você pegar dessa planta, você faz o chá, com a fé você será curado, então assim.

Os deuses eram muito variados, muito mais era sua forma visível para os Taurepang, normalmente se apresentavam na forma da Natureza, talvez porque não houvesse outro tipo de figura palpável para os indígenas formarem a imagem dos deuses, veja mais o que firmou o entrevistado número oito (E 8):

“Sim, tavam (estavam) né, era proibido alguém chegar e tocar porque aí eram respeitados eles consideravam aquela ânvore (árvore) ou pedra como deus, não tinha deus para eles, não existia deus não existia até agora, então eles respeitavam aquela (aquela) pedra como se fosse pedra ou como se fosse ânvore, então não deixa ninguém encostar, só o dia mesmo pra todo mundo chegarem adorar.”

A religiosidade dos Taurepang era centrada nos mitos, onde era muito difícil diferenciar os mitos dos deuses, o importante é que tinham sua religião e suas adorações religiosas. Normalmente diferenciavam as festas populares das festas religiosas, mas as suas festas duravam alguns dias, portanto depois que os líderes ficavam embriagados tudo se misturava, o profano e o sagrado prosseguiam juntos até ao final da festa. Os mitos e as narrativas estão entrelaçados entre a religiosidade antiga Taurepang, esses mitos que ora eram narrativas e ora eram deuses formavam a base espiritual dos Taurepang, pois sabiam que os deuses ou mitos eram seres sagrados e divinos.

O mito conta uma história sagrada, quer dizer, um acontecimento primordial que teve lugar no começo do Tempo, ab initio. Mas contar uma história sagrada equivale a revelar um mistério, pois as personagens do mito não são seres humanos: são deuses ou heróis civilizadores. Por esta razão suas gestas constituem mistérios: o homem não poderia conhecê-los se não lhes fosse revelados. O mito é, pois a história que se passou in illo tempore, a narração daquilo que os deuses ou os seres divinos fizeram no começo do tempo (ELIADE, 2013, p. 84).

Os mitos ou os deuses dos Taurepang podiam fazer de tudo, pertenciam à esfera do além, viviam em um “estado” de espírito e raramente se materializavam, ou seja, com pouca frequência se apresentavam visivelmente e quando assim faziam, era em forma humana ou de animais. Os Taurepang tinham os seus mitos como referências ou modelos para suas vidas pessoais, pois sabiam que os mitos podiam fazer tudo que quisessem e também apesar de serem seres humanos se apropriaram de algumas prerrogativas de seus mitos e colocavam em prática, como por exemplo, faziam boas ações mas também praticavam muitas atrocidades sem a menor cerimônia a exemplo de seus mitos; também praticavam a poligamia, ou seja, escolhiam várias mulheres para viverem maritalmente com todas, juntas na mesma maloca:

Estas fórmulas mágicas têm íntimas relações com os mitos. A maioria nasce de um pequeno conto mítico, que conduz à fórmula. Existem fórmulas boas e más; más para que adoeça o nosso semelhante, e boas, para que fiquem livres das doenças. Enquanto nas fórmulas boas, animais úteis, plantas e prodígios da natureza desempenham papel saliente, nas fórmulas malignas reaparecem os heróis tribais, notadamente MAKUNAIMA e seus irmãos MA'NÁPE e JIGUÉ, como mediantes, que trouxeram muitas desgraças ao mundo, para castigar os homens, e principalmente as mulheres que não se submetiam. Motivos sexuais são determinantes das más ações praticadas por esses heróis tribais (GRÜNBERG, 1915, p. 22).

Veremos na sequência a vivência dos índios Taurepang com o Ambiente e percebe-se que sempre dependeram para sobreviver do ecossistema; compreenderam isso muito cedo e se beneficiavam de tudo que a Natureza lhes ofertava. Os Taurepang aprenderam a ter um respeito muito grande pela Natureza, porque sabiam se o Ambiente entrasse em decadência estaria predestinada a extinção. Usufruíram do ecossistema aquilo que era necessário para a sua subsistência, ao contrário do homem “branco”, não tinham ganância por lucros exorbitantes. O desequilíbrio ecológico do Planeta Terra não foi causado pelas populações indígenas:

As florestas e matas naturais constituem exemplos de comunidade clímax. O que ocorreria se, para nutrir a população humana de uma grande cidade, de um Estado ou até mesmo de um país, a maioria dos alimentos necessários fosse extraída unicamente de uma floresta? Esse fato acarretaria um desequilíbrio na relação produção bruta / consumo. O forte aumento no consumo provocaria então o declínio da comunidade florestal, persistindo a situação, iria lentamente definhando até extinguir-se totalmente (PAULINO, 1991, p. 109).

O sistema de produção de gêneros alimentícios dos Taurepang era muito restrito e produzia apenas o suficiente para que cada patriarca alimentasse sua família, com isso não danificava a Natureza, a esse respeito se expressou o entrevistado número dez (E 10) no item 2:

Eu via sim, porque quando a gente butava (colocava) uma roça ele dizia:

assim você trabalha só num cantinho. Porque eles diziam, eles viam que ia acabar mermo, a gente fazia uma rocinha ali né, antigamente a gente não tinha como vender, era só a gente fazer alimento só pra nossa manutenção mermo, pro nosso consumo, então a gente vivia, fazia uma roça, uma linha de rocinha dava pra muito tempo, ali a gente, suvinava (sovinava ou escasseava) pra não acabar a mata, replantava. Essa coisa assim é assim que a gente, como eu lhe falava, pra não acabar mermo com a mata, mas huje (hoje) você vê que acabou (acabou) muito já.

A seguir entraremos para a análise das entrevistas sobre as representações sociais dos Adventistas do Sétimo Dia, especialmente sobre a evangelização dos Taurepang e suas interações com o Ambiente social.

Quadro de representações da Evangelização dos Taurepang e Ambiente.

| Entrevistados | E1 | E2 | E3 | E4 | E5 | E6 | E7 | E8 | E9 | E10 | E11 |
|---------------------|----|----|----|----|----|----|----|----|----|-----|-----|
| Evangelização | X | X | X | X | | | | X | | | X |
| Pastores Americanos | X | X | X | | X | | | X | X | | |
| Ambiente social | | | | X | | | X | | | X | |
| Nova religião | | X | | | X | X | X | X | | X | X |
| Novo estilo de vida | | | X | X | X | X | | | X | X | |

Tabela 2

O primeiro contato que os Taurepang tiveram com a religião cristã dos “brancos” ocorreu na Venezuela por meio dos padres da Igreja Católica romana; uma parte dos indígenas aceitou a evangelização dos padres, outra parte ficou à revelia. Em seguida chegou o missionário adventista americano, o Pastor David para também evangelizar os Taurepang da Gran Sabana. Naquele momento os indígenas se dividiram em três blocos: um aceitou as doutrinas dos católicos, outro se simpatizou pelo os ensinamentos dos adventistas e o restante ficou neutro. Vejamos o trecho do entrevistado (E2) na questão2:

Bom os Taurepang antigamente eles não tinha vamos dizer assim, eles não tinha religião, eles não tinha religião, mas eles tinham a história, nós Taurepang temos a história que antigamente nossos avus, (nossos avós) eles não tinha religião, mas só que ah, dirrepente (muito rápido) aparece a religião onde eles aceitaram como a base de princípio de tudo, então a isso (é essa é) história dos Taurepang começou é desde 1902 e a partir do momento passou a ter muita coisa, a gente tem hoje em nossa mente nosso avús tem contado pra nós que através da visão do nosso avú, antigamente ele viu em sonho e esse sonho é teve, inicia-se depois trinta anos, depois de trinta anos, desde 1902 há trinta anos, quer dizer esse sonho começou a ser realizar e entrou essa religião adventista (Declaração do entrevistado nº 2).

Os Taurepang encontraram respostas para as suas indagações sobre o mundo transcendente, ao adotarem a religião Adventista do Sétimo Dia como oficial em sua Maloca. Descobriu-se que tiveram uma amplitude do mistério do invisível, uma aproximação com o Deus Criador de tudo. Estão continuamente em contato a cada dia com esse Deus, dizem os Taurepang de Sorocaima.

Os preceitos que predominavam em outras áreas institucionais, como a economia e a política, foram legitimando a racionalidade funciona, e os domínios institucionais se converteram cada vez mais seculares, desprovidos de valores religiosos. Podendo determinar quem ele é, o indivíduo constrói sua opção religiosa através da 'subjetividade'. A prática religiosa torna-se um instrumento da qual o indivíduo tende a interpretar suas necessidades pessoais. Essa expressão religiosa nem precisa manifestar-se exteriormente, seja através de seus ritos, por atos comunitários. Ela torna-se 'invisível' por ser um patrimônio exclusivo e interior do indivíduo, contrariando os pressupostos das instituições religiosas. Converte-se em um 'assunto privado', de uma religiosidade individual: temos a privatização da religião num mundo secularizado (LAIN, 2009, p. 38 e 39).

Com relação dos missionários adventistas americanos que evangelizaram os Taurepang, o entrevistado número um (E 1) na sétima questão declarou que:

Para serem adventistas os religiosos missionários que andavam no mundo, assim como pesquisadores estão chegando à nossa casa, à nossa casa, a mesma coisa os missionários andavam, atravessavam Brasil evangelizando porque ele estava cumprindo sua missão que tá na bíblia onde disse apocalipse 14: 6 e 7: “e será pregado esse evangelho a toda nação tribo e língua” toda nação e assim tava (estava) cumprindo sua missão. Estavam atravessando pregando sobre a vinda novamente de Jesus para levar aquele que está preparado para mansão celestial, é isso que nós transforma (nos transforma) para ser um dia levado para morar no céu junto com Cristo Jesus (Declarações do entrevistado nº 1).

Os Taurepang adventistas mais velhos lembram como aconteceu a mudança da sua religião antiga para a religião Adventista do Sétimo Dia. Cada vez mais buscam manter um bom equilíbrio com o Ambiente. O entrevistado número três (E 3) na questão número cinco, esclareceu essa questão desta forma: “A organização adventista, isso aí veio de muitos tempos, esses missionários do Norte da América da Califórnia e finado meu avu (avô) foi aceitar a mensagem lá na Guiana e lá ele aceitou e de lá pra cá ele veio com essa religião, aí a onde eu comecei a me entender ele já era adventista” (Declarações do entrevistado nº 3).

Paralelamente à evangelização dos Taurepang os Pastores adventistas repassaram muitas instruções sobre a convivência salutar entre a humanidade e o Ambiente conforme a afirmação do entrevistado número sete (E 7) na pergunta 5:

A evangelização dos Taurepang foi à década de 1958, 58 meu pai ele achava que tudo plantio árvore, Natureza tudo era criação de Deus, Deus que fez aquela árvore frutífera é para alimentação das (dos) seres humanos que viveram na terra, então pra eles contando como árvore servia de deus, contando que árvore alimentava seres humanos no interior, no passado assim (Declarações do entrevistado nº 7).

Ainda falando sobre o Ambiente o entrevistado número dez (E 10) na quinta pergunta declarou que:

Quando evangelizavam na pernada né, todos nós sabemos que eles andavam pela Natureza, era uma Natureza como eu tô falando era muito bunita, (bonita) quando andavam, eles viam como a gente andava com eles e eu sempre via, andava pra cá pro rumo (para o rumo) do Tachí, o Tachí é

longe, não tinha estrada meu avu (avô) saia aqui, ele falava pra gente: “meus netos por aqui vocês vão andar”, porque ele sabia que não ia existir mais a natureza que Deus fez desde a criação do mundo, então vamos seguir o caminho (Declarações do entrevistado nº 10).

Depois que os Taurepang se tornaram adventistas do sétimo dia passaram a defender novas crenças que antes não tinham, como por exemplo, o batismo por imersão, ou seja, o batismo segundo Jesus ensinou que a pessoa deveria entrar na água e mergulhar completamente, esse rito sagrado é um dos mais significativos para eles, pois “lava” e purifica o espírito e conseqüentemente nasce uma “nova pessoa”.

Para o cristão, o batismo é um sacramento, pois foi instituído pelo Cristo. Mas nem por isso deixa de equivaler ao ritual iniciático da prova (luta contra o monstro), da corte e da ressurreição simbólicas (o nascimento do homem novo). Não queremos dizer com isso que o judaísmo e o cristianismo “tomaram de empréstimo” tais mitos e símbolos às religiões dos povos vizinhos; não era necessário; pois o judaísmo era herdeiro de uma pré-história e de uma longa história religiosas onde todos esses elementos já existiam (...) (ELIADE, 2013, p. 114).

Depois de se apropriarem de uma nova religião, a Adventista do Sétimo Dia, os Taurepang passaram a ter um novo estilo de vida. Observe a declaração do entrevistado número 4 (E 4) na pergunta sete:

Olha! Foi tão difícil! Foi tão difícil! A gente passar porque como a gente ver hoje em outra religião por aí, ainda tem uns indígenas de outra tribo, é difícil passar de seu costume para uma religião né? Mas mesmo assim, com a obra do Espírito Santo, ninguém ver o Espírito Santo, mas a obra que Ele fez; fez mudança de uma forma inexplicável né, e agora nós tamos (estamos) vivendo de acordo com a palavra de Deus, de acordo com a bíblia que é uma carta de Deus, então a gente, é! Sente uma mudança geral tanto na carne, no sangue, a gente comia tudo que era de imundícia; primeiro a gente entende que nossos avô (nossos avós) no passado, eles se alimentavam de qualquer forma de alimento imundo, mas não foi fácil passar de cultura pra adventista agora, mas agora é muito bom, a gente vive como adventista, agora é uma vida muito inexplicável, é uma vida saudável né, então isso foi tão difícil pra eles e agora pra nós que já somos adventista, não é difícil (...) (Declarações do entrevistado nº 4).

Um dos papéis da religião é sempre exteriorizar a lacuna transcendental que está escondida dentro do indivíduo, quando o religioso está em contato com o sagrado sente no seu interior a presença do ser espiritual invisível, então exterioriza o que está dentro dele e é possível que esse fenômeno seja percebível por todos. Chama-se isso de fenômeno transcendental inexplicável. Não são todos, mas alguns religiosos entendem o que se passa com sigilo. Quem está de fora percebe a transformação que está ocorrendo com ele, mas é impossível sentir o que ele sente:

O processo dialético fundamental da sociedade consiste em três momentos, ou passos. São a exteriorização, a objetivação e a interiorização. Só se poderá manter uma visão adequadamente empírica da sociedade se se entender conjuntamente esses três momentos. A exteriorização é uma contínua efusão do ser humano sobre o mundo, quer na atividade física quer na atividade mental dos homens. A objetivação é a conquista por parte dos produtos dessa atividade (física e mental) de uma realidade que se defronta com os seus produtores originais como facticidade exterior e distinta deles. A interiorização é a reapropriação dessa mesma realidade por parte dos homens, transformando-a novamente de estruturas do mundo objetivo em estruturas da consciência subjetiva (BERGER, 2012, p. 16).

Os Taurepang depois que mudaram seu estilo de vida, ou seja, após o contato com os europeus muitas coisas mudaram, mudaram de religião, mudaram seu estilo de vida, pensam muito mais na vida transcendental estão mais ligados ao Divino, ao sagrado; preferem cada vez mais substituir o profano pelo sagrado; almejam um novo céu, uma nova terra onde não haverá mais luta, nem pranto nem catástrofe pois dizem que estão se preparando para mudar outra vez mais de estilo de vida, querem ir para o céu e lá terão o último e definitivo estilo de vida, morando literalmente com o divino.

A simples contemplação da abóboda celeste é suficiente para desencadear uma experiência religiosa. O Céu revela-se infinito, transcendente. É por excelência o Ganz Andere diante do qual o homem e seu meio ambiente pouco representam. A transcendência revela-se pela simples tomada de consciência da altura infinita. O “muito alto” torna-se espontaneamente um atributo da divindade. As religiões superiores inacessíveis ao homem, às zonas siderais, adquirem o prestígio do transcendente, da realidade

absoluta, da eternidade (ELIADE, 2013, p. 100).

Com o novo modelo de vida os Taurepang começaram a desenvolver novas práticas espirituais, antes pensavam praticamente em adquirir alimentos, consumirem e passar o tempo. Depois como as familiarizações com os europeus e também com os missionários adventistas vindo da América do Norte começaram a receber muitas orientações de um estilo de vida saudável, ético e orientações para uma convivência harmoniosa com o Ambiente. Apesar de a Igreja Adventista pregar grandes lições sobre mordomia, alimentação, domínio próprio e tantas outras lições de vida, mas basta uma convivência mais duradoura com eles, começando por alguns Pastores e tantos outros membros para perceber que grande parte deles não coloca em prática aquilo que pregam. No depoimento do entrevistado número 9 (E 9) na pergunta 7, ele define mais essa posição:

Nós Taurepang não existia, pra nós Taurepang não existia Deus, a gente vivia como eu te falei a gente vivia simplesmente só plantando, a gente vivia mesmo assim, sem pensar noutras coisas. Invés de pensar no futuro vivia só plantando e comendo, depois que a gente descobriu essa religião a gente ficu (ficou) melhorando essa situação e nós temos sobre a religião melhorar, melhorar assim a convivência (Declarações do entrevistado nº 9).

A seguir será feita a análise das representações sociais da Maloca Sorocaima, da sua vida social e religiosa como Adventistas do Sétimo Dia e sua interação com o Ambiente, seu habitat natural e seus novos paradigmas de fé.

2 Os Adventistas de Sorocaima, seus dogmas e Ambiente

Representações da Maloca Adventista de Sorocaima e Ambiente.

| Entrevistados | E1 | E2 | E3 | E4 | E5 | E6 | E7 | E8 | E9 | E10 | E11 |
|---------------|----|----|----|----|----|----|----|----|----|-----|-----|
| Nova moradia | X | X | X | X | | X | X | | X | X | |
| Surge | X | X | | X | | | | X | | | X |

| | | | | | | | | | | | |
|-----------------------|---|--|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Sorocaima | | | | | | | | | | | |
| Sorocaima Adventista | X | | | X | X | X | X | | X | X | |
| Ambiente em Sorocaima | X | | X | X | | X | | X | | X | X |

Tabela 3

Os Taurepang antes da presença do Exército Brasileiro fixaram residência na Cordilheira de Pacaraima na divisa com a Venezuela e por muito tempo foram os guardiões da Fronteira Brasileira até a chegada do 7º pelotão de Fronteira do Exército. Para esclarecer melhor essa situação o entrevistado número um (E 1) na oitava pergunta diz que:

Significa pra mim, significa nada, porque nós mesmos desde nossos antepassados, nossos bisavó vivia nessa área, a gente permanece vivendo aqui, agora os brancos que chegaram pra fazer essa cidade, já encontraram os Taurepang que moravam desde ano, muito ano atrás viviam aqui nosso bisavó, viviam aqui, ainda os brancos chegaram aqui por isso nosso lugar aqui a onde nasceu nosso pai, nossa bisavó pai tudo, nossos filhos tão vivendo nessa dentro, dentro dessa fronteira, aqui dentro dessa Sorocaima até hoje funciona a Igreja Adventista do Sétimo Dia que cuidava do povo Taurepang (Declarações do entrevistado nº 1).

Como Husserl busca desvencilhar-se tanto do psicologismo como do empirismo contumaz, acaba desembocando na combinação, ou dependência mútua, de ambas as coisas: a experiência (o fenômeno) reside na dialética relacional entre os a priori das consciências e o “vivido”, que não é a linguagem dele, mas que parece muito ajustada (TEIXEIRA, 2001, p. 191 e 192).

Na entrevista número três (E3) na pergunta oito, o informante faz uma importante descrição da nova moradia dos Taurepang localizado na Cordilheira de Pacaraima: “acho que em 1905, por aí, que o Marechal Rondon passou aqui na fronteira e aí juntou todas, convocaram às comunidades, os tuxauas das comunidades tanto do Brasil como da Venezuela, nesse tempo ele começou a dividir a fronteira, começou a demarcação, aí ele

disse para muito dos tuxauas reunido, assim”:

A Venezuela é um país muito “quente”, vamos dizer muito violento, uma lei que vai massacrar os indígenas, não é agora, mas vai passar um tempo e vão acontecer, vocês escolhe agora Brasil vai passar mais anos em paz, tranquilidade, um país tranquilo, então são dois países Brasil e Venezuela, vocês escolhem se vai viver na Venezuela ou vai viver no Brasil, você escolhe, o general Rondon falou pros tuxauas, ele tinha duas bandeiras, uma da Venezuela e uma do Brasil, aí os tuxauas levantaram assim a bandeira do Brasil e aí os tuxauas e aí o Marechal Rondon e suas tropas atiraram para cima e viva Brasil! E aí a onde eles passaram que iam acontecer essas coisas assim, logo mais, foi muito tempo, muito anos, eles passaram pro Brasil a viver no Brasil, aí passou tempo e não aconteceu nada, voltaram de novo, aí muitos voltaram, poucos ficaram aqui no Brasil. (Declarações do entrevistado nº 3).

Antigamente os Taurepang procuravam manter vivas suas tradições, armazenando em suas memórias o que conseguiam de seus costumes e sua história, apesar de ser um registro oral mais passava de pai para filho o que era possível. Depois que passaram a conviver com os europeus, muitos povos indígenas foram esquecendo suas histórias e tradições, como por exemplo, a própria história de Sorocaima, o significado da palavra Sorocaima, pois principalmente as gerações mais jovens não têm registros dessas informações. Mas um dos filhos do fundador, o entrevistado número oito (E 8) na pergunta 8, conserva essas informações em sua mente por quase sessenta anos e conta assim:

Aqui Sorocaima historicamente vem, esse Sorocaima vem trazendo história longa, antigamente esse lugar aqué (aqui) era conhecido como Sorocaima, esse lugar na linguagem Taurepang, Sorocaima como se fosse assim: a gente coloca alguma coisa, alguma coisa, uma pedra, (pedra) ou banana num cesto, num cesto grande, aí coloca aí alguém diz assim: coloca aí! Então na nossa linguagem a gente coloca: SORÓ? Na lata ou no cesto. Em português: COLOCA? (A última sílaba é pronunciada super-rápida) é colocar aí dentro, aí coloca, aí dentro: SORÓ? (Também SORÓ: já colocou), outro: SARÁ? O mesmo, o mesmo, colocou na lata ou no cesto: SARÁ? Como a gente coloca oferta no envelope: SARÁ? Já colocou. Então esse lugar antigamente morava gente aqui, cem anos atrás, morava gente por aqui, mas morriam, esse lugar é conhecido, é lugar doentio, chegava um indígena de utra (outra) comunidade, de longe chegava aqui, passava cinco mês, quatro mês (quatro meses), oito mês ou um ano, ele morria; chegava de utra comunidade passava um ano morria, chegava utro. Morria criança de dois anos, cinco anos, dez anos, quinze anos, aí o lugar pegu esse nome

porque chegava, entrava no cemitério SORÓ? Só engulindo, só colocando no cemitério, na tumba, chegava e não voltava então esse lugar pegu (pegou) SOROCAIMA, então esse lugar é assim. Aí mudú só uma puntinha, (aí mudou uma pontinha) aí pra se escrever, colocaram Sorocaima (...) (Declarações do entrevistado nº 8).

O mesmo entrevistado na pergunta nove, afirmou como os Taurepang conseguiram esse ambiente chamado Sorocaima para fixar residência:

(...) Meu pai quando veio pra cá, meu pai era daqui do Rio Amajari, fui morar pra Venezuela por alguns tempos eu acho que ele ficu (ficou) por lá uns 25 anos, ele teve filhos e filhas, trouxe a família pra cá no ano 1963 aqui no Sorocaima, ele morava aqui, ele veio de lá morando aqui três anos morando aqui, dois anos já fui subindo foi morar mais 25 anos lá e depois quando teve (tiveram) filhos e filhas, ele falava pra nós eu era pequeno aí meu pai falava: “meus filhos eu tenho, conheço um lugar Sorocaima onde a gente moru(morou), só que perigoso lugar de doença, mas somos da igreja podemos voltar, mas em nome de Jesus ninguém vai se adoecer, nós vamos permanecer”. No ano 63, 63,64 e nós vinhemo (vinhemos) já estava abandonado, não tinha ninguém, ninguém, o lugar era devoluto, então no ano 63 vinhemo aqui, mas trazendo evangelho, eu tinha bíblia, a minha irmã e o marido dela tinha a bíblia, trouxemo pra cá, não tinha igreja, mas a gente andava com a bíblia, meu pai era também religioso da Igreja Adventista do Sétimo Dia ele era ancião, na época então nós vimhemo, compremo uma roça dum cidadão que morava aqui um garimpeiro que parou (parou) por aqui e botu uma roça, plantu umas bananeiras e encontru nós lá na fronteira, naquele tempo existia um comerciante por nome de Cícero na casa dele se encontrava lá ele falu: “parente eu tenho uma roça lá de mandioca e um pouquinho de canavial”, aí meu pai disse tá eu vou comprar, quanto é a roça? O valor da roça é 100 boliva na época 100 boliva, tá, deixa a roça pra mim, que daqui uns 10 dias, 15 dias vou mandar o dinheiro. Pagu a roça, com 15 dias viemo aqui no Sorocaima ele tava aqui, depois que recebeu o dinheiro se mandu, aí nós ocupemo (ocupamos) esse lugar; de lá que tiremo semente, aí fiquemo de 63 pra cá a gente não voltu mais pra Venezuela, abandonemo, deixemo as casas, deixemo a roça, mas andando com a bíblia, sempre fazendo o culto nas casa (nas casas) mermo (mesmo) (Declarações do entrevistado nº 8).

Sorocaima além de ser uma Maloca é também uma comunidade adventista. Muito tempo atrás os Taurepang viviam em uma comunidade restrita, portanto sua comercialização era pequena. Atualmente Sorocaima vive apoiada em praticamente de três bases: Uma vida comercial bastante intensa; vida religiosa interligada ao social e guardiões do Ambiente da Serra de Pacaraima. Vivem a vida religiosa pautada nos ditames da Igreja

Adventista do Sétimo Dia. No momento atual ainda buscam mais que nunca compreender as profecias bíblicas, buscam a cada dia uma nova experiência e crescimento em Cristo e respeitam a individualidade de cada um. Há em seu círculo, alguns raros filhos da família Taurepang que não são Adventistas do Sétimo Dia, nem por isso são menosprezados, pelo contrário são amados e respeitados como qualquer outro membro da igreja.

Os valores adventistas se fundamentam na revelação de Deus proporcionado por meio da bíblia e da vida de Jesus Cristo. Nosso censo de identidade e chamado surge de uma compreensão das profecias, especialmente as que se refere ao tempo que antecede imediatamente o retorno de Jesus. Consequentemente, toda a vida torna-se uma experiência de crescimento e demonstração de envolvimento com Deus e Seu reino (...). Nosso respeito pela diversidade, individualidade e liberdade é equilibrado pelo interesse pela comunidade. Somos todo um - uma família mundial de fé, que busca representar o reino de Deus ao mundo por meio da conduta ética, interesse mútuo e serviço em amor. Nossa fidelidade a Deus inclui compromisso e apoio ao seu corpo, a igreja (PONTES, ANDRADE, DIAS, 2012, p, 11).

Falando sobre Sorocaima Adventista, o entrevistado número quatro (E 4) na pergunta nove, definiu:

Olha! Eu penso que é um privilégio morar nessa comunidade Adventista, é tão diferente de outras comunidades, então isso é muito bom, uma comunidade separada igual à gente. Cerca uma área e aí dá os rebanhos, então uma comunidade Sorocaima ele significado assim, nós adventistas separados para morar, então isso é, nos dá muito orgulho de viver nessa comunidade, viver é uma comunidade diferente, longe da bebida, tranquilo onde a gente ver só o silêncio, dá pra viver tranquilo então isso é muito interessante morar nessa comunidade (Declarações do entrevistado nº 4).

Os Taurepang atualmente ainda têm muitas informações a respeito da sua própria existência, mas aos poucos essas informações estão sucumbindo, pois cada filho do patriarca de Sorocaima que morre leva consigo as informações que tem. Permanece ainda hoje como antigamente toda a sua história permanece registrada nas memórias dos descendentes mais velhos do fundador, o Taurepang Mário Flores. Os jovens sabem muito pouco ou quase nada da sua história. Outro entrevistado, o número seis (E 6) na pergunta

nove continua falando:

Aqui a gente vive na esperança do Senhor, somente isso porque único meio com esse problema (problema) que a gente tá falando, que a gente tá somente na esperança e pregar o evangelho pra utros (outros) amigos, pra utro companheiro, pra que eles possam conhecer que vai vim um tempo que é pior do que tá acontecendo aí e anti (antes) disso tamu avisando companheiro e pregando pra eles, contando como vão acontecer aí muito tão vindos aqui e a gente é! Muito tão se batizando (Declarações do entrevistado nº 6).

O entrevistado dez (E 10) na pergunta nove acrescentou mais sobre a vida social e religiosa da Maloca Sorocaima Adventista e afirmou o seguinte:

Mas isso aí que venho pensando né, não é toda comunidade que é adventista assim, sempre vejo assim essa comunidade, ela é 100% adventista né, 100% adventista, estou, eu vejo assim que é muito importante pra mim (eu) ter uma comunidade só adventista né, aí eu achava muito bunito só adventista aqui, aí quando nós, nós pra fazer a visita missionária tudo mundo, daí eu acho bum essa união dessa comunidade, não sei pra lá em diante nós tumo (estamos) aí falando pros nossos filhos, filhas que vão ficar pra continuar essa comunidade crescer mais assim (Declarações do entrevistado nº 10).

Os Taurepang de Sorocaima têm uma preocupação constante com o Ambiente, pois preservam esse espaço onde estão inseridos conforme o entrevistado oito (E 8) que na pergunta dez afirmou:

A nossa convivência sempre permanece assim, meio ambiente se fuce (fosse) só nós essa floresta tava (estava) completa, só que chegu a firma no ano de 1971, no ano 70 batalhão chegu aqui, os trabalhadores furu (foram) tirando lote, tirando lote foram quase 800 soldados vieram deixando a família em Boa Vista, no Maranhão, no Ciará, em São Paulo, aí viro esse lugar, aí furo lotiando (loteando) eles mesmo tirando lote, eles trabalhando na máquina, no carro, no caçambeiro pagavam alguém pra derribar; fui eles que destruíram nossa terra, não fui (foi) nós, (não foi nós) tamo, nós tamo vivendo aqui mesmo, aqui mesmo, nós tamo tirando o dinheirim pra nós se manter, vendemos farinha, vendemos banana, vendemos cana; a população estão aumentando, quando cheguelmo de lá éramos 7,11

peessoas, 11 pessoas, bem contado 11 pessoas; huje tem 225 pessoas, então nós estamo vivendo, você não vê destruição meio ambiente não os indígenas, os irmãos estão derrubando tão destruindo, não existe isso, até agora essa natureza tá completa, nós estamos usando só aqui mermo, bem aqui essa grande derrubada que o senhu (senhor) ver fui batalhão, pessoal do batalhão que derrubaram da entrada da mata, da entrada da mata até o marco BV - 8 (marco Brasil / Venezuela nº 8) fui uma derrubada muito grande, não fui os indígenas, então a gente cuidou meio ambiente (Declarações do entrevistado nº 8).

Eu também sou filho da poeira cósmica cuja história pode ir além do tempo antes da formação da terra; antes mesmo da formação de estrelas já extintas cujas transformações violentas em supernovas transformaram o hidrogênio estelar na poeira que, eventualmente, formou o nosso planeta e meu corpo. Portanto, vivendo agora nesse lugar, eu estou conectado com a terra e com o espaço pela biologia e pela cosmologia. Eu respiro o universo (RUSSEL, 1992, p. 268).

3 Sorocaima, suas Representações Sociais e Ambiente

A seguir serão evidenciadas as seis representações e seus significados mais importantes para os índios Taurepang Adventistas analisados. Apresentar-se-ão destes e dos novos significados cujos trabalhos da pesquisa foram de acrescentá-los ao que significa na atualidade essas imagens Taurepang. Fez-se necessário uma permanência de muitos meses na Maloca Sorocaima a fim de entender o cotidiano dos índios adventistas: suas relações familiares, observar suas formas de relacionamentos com seu Deus, seus anseios espirituais e o que mais os representa socialmente. Decidiu-se que era importante está dentro do fenômeno ou entre o mesmo para se entender as suas representações.

Em alguns casos, faz-se necessário a imersão no fenômeno a fim de entender a diferença. Tais condições superam a complexa relação entre objetividade e subjetividade, questionando seriamente a concepção de neutralidade científica. O importante é perceber que a noção de rigor nas ciências sociais está sendo resolvida epistemologicamente (RABELO, 2012, p. 27).

A seguir na tabela número quatro, percebe-se quais os elementos que mais representam socialmente o povo Taurepang adventista de Sorocaima

Novas representações sociais do povo Taurepang adventista de Sorocaima e Ambiente.

| Imagem Taurepang | Repetição/frequência | Representação |
|--|----------------------|----------------------------|
| Povo Taurepang e Ambiente | 7 | Meio Ambiente Tribal |
| | 8 | Religião Tribal |
| Evangelização dos Taurepang e Ambiente | 6 | Evangelização |
| | 3 | Meio Ambiente Social |
| Sorocaima, os adventistas e Ambientes. | 7 | Sorocaima Adventista |
| | 7 | Meio Ambiente Em Sorocaima |

Tabela 4

Essas representações sociais foram agregadas a outros valores possibilitando uma maior clareza na análise desta pesquisa. Os Taurepang foram analisados por meio das noções de uma vida social equivalente a qualquer vida familiar brasileira, convivendo com o Ambiente. Não se tem muitas informações sobre o passado muito distante. A escritora Jodelet falou sobre representações sociais da seguinte forma:

Aos trabalhos que examinam a interdependência entre os processos de representação e vulgarização (...) faz eco a ênfase dada, na didática das ciências e na formação de adultos, ao papel das representações sociais como sistema de acolhimento que pode constituir um obstáculo ou servir de ponto de apoio à assimilação do saber científico e técnico (...) (JODELET, 1989, p. 45).

O Ambiente Taurepang semelhante ao da religião do mesmo período também não há muitas informações disponíveis devido à falta de registros por escrito, mas os indígenas conservaram muitas informações repassadas verbalmente de pai para filho. A religião do passado hoje não tem mais significado para os Taurepang da Maloca Sorocaima, pois são adeptos do movimento Adventista do Sétimo Dia, mas tudo continua praticamente como

antes para a outra parte dos Taurepang que não é adventista. Os mitos, as crenças, as curas, as narrativas, os seus heróis e seus deuses continuam vivos como antes.

À luz da história e da antropologia, podemos afirmar que essas representações são entidades sociais, como uma vida própria, comunicando-se entre elas, opondo-se mutuamente e mudando em harmonia com o curso da vida; esvaziando-se apenas para emergir novamente sob novas aparências (MOSCOVICI, 2009, p. 38).

O entrevistado onze (E 11) na pergunta dois se referiu da seguinte forma sobre a religiosidade passada dos Taurepang:

Antes que eles conhecessem a verdadeira religião né, Adventista do Sétimo Dia, eles tinham alguém para adorar podia ser uma árvore, ou um animal selvagem, por exemplo, a onça eles falavam muito sobre a onça, o jabuti, um tipo uma lenda, mas ao mesmo tempo era um deus deles né, eles acreditavam muito na onça e no jabuti, meu avó (meu avô) contava muito essa história deles, era um deus deles antes de conhecerem o evangelho verdadeiro (Declarações do entrevistado nº 11).

O Ambiente sempre esteve em boas condições por onde esse povo passou, pois não se tem informações que houve degradação do ecossistema por parte deles. Perceber-se que o Ambiente com suas complexas formas de vida que se interagem entre si e consequentemente o ser humano é envolvido nessa teia, está cada vez mais difícil manter o equilíbrio ecológico. A atual presença humana no Ambiente está provocando transtorno aos ecossistemas; entende-se que caso o ecossistema desapareça o ser humano também é extinto, todavia se o ser humano simplesmente desaparecer o Ambiente continuará existindo.

Na base da TGS está à noção de sistema como “conjunto de elementos em interação”. Mas a característica fundamental, portanto, de sistema é a inter-relação dos elementos. Entender um sistema significa fazer as devidas conexões entre seus elementos, de modo que se ajustem ao todo. Uma alteração em um dos elementos provoca mudanças nos demais ou na totalidade do sistema. Assim, uma investigação de qualquer parte do sistema deve ser sempre realizada em relação ao todo (CIRNE, 2013, p.

100).

A evangelização Taurepang é uma marca considerável e presente na vida do povo da Maloca Sorocaima, pois percebemos que a religião adventista modificou bastante a vida social e religiosa dessa parte da etnia Taurepang que mora na Maloca Sorocaima. A partir do momento que aceitaram a nova religião começaram concomitantemente a imitar o modelo de Cristo. A base do modelo de Cristo sempre foi o amor e perdurará por toda a eternidade; não só os Taurepang, mas grande parte dos cristãos tenta imitar esse modelo, todavia percebe-se que os cristãos estão muito longe desse modelo, pois o Cristo amava a todos sem distinção de credo, raça ou cor. Os cristãos normalmente demonstram amor pelos seus irmãos da sua denominação ou irmãos sanguíneos. Os Taurepang receberam muitas instruções dos Pastores adventistas sobre o cristianismo e dogmas adventistas. Mitos e lendas foram ficando para trás e novos paradigmas foram firmados como: libertação do “mundo”, o conceito de reconciliação humana com o Divino e reaproximação entre os inimigos:

A Igreja Adventista vê como parte de sua missão a extensão do ministério de Cristo no mundo de sofrimento. Seu ministério era um ministério de conforto, poder, libertação e reconciliação. Ao lado de outros cristãos, somos uma força restauradora e estabilizadora em tempos de mudança. Quando tudo é turbulento ao nosso redor, a igreja proporciona a certeza de que existe Alguém acima do turbilhão deste mundo que é imutável e cujo propósito finalmente prevalecerá. A igreja serve como uma sentinela na sociedade e como uma comunidade dotada de poder, insistindo com indivíduos e famílias para que se avaliem as condições existentes ao seu redor, preservando aquilo que é bom e transcendente e alterando o que é prejudicial (PONTES, ANDRADE, DIAS, 2012, p. 269).

Percebemos como o entrevistado número sete, na pergunta cinco (E 7) se referiu à evangelização dos Taurepang: “a evangelização dos Taurepang foi na década de 1958, 58 meu pai ele achava que tudo (todo) plantio (de) árvore, natureza, tudo era criação de Deus”. Os Taurepang de Sorocaima continuam descrevendo como foi sua evangelização:

Taurepang em contato com os adventistas sim! Foi firmada uma amizade,

meu pai não era cristão não, era católico, mas ele ouviu alguns comentando, evangelizando a palavra de Deus, ele começou a chegar e entender começou a chegar, saber como era, começou, a saber, como era o relacionamento com Deus, ele procurou saber foi em 58 ele chegou a querer ser, ser um cristão, ser um adventista, quando chegou à vez batizou em 58, aliás, em 58 no Guiana quando já começou a entender como religião entrava em contato com adventista, como Sorocaima entrava junto pra conversar né, assim, falar né! Pra assim falar do (da) religião que maneira que mudou a religião dele, ele achou que essa religião mudou a vida dele, quando ele era antes, não era assim, mas agora desde que ele aceitou a evangelização do adventista, dos irmãos adventista, ele chegou a entender no qual ele ficou (Declarações do entrevistado número sete (E 7) pergunta seis).

As representações sociais dos Taurepang em Sorocaima estão sendo evidenciadas graças às entrevistas, apesar de muitos afirmarem que não faz muito necessário na década atual as entrevistas, mas neste caso está sendo importante para buscar compreender como vivem sua fé religiosa adventista. O entrevistado número um (E1) na pergunta seis continua discorrendo a transformação que o evangelho causou nos crentes em Sorocaima:

E a história com os Taurepang que evangelho transforma que realmente na realidade transforma. Ela transforma porque antigamente ninguém sabia como era a lei, ninguém sabia como era a lei pra ser obedecida, veio Taurepang pra em tudo ser obedecido, onde a maioria não obedece, mas através da educação que é a Bíblia Sagrada, nós estamos aprendendo e ainda não temos entrado na verdade. Mas tamo (estamos) lutando pra conseguir, aquela que veio nos mostrar que viemos transformar muita coisa, antigamente nós era utra (outra) pessoa, a gente fazia, comia alguma coisa que não se devia comer porque nós não tinha (nós não tínhamos) conhecimento da verdade, onde está na bíblia uje (hoje) todos nós temo (temos). (Declarações do entrevistado número um (E 1) na pergunta seis).

Desvendar a representação social dos Taurepang Adventistas do Sétimo Dia de Sorocaima necessitou de uma intensa busca dos ensinamentos da religião dos Adventistas do Sétimo Dia, além disso, foram necessárias pesquisas envolvendo questionários, um aprofundamento intenso nos seus costumes e dogmas e uma aproximação duradoura “In Loco” por parte do pesquisador. É necessário desmistificar, conhecer seus costumes religiosos e sociais em representações sociais, ou seja, evidenciar suas vivências atuais, sua religiosidade, seu novo padrão de vida religiosa, sua interação atualmente com o

ecossistema, demonstrando como os Taurepang são representados socialmente nesse começo do século XXI.

Essa preocupação nos levou a abordar o problema da identificação dos fenômenos de representação social em três escritos sucessivos: Sá, 1992, 1994, 1996. E achamos importante insistir sobre ele neste livro, porque tal identificação constitui o primeiríssimo ponto de partida para a construção do objeto de pesquisa. De fato, não faz sentido tentar estudar a representação de algum objeto por um dado conjunto social se esse fenômeno não existe, ou seja, se o grupo que relacionamos para o estudo simplesmente não tem uma representação do objeto que resolvemos estudar (SÁ, 1998, p. 46).

O que chamamos de Ambiente social é o período em que parte da etnia Taurepang passou a conviver de certa forma harmoniosamente com os “brancos”. Analisou-se nesse contexto a movimentação dos Taurepang no Ambiente brasileiro, guianense e venezuelano. Sua interação com esse ecossistema com novas ideias sobre preservação do Ambiente adquirida por meio da nova religião. Notou-se uma correlação deste povo com o Ambiente, pois agora creem que também fazem parte integrante do Ambiente. Nesse contexto em que estavam melhorando sua convivência com o Ambiente, não estavam muito familiarizado com o termo biodiversidade, mas tinham conhecimento de que a sua própria sobrevivência dependia unicamente da grande variedade de seres vivos do Planeta.

A variedade de formas por meio das quais a vida se manifesta, com diferentes genes, espécies e ecossistemas, em uma região ou em todo planeta, é chamado de biodiversidade. Essa característica da natureza é responsável pela evolução e pela manutenção da vida em todos os ecossistemas (ALMANAQUE, 2006, p. 68).

Passaram-se muitas décadas do encontro dos Pastores americanos adventistas com os índios Taurepang, mas continuam muito vivas as lembranças desta presença nos índios, conforme descreveu um Taurepang adventista de Sorocaima:

A evangelização sim, somos através da bíblia, nós conhecemos bem os pastores eles vinha (eles vinham) antigamente eles não conheciam como

era, eles viviam no meio da natureza, se comunicavam com o meio ambiente (...). Taurepang significa que eles vive (eles vivem) conforme a natureza, que Deus ele é o único criador da natureza, então eles cuida bem e eles procura bem estar da sua saúde (...) (afirmação do entrevistado número dois (E 2), pergunta cinco).

Seguiu na sequência falando sobre o Ambiente o entrevistado número três (E 3), pergunta dez:

A gente aqui, podemos dizer assim, a gente aqui preserva o meio Ambiente, a gente não tem essa desmatção (ou desmatamento) como muito acontece aí fora, aqui nós tamo (estamos) com quis (quase) 50 ano (anos), a gente ver essa natureza ainda sadia né? O que estragou só a seca quando ela vem aí queimadas, mas a derrubada das matas, das árvores ainda permanece aqui, a gente tá preservando (Declarações do entrevistado nº 3).

Parece que o assunto sobre evangelização e mudança de religião está muito vivo na mente dos Taurepang de Sorocaima apesar de fazer muitas décadas que isso ocorreu, mas nota-se que tudo se renova a cada batismo que acontece. A seguir os Taurepang continuam descrevendo a sua evangelização e sobre o Ambiente.

Olha! Depois que foi evangelizada a gente começou a entender que a Natureza foi criada primeiro que o homem por Deus né? Então a Natureza ele é preservado assim como nós preservamos a nossa vida, então depois do nosso entendimento através da verdade, a Natureza agora é a criação de Deus, então a gente segue, mas não valorizando a Natureza em primeiro lugar, a gente valoriza em primeiro lugar a Deus e a Natureza é feito criado por Deus, então a gente tem esse preservação da natureza e do meio Ambiente (Depoimento do entrevistado número quatro (E 4), pergunta cinco).

A partir de agora será abordado à vida social e religiosa dos Taurepang da Maloca Sorocaima, a sua convivência como uma grande família, sua vida religiosa e suas representações sociais. Quais as mudanças ocorridas no aspecto religioso sob os paradigmas de fé dos adventistas do Sétimo Dia, suas lutas sociais e suas aspirações tanto na vida social como na esfera transcendental. “A religião não é o que o ser humano faz com a solidão, mas

o que o ser humano faz com a presença daquilo que nos extasia, alarga nosso coração e que está aquém e além de toda a razão. Não é nesse horizonte que faz sentido falarmos de Deus?" (BOFF, 2008, p. 78).

Assim, quanto às condições de produção e circulação das representações sociais, identificam-se três conjuntos, designados pelos rótulos genéricos de "cultura", "linguagem e comunicação" e "sociedade". Pesquisam-se as relações que a emergência e a difusão das representações sociais guardam com fatores tais como: valores, modelos e invariantes culturais; comunicação interindividual, institucional e de massa; contexto ideológico e histórico; inserção social dos sujeitos, em termos de sua posição e filiação grupal; dinâmicas das instituições e dos grupos pertinentes (SÁ, 1998, p. 32).

Os Taurepang eram intrigados com interrogações no passado quando entraram em contato com os missionários cristãos tais como: Na prática o que acontece na vida de quem recebe um novo nascimento? E ter uma nova vida é importante? Haverá outra vida após a morte? Atualmente afirmam que era assim no passado. Conforme foram interagindo com os colonizadores europeus e posteriormente com os Pastores Adventistas americanos receberam informações que há muito tempo estavam procurando e conforme foram satisfazendo seus desejos transcendentais foram também se aproximando cada vez mais dos adventistas, estreitando seus laços sagrados. "A revelação trazida pela fé não destruiu os significados pré-cristãos dos símbolos: apenas adicionando-lhes um valor novo. É certo que, para o crente, o novo significado eclipsou os outros". (...) (ELIADE, 2013, p.115). A Ressureição em Cristo é um dos principais valores sagrados para o Taurepang da Maloca Sorocaima; a crença dos adventistas na Ressureição tem uma espécie de pré-requisito, tem que haver uma preparo constante e progressivo, aqui enquanto está vivo. Porque quando a pessoa morre tudo se acaba. O preparo para o traslado desta vida terrena para a vida pós-morte no além tem que ser aqui e diariamente. "Era a ressurreição do Cristo que importava não os "indícios" que se podia ler na vida cósmica. Contudo, subsistia o fato de que nova orientação era de certo modo, condicionada pela própria estrutura do simbolismo". (...) (ELIADE, 2013, p. 115).

Concernente à família os Taurepang de Sorocaima têm duas versões: a família

sanguínea e a família em Cristo. Há valores importantes na religiosidade entre os adventistas de Sorocaima. A família é um dos elos importantes que mantém a fé, o companheirismo e o amor entre os cristãos, pois para a família estar bem, precisa está ligada em Cristo.

A primeira obra dos cristãos é serem unidos na família. Então a obra se deve estender a seus vizinhos de perto e de longe. Os que recebem luz precisam deixá-la irradiar em límpidos raios. Suas palavras, que rescendem ao amor de Cristo, precisam ser um cheiro de vida para a vida. Quanto mais intimamente são unidos os membros da família em sua obra no lar, tanto mais de molde a elevar e auxiliar será a influência que pais, mães filhos e filhas exercerão fora dele (WHITE, 1973, p.37).

Os símbolos, os valores religiosos, suas práticas dentro do plano sagrado são elementos fundamentais da representação social dos Taurepang adventistas de Sorocaima. O sagrado e o profano sempre são opostos, não andam juntos, os Taurepang sabem disso, desde que eles fizeram a escolha pelo Cristianismo estão procurando melhorar suas vidas espirituais no sagrado, no transcendente e deixando sempre de lado o profano. São esses mecanismos espirituais, mas por outro lado, apresentam-se visivelmente mediante a fé exteriorizada através de gestos e expressões corporais. Mais parece que os adoradores da divindade estão em estado de êxtase. Todos esses fenômenos, essa expressão cultural formam as representações sociais dos Adventistas de Sorocaima.

Eu suspeito que a linguagem corrente usada ao se falar sobre a representação social pode ter obscurecido seu vetor construcionista (...). Ela (Jodelet) entende as representações sociais como sistemas de conhecimentos, simbólicos, etc., que são socialmente elaborados, que orientam o comportamento e intervêm na definição da identidade individual e social e na construção de objetos (...). Essa decomposição conceitual do termo representação social na linguagem teórica é complementada pela terminologia usada na pesquisa corrente. (...). Em primeiro lugar, uma separação conceitual entre a representação e seu objeto e, em segundo lugar, uma ocupação principal com o simbólico, o icônico e o conteúdo cognitivo que constituem as representações (WAGNER, 1994, p. 5).

Os Taurepang de Sorocaima depois que passaram a ser praticantes da religião

Adventista descobriram vários conceitos religiosos que constam na Bíblia que antes não conheciam e que hoje é um dos seus principais dogmas, como por exemplo, o sábado como dia de repouso. Ocorrem muitas situações diferentes e transcendentais, o que nos chama atenção não é a guarda do sábado o sétimo dia da semana, mas como eles o guardam, eles passam a semana inteira esperando o sábado chegar para ter um encontro com o seu Deus. Não é que eles não tenham um contato com Deus durante a semana, claro que têm, mas nesse dia é um encontro especial e começa ao pôr-do-sol na sexta feira e termina ao pôr - do sol de sábado.

Lembra-te do dia de sábado, para santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro; porque em seis dias, fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo que nele há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou (ÊXODO, 20:8-11).

Os Taurepang de Sorocaima agora se dizem portadores de luz, e luz que emana do trono do Altíssimo Deus. Portanto dizem eles: “se somos luzes, temos que brilhar”. A filosofia dos adventistas é de se apresentar ao mundo de uma maneira diferente, não exatamente uma diferença exterior, mas interior, claro que essa diferença será exteriorizada, de alguma forma vai fluir e fará a diferença. O mundo hoje está envolto em um colapso de crimes violentos, corrupção, imoralidades e uma decadência moral sem precedentes. Os Taurepang adventistas lutam para ser o oposto deste mundo em trevas, ou seja, não querem ser igual a estas pessoas más deste mundo, porque acreditam eles estarem se preparando para adquirir a imortalidade, afirmam eles que quando Cristo voltar serão imortais.

As liberdades deste século de corrupção não devem ser tomadas como critério para os seguidores de Cristo. Essas costumeiras exibições de familiares não devem existir entre cristãos que se estão preparando para a imortalidade. Se a lascívia, poluição, adultério, crime e assassinios estão na ordem do dia entre os que não conhecem a verdade, e que recusam ser controlados pelos princípios da palavra de Deus, quão importa é que a classe dos que professam serem seguidores de Cristo, intimamente

associados a Deus e aos anjos, mostre-lhes melhor e mais nobre conduta (WHITE, 1973, p. 329).

O povo Adventista de Sorocaima têm suas peculiaridades das demais comunidades próximas, seus costumes religiosos e práticas sociais são bem diferentes das outras tribos indígenas próximas a eles. Esse povo busca a transcendência a toda hora e todo tempo, segundo eles há uma passagem estreita, uma porta estreita que precisa ser vencida, ultrapassada para depois entrar em uma nova vida, ser um ser celestial completamente imune aos flagelos deste mundo atual. Os Adventistas do Sétimo Dia acreditam que a morte é o fim da vida, mas esse fim, tão logo vencido, dá início o começo de uma nova vida; e vida eterna.

Tudo o que acabamos de dizer sobre o simbolismo corpo-casa, e suas correspondências antropocósmicas, está longe de ter esgotado a extraordinária riqueza do assunto: tivemos que nos limitar a apenas alguns de seus múltiplos aspectos. A “casa” - visto que é ao mesmo tempo uma imago mundi e réplica do corpo humano - desempenha um papel considerável nos rituais e nas mitologias. Em certas culturas (por exemplo, China pré-histórica, Etrúria etc.) as urnas funerárias têm a forma de casa: apresentam uma abertura superior que permite à alma do morto entrar e sair (...). Há, pois uma correspondência estrutural entre às diversas modalidades de passagem: das trevas à luz (sol), da preexistência de uma raça à manifestação (antepassado mítico) da Vida à Morte e à nova existência (...) (ELIADE, 2013, p. 146 e 147).

O sagrado para os Taurepang está primeiramente relacionado a Deus, essa relação entre sagrado e profano está constantemente viva no meio deste povo, é como se fosse um termômetro que medisse as relações entre o positivo e o negativo na vida espiritual. O homem religioso tem como funções peculiares neste mundo avaliar as situações religiosas, amar o próximo como ele mesmo se ama, servir sem ser servido a exemplo do mestre Jesus Cristo.

Conhecer as situações assumidas pelo homem religioso, compreender seu universo espiritual é, em suma, fazer avançar o conhecimento geral do homem. É verdade que a maior parte das situações assumidas pelo homem

religioso das sociedades primitivas e das civilizações arcaicas há muito tempo foram ultrapassadas pela história. Mas não desapareceram sem deixar vestígios: contribuíram para que nos tornássemos aquilo que somos hoje; fazem parte, portanto, da nossa própria história (ELIADE, 2013, p.164).

Entre o lavrado brasileiro e a savana venezuelana está situada uma das mais impolutas das reservas florestais brasileiras chamadas Serra de Pacaraima. Nessa floresta se encontra o habitat natural dos índios Taurepang adventistas da Maloca Sorocaima, situada no Extremo Norte do Brasil, no estado de Roraima.

A variedade de formas por meio das quais a vida se manifesta, com diferentes genes, espécies e ecossistemas, em uma região ou em todo o planeta, é chamada de biodiversidade. Essa característica é responsável pela evolução e pela manutenção da vida em todos os ecossistemas. A biodiversidade é à base do bem-estar humano. Seus recursos, domesticados, como os grãos e o gado, ou selvagens, como os extraídos das florestas, alimentam, curam, vestem, dão abrigo e é fontes energéticas, além de proporcionar recreação e beleza a toda a humanidade (Almanaque Abril, 2006, p.68 e 69).

Percebe-se que as maiores cidades e as mais populosas do planeta na atualidade formam um verdadeiro formigueiro humano com uma péssima qualidade de vida, diríamos até uma vida sub-humana para as classes mais pobres “Atualmente os danos são planetário, afetando o solo, o ar, as águas, o clima, a flora, a fauna e a qualidade de global da vida humana. As 25 cidades com 8 a 12 milhões de habitantes formam verdadeiros purgatórios e até mesmo infernos ecológicos” (BOFF, 2008, p.41). A flora e fauna desse imenso habitat dos Taurepang formam um Ambiente completamente diferente proporcionando uma ótima qualidade de vida a seus habitantes.

Compreende-se que na esfera da religiosidade indígena para as Ciências da Religião, notadamente ao que se relaciona à cosmovisão dos elementos míticos, há uma nova visão sobre a divindade, a conversão ao cristianismo e uma inter-relação de cooperação mútua entre seres humanos e ecossistemas. Todos esses elementos são fatores importantes na cosmovisão Taurepang. Foram amplamente discutidas as representações sociais no terceiro capítulo e servirão de base para o aprofundamento teórico da religiosidade dos Taurepang

adventistas da Maloca Sorocaima.

Na concepção de Hoebel, a ideia de mundo e a religião estão entrelaçadas e fortemente unidas, pois declaram sistemas ideológicos. A experiência através dos seres celestiais, deuses, a busca pela transcendência chama-se religião, ela define comportamentos, muda paradigmas condicionados pelas exigências dos seres espirituais com os quais fazem contatos continuamente. Nos ritos sagrados “a religião dá expressão simbólica que, sutilmente e de maneira total, obriga os participantes e observadores da sociedade, com um compromisso emocional e intelectual com o sistema de crença organizado sobre o que se fundamenta a vida deles” (HOEBEL; FROST, 1976, p. 351).

A terra na cosmovisão Taurepang não pertence a ninguém, ao contrário, todos pertencem a terra, a terra é fonte de vida é mãe de todos, ela é a garantia de vida aos seres vivos. A terra é um espaço vital, um habitat criado por Deus que propicia a perpetuidade da vida através da reprodução de seus habitantes e a manutenção da vida. A terra na sua plenitude é um ser vivo, pois tudo que tem vida está ligado a ela e ela ligado ao seu Criador que a fez para ser eterna, infelizmente pela decisão do homem ela perdeu essa prerrogativa.

Na cosmovisão indígena, não é a terra que pertence ao homem. É o homem que pertence à terra. A relação com a terra é mística e espiritual, construída através dos séculos, de geração em geração. Nada se faz à terra sem lhe pedir licença. (...). Porque a terra não é só a base do sustento, mas também o lugar territorial onde jazem os ancestrais, onde se reproduzem a cultura, a identidade e a organização social própria. Essa base territorial abrange o solo e o subsolo, a flora e a fauna, a água e o ar, os lugares sagrados (Revista Sem Fronteiras, 1996, p.13).

A cosmovisão adventista está baseada no criacionismo, pois este é oposição ao evolucionismo. Eles acreditam que a experiência religiosa é expressa mediante um código cultural de ética e valores religiosos “ela produz também uma cosmologia, quer dizer, um discurso sobre o mundo. Não se trata de fazer ciência, porque esse não é o sentido da religião, mas de projetar uma imagem global do mundo que mostre sua religião com a divindade” (BOFF, 2008, p.82). Os Taurepang incorporaram uma nova cosmovisão baseada nos ensinamentos de sua religião, o adventismo. E este está fundamentado na Bíblia e no

cristianismo. Não se pode dizer que tem uma nova cosmovisão sem ter novos hábitos e novos costumes, ou seja, tem que ter uma transformação, precisa demonstrar novo paradigma de vida e dedicar-se a consagração, todavia o mais importante não é o crente dizer que é uma “nova criatura”, que é consagrado, mas sim, que alguém perceba e diga que ele tem essas qualidades.

É importante compreender dos territórios desconhecidos é sempre uma consagração: organizando um espaço, reitera-se a obra exemplar dos deuses. A relação íntima entre cosmização e consagração atesta-se já aos níveis elementares de cultura, por exemplo, entre os nômades australianos cuja economia se encontra no estágio da colheita e da caça miúda. Como o conhecemos empiricamente, não pode ser concebido independentemente da contínua efusão de si mesmo sobre o mundo em que se encontra. O ser humano não pode ser concebido como algo isolado em si mesmo, numa esfera fechada de interioridade, partindo em seguida para exprimir no mundo que o rodeia. O ser humano é exteriorizante por essência e desde o início (ELIADE, 2013, p. 35).

Os adventistas do Sétimo Dia na sua cosmovisão bíblica são muito criteriosos quanto à existência do mundo, quem o criou? Porque criou? Como mantém, porque mantém? Na sua compreensão sobre o mundo físico, eles não imaginam que a terra foi criada por acaso, nem que a existência do homem ficasse à deriva por séculos e séculos. Vivemos hoje numa era em que tudo tem prazo de validade e é tudo muito rápido, porque tudo vence tudo perece, tudo fica obsoleto e vira sucata. O planeta terra também tem o seu prazo de validade, e está vencendo, ele está doente “na verdade, a terra está contaminada por causa dos seus moradores, porquanto transgredem as leis, violam os estatutos e quebram a aliança eterna. Por isso, a maldição consome a terra (...). Serão queimados os moradores da terra.” (...) (Bíblia Sagrada, Isa. 24:5 e 6). Mas se o planeta terra não tivesse a manutenção do seu criador e mantenedor, já teria expirado o seu prazo de validade há muito tempo.

Os adventistas creem que Deus é o criador de toda a vida e que a Bíblia revela um registro confiável de sua atividade criadora. Além disso, acreditamos que os eventos bíblicos registrados em gêneses 1:11, incluindo a criação especial dos seres humanos, são históricos e recentes, que os sete dias da criação foram dias literais de 24 horas, formando uma semana literal, e que o dilúvio foi de natureza global (PONTES, ANDRADE, DIAS, 2012, p. 28).

A cosmovisão dos Taurepang sobre o Ambiente busca manter uma relação recíproca. O ecossistema oferece tudo o que o ser humano necessita para sobreviver e o ser humano deveria se preocupar para não danificá-lo. Nota-se que os Taurepang estão dispostos a manter essa política de boa convivência com o Ambiente sabendo eles que “em primeiro lugar, o agente ético se reconhece participante da grande rede da vida que constitui a comunidade biótica. Superando os limites do antropocentrismo moderno, o ser humano se compreende, numa perspectiva holístico-sistêmica, como elo de uma relação organizada (...)” (BOFF, 2008, p. 158). Não é fácil manter uma relação de respeito com a natureza, pois os indígenas são orientados pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio) para derrubar o mínimo possível da floresta só o necessário para a sua subsistência. Os Taurepang se esforçam para manter um paradigma ecológico capaz de ser (...) “vitalmente importante à afirmação das categorias de “diversidade” e “interdependência”. O sistema como um todo é que dá a integridade e a continuidade aos processos necessários à manutenção da vida” (...) (BOFF, 2008, p. 158).

A cosmovisão Taurepang adventista não se satisfaz com o modelo do mundo capitalista onde os ricos concentram quase toda a riqueza do planeta, se utiliza o meio Ambiente para obter lucros insaciáveis e destruindo sem precedentes o ecossistema, sem ter quem os impeça nessa corrida para pôr fim ao planeta terra, “a visão de mundo centrado no ser humano - um antropocentrismo autocentrado e arrogante, à luz da fé, um “pecado grave” da nossa civilização predatória, que tem reduzido tanto o mundo natural quanto à pessoa humana a um objeto a ser explorado” (BOFF, 2008, p. 185).

Descobriu-se que a visão dos Adventistas do Sétimo Dia sobre a divisão econômica das nações atuais é discordante, pois as injustiças sociais nesse aspecto são alarmantes. A organização adventista não se satisfaz com o modelo econômico em vigor. Repudia os maus tratos que os seres humanos vêm causando ao Ambiente, assim também com o atual modelo de divisão social, pois tudo isso é efêmero para eles. Acreditam morar em um novo céu, numa nova terra onde não haverá corrupção, desigualdades sociais, pois não haverá lá muitos com pouco, nem poucos com muito.

Considerações finais

Procurou-se descrever as representações sociais de uma parte da etnia indígena Taurepang que são Adventistas do Sétimo Dia, cuja finalidade da pesquisa foi direcionada a Maloca Sorocaima. A pesquisa se refere à construção simbólica de elementos culturais Taurepang, pois isso desvendou novo sentido religioso. Com as revelações das análises das pesquisas realizadas nos indicaram que as novas representações religiosas e a convivência com o Ambiente estão de certo modo bem equilibradas. As representações sociais desse povo remetem a um contexto histórico passado em que viveram e foram discutidos e revistos o seus aspectos religiosos e seus relacionamentos com o Ambiente. Os Taurepang no passado tinham sua religiosidade, seus deuses e colocados em prática constantemente. Tinham poucas preocupações com o Ambiente, pois não se sentiam ameaçados.

Vários estudos ligados a Antropologia tanto dos mitos quanto da religião Adventista do Sétimo Dia foram fundamentais para aprofundar a relação dos elementos culturais estudados: a religião e Ambiente entre os Taurepang. Com base nas análises realizadas, centradas nas representações sociais, tornou-se possível identificar mudanças fundamentais no que refere à vida religiosa indígena, a vida social depois que decidiram se preocupar um pouco mais a conviver pacificamente os “Branços” e muito mais a nova vida religiosa baseada nas diretrizes do Cristianismo e da Bíblia sob a influência dos Adventistas do Sétimo Dia. Tais transformações são muito significantes no contexto social e religioso dos Taurepang de Sorocaima.

Aprofundaram-se as pesquisas para perceber as mudanças das representações sociais identificadas. Discutiram-se as mudanças que envolvem o povo Taurepang Adventistas de Sorocaima e sua cosmovisão. Averiguaram-se as influências religiosas Adventistas na Maloca indígena Sorocaima, pois estas manifestações proporcionaram às manifestações religiosas e os relacionamentos com o Ambiente desse povo. Nota-se que esses aspectos das mudanças causaram modificações na cosmovisão Taurepang. As novas representações sociais religiosas e do Ambiente da Maloca Sorocaima teve início na década de 1930, pois nesse período ocorreram os primeiros contatos dos Pastores Adventistas do Sétimo Dia com os Taurepang.

Em relação ao Ambiente em Sorocaima configura-se sua representação como uma

obra ímpar que Deus criou e mantém até hoje para que o homem possa usufruir de seus recursos naturais. Depois que os Taurepang se tornaram Adventistas Do Sétimo Dia passaram a valorizar ainda mais os recursos naturais, trabalhar com a terra de uma maneira racional para não destruir o Ambiente, valorizando os recursos naturais e se posicionando como verdadeiros guardiões não só da floresta, mas de todo o ecossistema onde estão inseridos. Outro fator também muito importante é a relação que têm do Ambiente com a religiosidade, continuam associando o elemento sagrado ao Ambiente, ou seja, ao se relacionarem ao sagrado têm como aliado a Natureza que os inspiram, e através dela percebem a presença de um Deus vivo que está em todo lugar, conforme eles afirmam.

Sorocaima Adventista tem como representações sociais espirituais a nova fé que professam na religião Adventista do Sétimo Dia. Ocorreram muitas mudanças de hábitos, de costumes, passaram a adorar o Deus eterno, Criador do céu, da terra e de todo o universo, assim eles acreditam. Ao conjunto desses itens sobre as mudanças na cosmovisão dos Taurepang, deve-se considerar que a religiosidade para eles é de pura convicção de um Deus que muito em breve vem buscá-los para morar no céu junto com o próprio Deus. Tudo isso faz parte de condições culturais bem específicas dos indígenas Adventistas Taurepang de Sorocaima.

Comprovando aspectos da teoria do núcleo central das representações sociais, todos os elementos pertencentes ao núcleo central²⁹ como também os secundários são, para os analistas teóricos, elementos importantes no estudo das representações sociais. Esses são considerados principais geradores e diretrizes de orientações que possuem um sistema central, porém não se distanciando de seus elementos periféricos. De maneira que “o sistema central é estável, coerente, consensual e historicamente determinado; o sistema periférico é por seu turno, flexível, adaptativo e relativamente heterogêneo quanto ao seu conteúdo” (SÁ, 1996, p.77). Ao observamos vários elementos mesmos sendo periféricos são importantes na constituição do núcleo central das representações e nos direcionam dados que aproximam os impactos das mudanças nas representações sociais dos Taurepang de

²⁹ A simples postulação teórica de dois sistemas, apresentando características que correspondem exatamente aos espaços manifestados pelos fenômenos que se explicar, pode ser aceito apenas como uma solução inicial do problema. Quanto aos estudos comparativos, a teoria do núcleo central sustenta que duas representações ou dois estudos sucessivos de uma mesma representação devem ser considerados se, e apenas se, seus respectivos núcleos centrais tiverem combinações nitidamente diferentes (SÁ, 1996, p. 77).

Sorocaima.

Provavelmente em uma época não tão distante de hoje, por volta da década de 1960, acentuou-se o momento das mudanças que se comentou aqui nessa dissertação e passaram a se manifestar de forma muito significativas, houve algumas mudanças tanto no aspecto religioso, social e sobre a preservação do Ambiente também. Essas mudanças aconteceram logo no início desse período e foram bastante peculiares, pois os Taurepang quando decidem algo importante o fazem em coletivo, depois de uma análise muito profunda do caso. Os Taurepang dizem que a decisão foi consensual e unânime de se tornarem Adventistas do Sétimo Dia. A partir daí foram surgindo novas representações sociais, alguns poucos Taurepang bem mais velhos, que participaram das representações sociais antigas e são ainda vivos sabem como eram essas representações, mais não têm interesse em lembrá-las ou fazer tais representações na atualidade.

Nota-se que os entrevistados com idades superiores há 50 anos detêm no momento praticamente todas as informações da vida social, religiosa, os aspectos sagrados, seus rituais tanto sagrados com profanos, sua vivência com a Natureza e sua dependência única do ecossistema. Os Taurepang, tanto os mais velhos como os mais jovens são unânimes em uma representação social delineada por uma cosmovisão baseada no Cristianismo. Existem elementos culturais que para os Taurepang da maloca Sorocaima são inseparáveis, como seus novos dogmas, as questões de saúde, o equilíbrio ecológico, os seus rituais religiosos atuais, as simples ações da vida cotidiana os levam a perceber e interpretar de formas bem equilibrada os fenômenos acontecidos e registrados até agora. O mundo real e espiritual que se entrelaçam fazendo-os elaborar as narrativas de um mundo místico e de história real, não como antigamente em que viviam em um mundo místico fechado, mas vivendo neste mundo livre procurando dá sua contribuição positiva no mundo físico e religioso, por um pouco de tempo, pois afirmam que Jesus vem buscá-los para morar eternamente com Ele.

As mudanças causaram impactos nas representações sociais na cosmovisão Taurepang adventista da Maloca Sorocaima e forneceram elementos importantes para a definição da religiosidade indígena dentro das Ciências da Religião. Entende-se que algumas religiões “possui conceitos controversos e muitas das vezes obscuros e confusos, no tocante à sua fundação, que em geral, seus fundadores não se intitulam fundadores de uma religião,

mas apresentavam aspectos reveladores do divino, e defendiam uma forma de vida ou uma crença” (USARSKF, 2007, p. 55).

Entende-se que as manifestações religiosas estão em todos os segmentos das religiões, a religiosidade indígena Taurepang em seus aspectos de agregar novos conceitos religiosos da Igreja Adventista do Sétimo Dia confirmação como um conjunto, que podem ser vistos e respeitados como novas representações sociais Taurepang. Em seus aspectos contextuais os elementos fundamentais e pertinentes de uma grande tradição religiosa recente estão presentes no mundo espiritual dos indígenas de Sorocaima. As fortes manifestações religiosas dos Taurepang de Sorocaima aqui representadas e oficialmente se apresentam no mundo religioso como Adventistas do Sétimo Dia.

Referências

ALMANAQUE, Abril. Enciclopédia de atualidades. **Mundo. Biodiversidade** Ed. Abril. São Paulo. 2006.

ANDRELLO, Geraldo L. **Os Taurepang: memória e profetismo no Século XX**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. São Paulo. 1993.

ARAÚJO, Melvina. **Do corpo à alma: missionária Consolata e índios Macuxi em Roraima**. São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2006.

BARBOSA, Reinaldo Imbrosio. **Roraima: homem, Ambiente e Ecologia. Ecossistemas terrestres de Roraima: Área e modelagem espacial da biomassa**. FEMACT, MGM gráfica. Roraima. 2010.

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel Sagrado**. Elementos para uma teoria sociológica da religião. Paulus. São Paulo, 2012.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução: João Ferreira de Almeida. 34. ed. rev. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

BOFF, Leonardo. **Ecologia, Mundialização, Espiritualidade**. Rio de Janeiro. São Paulo. Editora Record. 2008.

CARVALHO, Aildon Dorneles de. **Amazônica: reflexões sobre a conquista e o desenvolvimento**. Rio de Janeiro. Imprensa técnica do parque de materiais de eletrônica da aeronáutica, 2000.

CIRNE, Lúcio Flávio Ribeiro. **O espaço da coexistência**. Uma visão Interdisciplinar de Ética Socioambiental. Edições Loyola. São Paulo. 2013.

DUNKLE, Margaret Ingpen. **A Thoughtful way of explaining to children**. Publicado em língua inglesa hill of content publishing company Pty Ltd, 2004. Acessado em 05/12/2013.

DURBIN, M. **A survey of the Caribe language family**. In: Basso, Ellen. (Ed). Carib-speaking Indians: Culture, society and language. Tucson: of Arizona Press, 1977.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. A essência das religiões. ed. WMF Martins Fontes Ltda. 2013.

FARAGE, Nádia. **As muralhas dos sertões**: os povos indígenas no rio Branco e a colonização. Paz e Terra; ANPOCS. Rio de Janeiro. 1991.

FARIAS, Rogério Silvério de. Gadabra-Drabyathylon. **Os mistérios da mente**. editora Record, 2006.

FRANK, Erwin H. Viajar é preciso: Theodor Koch-Grünberg e a Völkerkunde alemã do século XIX, Rev. Antropol. Vol.48 n°2. São Paulo: jul/Dec. 2005, p. 559-584. ISSN 0034-7701. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012005000200005#tx08, Acessado em 28/ abril/2014.

FREITAS, Aimberê. **Estudos sociais-Roraima** (geografia e história) coprint gráfica e editora Ltda. São Paulo. 1998.

GAMBINI, Roberto e **DIAS**, Lucy. **Outros 500: uma conversa sobre a alma brasileira**. São Paulo: Editora Senac, 1999, p.129.

GARMATZ, Bruno Cláudio. **Monte Roraima: a morada de Makunaima**. Artes & Textos. Curitiba-PR, 2013.

HENDERSON, J. L. **Os mitos antigos e o homem moderno**. In: **JUNG, C. (Org.) O Homem e Seus Símbolos**. 22. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.165.

<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/taurepang/118>. Acessado em 05/12/2013.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pacaraima>. Acessado em 7/12/14.

<http://pt.wikiversity.org/wiki/Wikinativa/Taurepangue> Acessado em 8/12/14.

<http://www.achetudoeregiao.com.br/animais/historia.htm>. Acessado em 05/12/2013.

<http://www.angelfire.com/mn/macunaima/>. Acessado em 05/12/2013.

<http://www.religiosidade> e adventismo>taurepang – povos indígenas no brasil. Acessado em 05/12/2013.

HOEBEL, E. Adamson; **FROST**, Everett L. Antropologia cultural e social, tradução de Euclides Carneiro da Silva, São Paulo: Cultrix, 1976.

IBANÉZ, apud, **GUARESCHI**, P. A. **Introdução**: in **GUARESCHI (Org.) Textos em representações sociais**. 8. ed. Petrópolis: RJ. Vozes, 1995.

JODELET, Denise. **Représentation sociale**: phénomènes, concept et théorie. In: **S. MOSCOVICI (Org.) Psychologie Sociale**. PUF. Paris, 1989.

- KAMP**, Renato. **Guianas, o Arco Norte da América do Sul**. Ipses Gráfica e Editora. Rio de Janeiro-RJ. 2009.
- KOCH-GRÜNBERG**, Theodor. **Do Roraima ao Orinoco: Observações de uma viagem pelo norte do Brasil e pela Venezuela**. São Paulo – SP: Fundação Editora da UNESP (FEU), 2005.
- KOCH-GRÜNBERG**, Theodor. **Do Roraima ao Orinoco: Mitos e lendas**. São Paulo – S.P: Fundação Editora da UNESP (FEU), 2006.
- KRAUSE**, Gustavo. **A nova revolução verde**. Folha de São Paulo. São Paulo, 2 jun. 1996. p. 7-13.
- LAIN** Vanderlei. **Mosaico religioso**. Faces do Sagrado. **Religião e Pós-Modernidade**. Fasa gráfica, 2009.
- MAXWELL**, C. Mervyn. **História do adventismo**. Casa Publicadora Brasileira - CPB. Santo André - São Paulo. 1982.
- MEDEIROS**, J. B. **Redação científica: a prática de fichamento, resumos, resenhas**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- MOSCOVICI**, Maurício. **Representações sociais**. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- MUNDURUKU**, Daniel. **O diário de Kaxi um curumim descobre o Brasil II**. Crianças da floresta. Editora Ática. São Paulo. 2003.
- NAKA**, Luciano Nicolás. **Roraima: homem, Ambiente e Ecologia. Ecologia e biogeografia**. Fundação Nacional do Meio Ambiente- FEMACT. MGM gráfica. Roraima. 2010.
- NUHSA**, **Revista do Núcleo Histórico Socioambiental**. Universidade Federal de Roraima – UFRR. RR. 2008.
- OLIVEIRA**, Gilvan Sampaio de, Nelton Fidelis da Silva, Rachel Henriques. **Mudanças climáticas: ensino fundamental e médio**. MEC, SEB (secretaria de educação básica); MCT (ministério da ciência e tecnologia); AEB (agência espacial brasileira), Brasília, 2009.
- OLIVEIRA**, Lygia de Oliveira. **Na trilha dos pioneiros**. Casa Publicadora Brasileira - CPB. Tatuí - São Paulo. 1990.
- PAULINO**, Wilson Roberto. **Ecologia atual**. Editora Ática. São Paulo. 1991.
- PESSOA**, Kátia Nepomuceno. **Fonologia Taurepang e comparação preliminar da fonologia de língua do povo Pemóng** (família Caribe). Dissertação de mestrado. 2006.
- PONTES** Francisco Alves de, **ANDRADE** Fernanda Caroline de, **DIAS** e Marcelo. **Declarações**

da Igreja. Aborto, assédio sexual, Homossexualismo, clonagem, ecumenismo e outros temas atuais. Casa Publicadora Brasileira, Tatuí São Paulo, 2012.

RABELO, Filho Manoel Gomes. Dissertação de mestrado. **A representação social do Kanaimí,** do piya'San e do Tarenpokon nas Malocas Santa Galo e Maturuca. UNICAP. Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2012.

Revista **Sem Fronteiras.** A Igreja no Brasil aberta ao mundo. **A terra na cosmovisão indígena.** Cim/CNBB (Conselho Indigenista Missionário/Confederação Nacional dos Bispos do Brasil). Cx. P. 55 - CEP 06751-970 Taboão da Serra. São Paulo. 1996.

RODRIGUES, Shirley. **Pemonton Karambanimnam.** Turismo com alternativa. Boa Vista: DLM. 2001.

RUSSEL, Roberto J. **Finite Creation without a Beginning:** The Spiritual and Theological Significance of Stephen Hawking's Quantum Cosmology, The Way. 1992.

SÁ, Celso Pereira de. **A Construção do objeto de pesquisa em representações sociais.** Eduerj. Rio de Janeiro. 1998.

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo Central das representações sociais.** Vozes, Rio de Janeiro. 1996.

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo Central das representações sociais.** Rio de Janeiro: editora Fiocruz, 2000.

SANTOS, 2004, Naka et al.,2006; Naka et., 2007.

SANTOS, M.P.D. Avifauna do estado de Roraima: **Biogeografia e conservação.** Tese de Doutorado. Pós-graduação em Zoologia, Museu Paraense Emílio Goeldi/Universidade Federal do Pará. Belém. 2005.

SPINK, Mary Jane (Ed). **O conhecimento no cotidiano:** A representação social na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. GUARESCHI. Pedrinho; JOVICHELOVTCH, Sandra. (Orgs.). **Textos em representações Sociais.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

SHEA, William. **"The controversy Over the commandments,"** Journal of the Adventist Theological Society. 2000.

SILVA, Edson. **Os índios e a civilização ou a civilização dos índios?** Discutindo conflitos,

concepções e lugares na história. (pesquisa/PE), Recife, 2014.

TEIXEIRA, Faustino (organizador). A(s) Ciência(s) da religião: afirmação de uma área acadêmica. Paulinas. São Paulo, 2001.

WAGNER, W. **Descrição, explicação e método na pesquisa das representações sociais**. In: p. GUARESCHI & S. Jovchelovitch (orgs.). Textos em Representações Sociais. Petrópolis. Rio de Janeiro. 1994.

WHITE, Ellen G Vida e Ensino. Casa Publicadora Brasileira. Tatuí-São Paulo. 1988.

WHITE, Ellen G. **O lar adventista**. Conselhos a Família Adventistas do Sétimo Dia. Casa Publicadora Brasileira. Santo André - São Paulo. 1973.

WHITE, G. Ellen. **História da redenção**. Casa Publicadora Brasileira. Tatuí. São Paulo. 1988.

Anexos

Anexo 1: Perguntas da entrevista

1. Fale sobre os Taurepang tribais e sua relação com o Meio Ambiente.
2. Como você vê a religiosidade Taurepang tribal no trato com o Meio Ambiente?
3. O que você tem a dizer sobre deuses tribais Taurepang e as formas de culto a eles prestadas?
4. Eles fortalecem a relação com a natureza? Como? Você pode explicar?
Qual é a sua compreensão sobre:
5. Fale sobre a evangelização dos Taurepang e o significado que tem para eles a Natureza.
6. Fale sobre a história de vida dos Taurepang e sua relação com a religião adventista.
7. Como se deu a adesão dos Taurepang ao adventismo?
Qual a definição de:
8. O que significou para os Taurepang terem se instalados à Cordilheira de Pacaraima para morar no Brasil?
9. O surgimento de Sorocaima: uma Maloca Taurepang Adventista do Sétimo Dia. O que isso lhe faz pensar?
10. Como você vê a relação dos Taurepang adventistas do sétimo dia de Sorocaima com o Meio Ambiente?

Anexo 2. Resumo das entrevistas

E. 1

1. O Ambiente Taurepang sempre como hoje se vê e preservava a natureza, e preservava a Natureza eles pensavam eles pensam até hoje eles pensam no futuro e por isso a Natureza não pode ser destruída eu não tendo educação alta como os brancos têm, mais os índios Taurepang tem inteligência que eles conseguem através de Deus eles têm esse espírito aonde deve ser respeitado e preservado a Natureza de Deus, não pode destruir a Natureza de Deus.

2. Ajuda é aquilo que nós acabamos de falar, no começo e o Ambiente não é de ninguém tem seu dono é Deus, então por aí a gente vê através de nosso estudo a Bíblia Sagrada aonde Taurepang descobre e estuda muita coisa de Deus por aí nós estamos seguindo o regulamento da bíblia com isso nós damos conselho a nossos filhos que ambiente essas coisa da natureza e o cabeceira do rio não pode jogar lixo contra essas coisas tem que manter limpa assim como Deus deixou.

3. Sobre os deuses dos antepassados essa aí já começou com nossos antepassados não é só com tribal não, eu vejo como eu tava dizendo nós descobrimos aonde a nação inteira adora deuses enquanto tem o dono de Natureza o dono de Meio Ambiente Deus que é importante acima de todos de todas as coisas se devem adorar e dar culto a ele através da Bíblia nós descobrimos que há um só Deus, um só Deus que é criador e dá fôlego ao pobre livre, aos grandes livres e tudo então nós descobrimos através da Bíblia que nós adoramos só um Deus porque no meu tempo já nasci nessa crença meu pai finado meu pai não sei se adorava isso e nunca perguntei dele, mas quando nasci meu pai já era crente.

4. É isso esse tal de deuses não cheguei a conhecer esses deuses, mas por outro eu conheço que deus que o mundo considera como serve desse o Pajé que fala que adivinha, mas é toda falsidade, é toda falsidade fora e Deus que existe no mundo tem segurado o verdadeiro o Salvador Jesus que mantém todo o universo.

5. Depois de evangelizado não tem nada de mudança na vida dos Taurepang, sim, sim, tem transformação sim, pelo assunto é o seguinte com a relação com da Natureza quando a gente evangeliza as pessoas é outras coisas é onde os Taurepang e não Taurepang são

evangelizados e deixa aquelas coisas por Deus é proibido eles ficam mexendo e faz pra cá e pra lá e realmente não tem conhecimento da verdade que tá dentro da Bíblia é isso e algumas coisas eles fazem errado e através de religião e evangelismo que penetra noutras (em outras) aldeias eles tem abandonado as coisas, onde a Natureza essas coisas aonde nós usamos a natureza e continuamos não tem mudança só uma única coisa acima de tudo tem transformado muita pessoa que é evangelizada que agora são evangelizados que conhece como seu Deus verdadeiro que é o dono da Natureza.

6. E a História com os Taurepang que evangelho transforma que realmente na realidade transforma e ela transforma porque antigamente ninguém sabia como era a lei ninguém sabia ninguém sabia como era a lei pra ser obedecida veio Taurepang pra em tudo ser obedecido onde a maioria não obedece, mas através da educação que é a Bíblia Sagrada nós estamos aprendendo e ainda não temos entrado na verdade, mas tá lutando pra conseguir aquela que veio nos mostrar que viemos transformar muita coisa antigamente nós era outra (outra) pessoa a gente fazia, comia alguma coisa que não se devia comer porque nós não tinha (tínhamos) conhecimento da verdade onde está na Bíblia, uje (hoje) todos nós sabemos.

7. Para serem adventistas os religiosos missionários que andavam no mundo, assim como pesquisadores estão chegando a nossa casa a mesma coisa os missionários andavam atravessavam Brasil atravessavam Venezuela evangelizando porque ele estava cumprindo sua missão que tá na bíblia onde disse Apocalipse 14: 6 e 7 e será pregado esse evangelho a todo nação tribo e língua todo nação e assim tava cumprindo sua missão estavam atravessando pregando sobre a vinda novamente de Jesus para levar aquele que está preparado na mansão celestial é isso que nós transforma para ser um dia levado daqui para morar no céu junto com Cristo Jesus.

8. Sequinifica pra mim sequinifica (significa) nada porque nós mesmos desde nossos antepassados nossos bisavó vivia nessa área agente permanece vivendo aqui agora os brancos que chegaram pra fazer essa cidade já encontraram os Taurepang que moravam desde ano, muito ano (muitos anos) atrás viviam (vivia) aqui nosso bisavó viviam aqui, ainda os brancos chegaram aqui por isso nosso lugar aqui aonde nasceram nosso pai nosso bisavó pai tudo nossos filhos tão vivendo nessa dentro dessa fronteira aqui dentro dessa Sorocaima até hoje funciona a Igreja Adventista do Sétimo Dia que cuidava do povo Taurepang.

9. Eu penso sobre isso, às vezes eu penso sobre isso antigamente moravam os Taurepang pra cá pra baixo, naquele tempo existiam, não existiam na cultura deles, fazendo seu caxiri, bebendo, na dijunta trabalhando na dijunta eles brigava e huje nasceu a Igreja Adventista pelo remanescente puvo de Deus aqui no Sorocaima 1 e huje (hoje) muitos e muito , São Paulo e Brasília e Minas Gerais, os pastores estão olhando essa igreja, esse pedaço de terra aonde vive com a igreja os Taurepang, eu acho é uma benção eu acho é uma porta do céu aqui.

10. Isso convivência com o meio ambiente está trazendo problema para nossa comunidade, por utro (outro) lado tá trazendo o bem mais o bem acompanha o mal através dos ambientes eles querem chegar por aqui atrapalhar nossa convivência, como acabei de explicar aqui Sorocaima sabe cuidar da natureza, meio ambiente, pra não destruir a natureza pra não poluir a cabeceira do garapé, mas eles quere (querem) fazer tudo eles querem trazer, entrar nas comunidades Isso complica nossa convivência na igreja adventista do sétimo dia.

E. 2

1. Os Taurepang são uma tribo indígena que moram na maloca Sorocaima um, uma comunidade são uma tribo que costumam trabalhar acelerar alguma atividade na agricultura e costumam fazer trabalho em conjuntos e são bem cuidados, bem eles tem experiências positiva para iniciar o trabalho sobre o meio ambiente os Taurepang eles tem o privilégio de meio ambiente na região e na nossa região município de Pacaraima que ele costuma cuidar bem da natureza, meio ambiente uma visão de se cuidar e cuidar do meio ambiente tanto quanto na pesca como na agricultura todo tipo de trabalho eles querem ter o cuidado sobre a Natureza.

2. Bom os tribais com os antepassados eles viviam com a Natureza no meio da Natureza né e nesse caso os tribais eles costumavam fazer, é cuidar do meio ambiente e eles tinha a comunicação través da Natureza né e nesse caso, nesse punto eles costumava ter conhecera natureza através da coisa espirituais e através disso eles começaram a ter uma religião, religião e como se fosse uma basse, eles ter contato com o meio ambiente

3. Bem, nesse caso os deuses os Taurepang acostumados fazer coisa espiritual, vamos dizer assim os Taurepang tinha o costume de buscar uma ajuda de uma pessoa que sabia falar

com as coisa espírita, vamos dizer assim e através disso eles se comunicavam eles se encontravam eles conseguiram, encontravam a solução dos problemas

4. Bom, a fortaleza (fortaleza) que buscavam os antepassados eles se fortalecia através da Natureza porque se uma pessoa adoecia eles procuravam um meio de ficar bom quando uma pessoa ficava doente ele procurava no meio ambiente através da Natureza eles conseguiram a força e eles ficavam sempre fortalecidos e conheciam na verdade até agora existe acho que nosso tempo a gente não procurando profundamente isso porque como a gente falou a nossa religião já isso nos ajuda muito.

5. A evangelização somos através da Bíblia, nós conhecemos bem os pastores eles vinha antigamente eles não conheciam como era eles viviam no meio da Natureza se comunicavam com o meio ambiente, mas agora através da religião, através do evangelismo já conhecem, eles tem o conhecimento mais do que tudo, do que tudo então a evangelização a evangelização dos Taurepang significa que eles vive conforme a Natureza que Deus ele é o único criador da Natureza, então eles cuida muito bem e eles procura bem estar da sua saúde através dessa religião da evangelização que os pastores trouxeram pra cada pessoa.

6. Bom os Taurepang antigamente eles não tinha vamos dizer assim eles não tinha religião, eles não tinha religião, mas eles tem a história, nós os Taurepang temos a história que antigamente nossos avus eles não tinha religião mas só que há dirrepente aparece a religião onde eles aceitaram como a base de princípio de tudo então a isso história dos Taurepang começou é desde de 1902 e a partir do momento posou a ter muita coisa a gente tem hoje em nossa mente nosso avús tem contado pra nós que através da visão do nosso avú antigamente ele viu em seu sonho e esse sonho é teve inicia-se depois de trinta anos, depois de trinte anos desde de 1902 há trinta anos quer dizer que esse sonho começou a ser realizar e entrou essa religião adventista

7. Bom! É! Os adventistas se tornaram religioso através da palavra de Deus quando nossos avus eles não costumavam a ter religião eles não tinha como ter culto eles viviam conforme seu costume eles comiam bebiam eles tinha cinco mulheres ou seis mulheres dependendo, mas eram novas essas mulheres para um líder da comunidade ou da tribo ele tinha como se fosse cinco mulheres pra ele então ele foi respeitado mas depois que entrou a religião aí foi

que começaram a conhecer a verdade porque a Bíblia diz que só um homem deve ter só uma mulher não tem que ter cinco e aí a partir desse momento nossos antepassados (antepassados) começaram entender a conhecer mais a religião a verdade e tudo isso e tudo isso veio até aqui os netos até agora o nosso tempo existe essa história que nossos avós tem repetido até nós pra toda essa geração que existe até agora

8. Nesse caso na cordilheira que os Taurepang estão morando aqui é como se fosse um abrir pra nós aqui nós estamos fundar aqui nós estamos fundado nosso avú fundou essa comunidade essa tribo aumentou e agora nós estamos aqui nessa cordilheira então nesse caso a cordilheira que nós temos agora em nosso território é um bênção vamos dizer assim porque no começo a gente falou sobre o Meio Ambiente, estamos no Meio Ambiente estamos no meio da natureza e isso e isso que nos ajuda muito e também da palavra de Deus e é importante pra nós a Cordilheira de Pacaraima para nós morar aqui.

9. Bom, a maloca Sorocaima é uma comunidade onde Mário Roberto Flores ele fundou desde 1969 e ele deixou pra seus netos bisnetos pra eles morar aqui. Sorocaima significa uma comunidade onde as pessoas morreram cavaram um buraco e ali ficaram e por isso significa Sorocaima não é Sorocaima na nossa língua é SARACAIMA, SARÁ? Significa COLOCAR e CAIMA significa ASSIM, colocar assim, significa Sorocaima, então na nossa linguagem é muito difícil o significado se os brancos vêm perguntar isso eles não sabem o que significa Sorocaima, mas tendo a explicação eles entendem e por isso é muito significativo a nossa maloca aqui em Sorocaima.

10. Bom com o meio ambiente agente os adventistas da comunidade Sorocaima eles tem, é eles vivem do meio ambiente, das fontes das águas a gente cuida e falamos a nossos filhos, nossos pais falam pra cuidar das fontes das águas dos rios não jogar lixo no garapé e não o sujar então é muito importante pra nós cuidar do meio ambiente e viver com ele e como cuidar sempre da Natureza é muito importante pra nós e isso que nós queremos e queremos que continue sendo assim.

E. 3

1. É assim essa história com os tribais que eles viviam naquele tempo não existia fronteira aí morava no Brasil e aí quanto à caça e pesca acabava né ficava escasso mudavam pra outro lugar, então eles viviam assim atravessavam a Venezuela e ficavam assim perambulando ia

pra lá e pra cá, quando chegava aqui as roça que eles botavam depois de cinco anos seis anos a capueira já tá grande de novo e tacava roça aí de novo, assim viviam.

2. Acho que mudou um pouco naquele tempo não tinha religião eles vivia só com sua cultura e de lá pra cá já mudou muito.

3. É eu sei um pouco que meu avô me contava naquele tempo eles adorava pedra e árvores e a natureza eles tinha sim tradição deles né eles adorava uma pedra um árvore grande eles tinham isso.

4. Sim também eles faziam, tinha essa cultura eles adoravam a Natureza eles creiam (ou acreditavam) muito acho que a fé deles que tinha naquela coisa ajudava muito.

5. A organização adventista isso aí veio de muitos tempos esses missionários do Norte da América da Califórnia e finado meu avó foi aceitar a mensagem lá na Guiana e lá ele aceitou e de lá pra cá ele veio com essa religião aí aonde eu comecei a me entender ele já era adventista.

6. Agora em nosso tempo eu acho que melhorou muito que numa vida que os indígenas passaram, bebedice, dança, pajelança, essas coisas assim já tá acabando. Com a religião a palavra de Deus está expandindo mais agora entre as comunidades então é uma melhoria na comunidade onde estão, abandonando suas bebidas alcoólicas aquela briga entre família então a palavra de Deus está entrando na comunidade indígena de uma forma melhor podendo dizer assim.

7. Bom aí como eu falei a poucos, e aí um americano veio e se entrosou com comunidade indígena e entrou nas comunidades indígenas e ele falava, aprendeu a falar a Taurepang então ele foi evangelizando e onde as pessoas começaram acreditar na palavra de Deus.

8. Acho que em 1905, por aí que o Marechal Rondon passou aqui na fronteira e aí ajuntou todas, convocou as comunidades, os tuxauas das comunidades tanto do Brasil como da Venezuela, nesse tempo ele disse, nesse tempo ele começou a dividir a fronteira começar a demarcação aí ele disse para muito dos Tuxauas reunido disse assim: “a Venezuela é um país muito quente vamos dizer, muito violento uma lei que vai massacrar os indígenas não é agora mais vai passar um tempo e vai acontecer, vocês escolhe, agora Brasil vai passar mais humano em paz tranquilidade, um país tranquilo, então são dois países Brasil e Venezuela,

vocês escolhem se vai viver na Venezuela ou vai viver no Brasil”, vocês escolhe o Marechal Rondon falou pros Tuxauas, ele tinha duas bandeiras, uma da Venezuela e uma Brasileira aí os Tuxauas levantaram assim a bandeira do Brasil e aí os Tuxauas e aí o Marechal Rondon e suas tropas atiraram pra cima e viva Brasil !, e aí aonde eles passaram eles pensaram que ia acontecer essas coisas assim logo mais foi muito tempos muito anos, eles passaram pro Brasil a viver no Brasil aí passou tempo e não aconteceu nada voltaram de novo aí muitos voltaram poucos ficaram aqui no Brasil.

9. Aqui a gente vive, mas com medo né porque finado meu avô dizia que ele já teve muitos contatos com Marechal e tinha um amigo Comandante do Exército que falava assim: “seu Mário³⁰ aqui não é lugar de viver, aqui é fronteira é lugar de guerra, quando estourar uma guerra aqui todo mundo vai ser transportado pro outro lugar (para outro lugar)”, então a gente fica assim com medo uma ora acontece uma coisa e ser levado então a gente tá morando assim por morar por tempo né por temporada.

10. A gente aqui, podemos dizer assim, a gente aqui preserva o meio ambiente, a gente não tem essa desmatção (desmatamento) como muitos acontece aí fora, aqui nós temos com quais 50 ano agente ver essa Natureza ainda sadia né o que estragou só a seca quando ela vem aí queimadas, mas a derruba das matas das árvores ainda permanece aqui a gente tá preservando.

E. 4

1. Muito bem tentar aqui esclarecer um pouco sobre os Taurepang né da tribo Taurepang em relação com o meio ambiente eu não entendo bem como existia, muito tempo atrás, mas pelo que a gente entende agora eles tiveram um cuidado com o meio ambiente né cuidaram da preservação para que com o tempo não haja a destruição então eles tiveram muito cuidado com isso até chegar a nós e agora em nossos dias ainda estamos preservando né trabalhamos na agricultura, mas naquilo que se deve trabalhar não destruindo o meio ambiente como vemos agora, então até aí a gente entende.

2. Bom até aí outra pergunta um pouco difícil, mas pelo que a gente vê no primeiro eles ainda não conheciam o que era verdadeiramente Deus então eles levava a religião a religiosidade deles conforme o entendimento deles, conforme o que eles achavam que

³⁰ Mário Roberto Flores fundador da Maloca Sorocaima.

deveria ser, então eles viviam assim sem como nós sabemos agora sem seguir a lei mas sendo culpado como não entendiam, então né até aí eles viviam assim como por conta, assim sem saber de nada mas eles iam onde estavam entendendo.

3. Olha essa prestação de culto de deuses deles antigamente pra eles servia com certeza em alguns pontos, mas pra nós aqui no nosso entender pra não valia, mas pra eles com certeza como eles não entendiam da lei de Deus pra eles servia em alguns pontos então até aí eles viviam assim.

4. Olha essa aqui eu não posso responder, porque essa aqui não existe pra mim.

5. Olha depois que foi evangelizada a gente começou a entender que a Natureza foi criada primeiro que o homem por Deus né então a Natureza ele é preservado assim como nós preservamos a nossa vida então depois do nosso entendimento através da verdade a natureza agora é a criação de Deus, então a gente segue, mas não valorizando a Natureza em primeiro lugar a gente valoriza em primeiro lugar a Deus e a Natureza é feito, criado por Deus então a gente tem esse preservação da Natureza do meio ambiente.

6. Olha agora depois que nós Taurepang aceitamos a verdade através da Igreja Adventista nosso relação melhorou muito teve uma mudança tanto na vida espiritual e fisicamente então é então agora pra nossa história é muito os Taurepang em relação a religião hoje nós caminhando dentro da verdade conhecendo a verdade porque antes a gente vivia como animal né a gente se considerava adventista antes quando os pregadores vieram a gente aceitou nossos avós aceitaram primeiro então eles tentaram ser adventistas mas não conforme é, pra ser guardado e agora em nossos dias nós Taurepang estamos é bem dizer mais por dentro então a gente tá tentando caminhar mais na verdade do a gente era antes então a gente agradece muito esse evangelização, agradece não sei quem foi o pastor no passado mas a gente agradece a Deus em primeiro lugar e os que vieram evangelizar.

7. Olha foi tão difícil, foi tão difícil à gente passar porque como a gente ver hoje em outra região por aí ainda tem uns indígenas de outra tribo, é difícil passar de seu costume para uma religião né, mas mesmo assim com a obra do espírito Santo, ninguém ver o espírito Santo, mas o obra que ele fez, fez, fez mudança de uma forma inexplicável, né e agora nós tamos vivendo de acordo com a palavra de Deus, de acordo com a Bíblia que é uma carta de Deus então a gente é sente uma mudança geral tanto na carne no sangue a gente comia

tudo que era de imundícia primeira à gente entende que nossos avô (nossos avós) no passado eles se alimentavam de, de qualquer forma de alimento imundo, mas não foi fácil passar de cultura pra adventismo agora, mas agora é muito bom, a gente vive como adventista agora é uma vida muito é inexplicável, é uma vida saudável, né então isso foi tão difícil pra eles e agora pra nós que já somos adventista não é difícil, ainda é difícil aquelas áreas que ainda não conhecem a verdade quando a gente fala do adventismo pessoa sai fora logo, não porque isso é uma religião muito pesada, porque religião muito forte, então muita gente hoje procura uma religião barato, né religião que não proíbe nada mas essa religião adventista é única igreja verdadeira chama-se adventista então isso nós motiva levar esse conhecimento mais profundo pra aquelas pessoas que não conhecem.

8. Morar aqui dentro dessa comunidade dentro da área do município né a gente acha que é um lugar escolhido e separado por Deus através do nosso avô Mário Roberto Flores ele nos trouxe, (trouxe) 7 filhos que ele tinha aqui no Sorocaima aqui é um lugar onde não tem muita praga, muita perseguição aqui é um lugar tranquilo uma clima muito bom é uma área muito produtiva sem procurar química nenhuma o que a gente planta aqui nessa área onde nós moramos no Sorocaima tudo dá então isso que atrai muita gente que vem conhecer e morar nessa comunidade mas a gente tá preservando a nossa cultura a nossa a nossa viver a nossa religião então o nos leva a morar aqui é isso uma clima tão diferente de outras regiões.

9. Olha! Eu penso que é um privilégio morar nessa comunidade, uma comunidade adventista e tão diferente de outras comunidades então isso é muito bom uma comunidade separado igual à gente cerca uma área e ali dá os rebanhos. Então uma comunidade Sorocaima ele é insignificado (é significante), assim nós adventista separado pra morar então isso é, nós dá muito orgulho de viver nessa comunidade, viver é uma comunidade diferente, longe da bebida, longe da dança, longe do fumo, de dança de música um lugar muito tranquilo onde a gente vê só o silêncio, dá pra viver tranquilo então isso é muito interessante morar nessa comunidade.

10. Não aqui nós somos neutros a gente não valoriza muito o meio ambiente como eu falei primeiro, a gente preserva a gente preserva dentro daquilo que é legal, agora o meio ambiente a gente tem usado o meio ambiente é pra se aproveitar daquilo que a gente faz do meio ambiente muita gente diz que destrui o meio ambiente e não pode sim a gente

pode sim dentro de uma área delimitado então até aí nós adventistas nós preservamos a natureza para que ele ficasse como uma área de turismo a gente vê aqui, a gente mora aqui na BR, na comunidade bem próximo à BR, então nós adventista da tribo Sorocaima, nós preservamos a natureza o meio ambiente pra gente viver de uma forma bem legal.

E. 5

1. Antes de nós nascer aqui viviam os índios, índios não entendiam a sorte depois que nós entremos pra cá pro Sorocaima daí eu não vi mais índio aqueles índios mesmo aquele que ficava nú, nunca vi, só depois que meu pai se batizou, daí que eu fiquei sabendo pra cá. Quando meu pai se batizou eu não gravei ano que meu pai se batizou que aceitou Jesus assim de coração pá descansar nessa religião não ano, data eu não sei, só eles que contavam que moravam os índios aqui ali no Bananal. Índio não tinha religião nenhuma.

2. Eu vi meu pai falar aqui né só aqueles que costume dos índios, dançava não sabiam nem religião nem nome de Jesus, não sabiam, dançavam palestiará, tocoio, hareruiá (halleluia) que eles chama avança indo e voltando pra lá e pra cá isso aí era a vida deles aí nunca vi, mas quando eu estava crescendo meu pai levou a religião pra povo aí parou e aí eu vi meu tio dançado, assim que eles dançavam meu pai falou pra mim, até ele me pegou: sobrinha vumbora (vamos embora) dançar, ninguém tá dançando nós tamos cantando assim ia pra frente ia pra trás, cantando, aí eu vi só uma vez quando meu pai levou a pregação. Pronto, aí eu não sei, meu pai contava assim, aqui a gente, gente né. Mas não são gente né, matava os outros, implicava daí pronto depois que papai aceitou Jesus, eu não sei, mas esse costume indígena. Morreram aí eu não sei, daí o papai aceitou Jesus eu sou crente nunca desviou por aí, fazer aqueles que a gente faz até agora nós estamos na Igreja Adventista do Sétimo Dia.

3. Esse que eu não sei como eu tava falando só meu pai que contava assim como num sonho né, mas não é bem não até meu marido sabe, mas não é bem assim porque a gente não viu ninguém viram só eles contando história foi assim foi, assim foi, não sei o que, assim foi estrela da manhã, aquele não sei caiuanô, assim né, mas ninguém sabe. Nenhum de nós sabe aqui porque ninguém vê só os antigos porque que fazia daí eu não sei mais não, eu sei só que nós tamos na igreja, orando, cantando, levando mensagem, não é hareruiá (aleluia) que eles cantavam, agora é no hinário, nós tamos cantando, levando a mensagem cantando

andando.

4. Não acho que não eles viviam só andando assim dançando ficando bebo, brigando e aí contra um e outro aí se mudando prouto (para outro) canto assim por causa da briga. Na dança não sabiam que é Deus, saia assim à história, mas não tinha ninguém pra amostrar o nome de Jesus aí eles não sabiam de nada, nada. Só andando por aí, dançando brigando, meu contava assim, não sei, eu nasci na religião eu não sei a vida antiga ao passado o que faziam né eu não sei, só meu pai que contava né isso aí eu sei acho que eu não sei tudo não eu não gravei.

5. Isso aí depois que nós aceitemos a Jesus, pra mim tá tudo bem até agora, eu venho desde pequena no evangelho nós tamos né eu me sinto na alegria né na minha casa não tem dança né não tem briga não tem aqueles bebidas, provocavam batiam um ao outro ficavam com cara inchada acabou isso, aqui pra mim depois que nós aceitemos (aceitamos) a Jesus não tem mais briga pelos passados que minha mãe contava isso daí pra mim nem quero ouvir.

6. Adventista nós tamo chamando adventista nós somos Taurepang somos Taurepang, papai é Taurepang, só não minha mãe Macuxi daqui do rio da Surumú. Aí depois que a história passada que mamãe contava pra mim tá tudo trocado, bem completamente trocado essas coisa passado passou, não vem aqui não, aqui nem quero ver isso nós tamos, nossa vida tá trocado mesmo completamente, sentar ouvir a pregação lendo a escritura que deixou nosso Deus, nosso Deus deixou, por aí nós tamos estudando. Meu pai contava assim pra mim: “ensina vossos filhos, não vai dá pra escola, não vai espalhar os filhos de vocês, nós somos crente porque taqui na bíblia, tal capítulo deuteronomio capítulo 6. 5,6, 7. Por aí que criei vocês por aí que tô, por aí que ensinei vocês levar a mensagem, eu ganhava alma e u ganhei alma pra cá eu ganhei alma pra cá, com isso ficar vocês tem que ficar do jeito que eu criei vocês tem que ficar não vão inventar a palavra, não vão acrescentar nem diminuir, ah! Isso daqui é mentira ah! Esse daqui tem aqui ser assim, não vão dizer que as escrituras diz tem que andar direitinho não é pra andar pra cá nem pra lá. Do jeito que a escritura fala pra nós, tem que cumprir até vocês morrer”.

7. Adventista ninguém sabia, mas nosso pai estava com nove anos, acho que com oito, criança né veio americano veio pra cá, quando não tinha ninguém, nunca vieram, nesse dia

veio americano dos Estados Unidos, ele que pregou pro papai e daí que ele se lembrou de quando se casou com a mamãe, se lembrou de e ele foi se batizando depois que foi batizado só hoje tem que aceitar Jesus minha mãe coitada não pode ficar fui acompanhar meu pai foi batizar lá muito longe, antes de ela morrer ela falava “porque vem muito pastor, muito pastor entrando pra cá ah! os pessoal que tavam mentindo fizeram eu cansando andando num terreno muito grande pra Guiana, muito longe eu fui com criança no colo “só huje tem que aceitar Jesus se não vai ser condenado eu fui atrás da palavra de Deus eu aceitara palavra de Deus agora estou feliz”. Dos Estados Unidos ele veio ele que pregou pro papai depois que outro pastor morreu aí pronto, por aí andaram, andaram, depois que nós tava nascido e papai aceitou a Jesus mas de coração mesmo de lá pra cá nós tamos agarrado na mão de Jesus eu , eu no meu coração eu me vejo aqui eu não vou abandonar o nome de Jesus, papai falu: “não vão abandonar a igreja de vocês trás de bola atrás brincadeira, atrás de outra coisa, não vão atrás, vocês são os meus filhos não vão jogar bola, mas primeiro João capítulo dois quinze (I. Jo 2:15) conta que as coisas do mundo não é limpa, as coisas do mundo é do mundo, vai ser condenado esse mundo vai ser queimado esse mundo mas aquele que ama Jesus não é pá andar como vocês estão correndo tão correndo, os meus filhos com seus irmãos, mas agora que depois que meu pai já dormiu, tão brincando por aí, amor do pai não fica com vocês vai ficar longe, aí vocês vão adoecer aí tudo inimigo venceu vocês, abre a porta coração de vocês pro mundo, o amor do pai não estar com vocês” chorando, chorando meu pai falava assim, mas agora que tão nascendo tão crescendo, taí. preocupante. Por aí que eu fico.

8. Esta é pra mim acho que tá significando o fim do mundo pra mim, pra mim é o fim do mundo, porque vai chegar quando tá se aproximando vai chegar muita gente dizendo que eu sou amigo de vocês, ah! Nós somo amigo, vão chegar, mas é falso, a escritura fala, daqui pra frente nós vamos ficar bem tem aí trabalho tem tudo pra vocês nós somo amigo, não sei o que, falando muito né aí eu aceito mas não é de verdade, agora olha tá continuando assim acho que está piorando cada vez mais, há problema, quando não existia Pacaraima não tinha problema, quem vai amostrar problema? Não tinha ninguém? Aqui na fronteira, não tinha ninguém agora tem problema, vão preso a vão correr atrás dos outros, a não sei o que a não sei o que, vai abrir a estrada pra melhorar, melhorou por aqui Só pra carregar peso na minha costa? Eu já parei nessa serra subindo, meu marido com peso na costa té (até) na

Santa Helena isso daí é puraí que melhoru só isso, mas a problema já tá crescendo, tem briga, a outo matando outo, tem mulher deixando o marido homem deixou mulher, não sei o que, aí tem choro, ah!, foró (furou) outro assim existe problema, a Pacaraima eu acho bonito só por aí porque tem estrada eu não levo mais as coisas na costa!, Só isto eu tô vendo, melhorou pra mim tirou o peso da minha costa, mas tá crescendo problema tá crescendo, tá bom, mas não está bom pra mim até aí que eu vejo.

9. Aqui nossa vida mora aqui no Sorocaima pra mim como eu falei pro senhor eu acho melhor eu não posso sair deixar a igreja vou fazer outra vida morando por ali, porque tem aqui, não tem nada pá estudar pá trabalhar, assim eu num tu gustando eu vou sair da igreja prouto canto, eu não posso nem pensar eu estou aqui saindo só cantando aí naquelas comunidades que não conhecem a palavra de Deus vamos cantar vamos pagar ônibus dos brancos pra nós ir cantar no Maracanã ou uiramutã, pro flechal pro caraparô, só isso que é meu pensamento. Assim que eu tô vivendo aqui com meus filhos com meus neta meu irmão meu sobrinho aqui por isso minha vida meu pensamento só aqui levando a palavra de Deus depois disso não tem utro pra pensar de fazer.

10. Por aí eu não sei de nada, quem sabe aqueles que estão trabalhando com a florestal, eu mesmo aqui, como eu tô aqui ficando velha eu não sei o que significa esse floresta pra cuidar o que há puraí pra não queimar tem que queimar, adventista tem que, agora tem meu sobrinho meu filho acho que são três, trabalha com floresta, mas eu como eu tô aqui não tem como pensar em cuidar esse florestal, só com meu filho e meu sobrinho.

E. 6

1. Antes de branco vim que viessem vamos dizer assim eles nunca é naquela época eles não tinham vestimenta não tinha vestimenta não tinha sal não tinha açúcar não tinha nada, então em 1933 aqui eram três mil índios Taurepang aqui então o que aconteceu quando o branco veio, quando o branco começaram a chegar que não sei muito bem que ano foi a Venezuela veio de lá pra cá e o Brasil ainda vinha chegando em Manaus aí como tava longe pra chegar por Manaus aí eles chegaram, como a Venezuela chegou primeiro o Brasil começou a desenvolver aqui, é assim.

2. Conservava. É o seguinte vamos supor assim aquele pessoal aquelas pessoas que butaram o avanço aqui aí la na frente botavam outro, botavam enquanto tava pequeno o mato aí

eles botavam outro lá, aí quando esse mato estava grande no jeito de butar roça e depois usavam o outro espaço. Quer dizer o Ambiente ele nunca foi destruído.

3. Isso nunca suberam, nunca suberam de Deus agora assim por meio dos pajé (dos pajés) eles tinham que existia Deus pelo meio do pajé porque aquele curador aquele pajé quando ele trabalhava ele dizia que: quem pode curar é só Deus, não eu a planta que tem aqui é só ele que fornece, então uma fulha (folha) que você pegar dessa planta você faz o chá com a fé você será curado, então assim.

4. Fortalecer assim com os deuses dele acho que pra mim não existia isso, existia sim, mais não existia assim ao certo qual o Deus existe, porque o índio nunca fiz (fez) imagem pra fazer deuses o deus deles é assim sempre se lembrando de Deus, porque é assim eu vejo na bíblia que aquela cidade fez imagem pra adorar que era deus deles.

5. Pelo que veja, pelo meu ver de que foi bem tirou a gente de muita coisa, tirou a gente de muita coisa de muito sofrimento de muita coisa errada e huje mesmo eu vijo (vejo) estudo na Bíblia católica, a Bíblia católica é a mesma adventista só que não cumpre a palavra ele tá escondendo a palavra, tá escondendo o que é certo dizendo o que é mentira vamos dizer assim e adventista, como adventista eu já fui descobrindo como católico que fui que existe muita coisa que tem que cumprir a lei de Deus é certo como ele falou, então tamos guardando assim e seguindo pelo que nunca a Bíblia católica nunca falou dizer para guardar a lei mais ele diz para guardar o sábado então é por isso que nós estamos continuando.

6. Eu acho assim que como a gente falou que como adventista estamos vivendo assim porque o corpo material da gente é santo diz à palavra que o nosso corpo é santo é a casa de Deus é santificado por ele, então nós como filho não devemos colocar coisa suja dentro temos que colocar coisas limpas.

7. É isso veio por meio da pregação doutro evangelho, evangelho pregando dizendo que era verdade que Jesus tinha morrido pela gente foi crucificado então ele pagu tudo nossos pecado. Adventista aqui dentro de Sorocaima já a gente tinha quando vinhemo pra cá em 1966, quando nós vinhemo pra cá, já que já vi principalmente eu, eu vivia como católico como falei então eu comecei ficar com eles por aqui e a gente viu que era verdade pela palavra pela escritura. Aí a gente ficou como adventista que era melhor.

8. É pra morar aqui é assim a gente pela perseguição dos próprios policiais que a gente morava lá e era muito perseguido pelos policiais de lá então a gente desceu pra cá pra mode evitar que eles são fronteiristas. A gente guardou as fronteiras enquanto não havia policial, policiais somos nós mesmos que guardava as fronteiras e nunca existiu probrema e a gente falava com os venezuelanos que a gente não ia formar nós era irmão nós não podia brigar isse era a lei que nós tinha, disse pra ele não, nós não pode brigar o que que nós temos que fazer é unir junto, agora depois que chegou o branco a civilização português aí existe briga como a gente falou, existe briga existe perseguição existe muita coisa aí que não é certo isso até huje mesmo nós estava falando então se for assim vamos fechar a fronteira, melhor a gente vivia com a fronteira fechada!, não tinha pobrema, cada qual morava no era seu, cada qual vivi no que era seu, era assim.

9. O que a gente vive assim na esperança do Senhor somente isso porque único meio com esse pobrema que a gente tá falando que a gente tá somente na esperança e pregar o evangelho pra utros amigos pra utro companheiros pra que eles possa conhecer que vai vim um tempo que é pior do que tá acontecendo aí e anti disso tamu avisando companheiro e pregando pra eles contando como vai acontecer aí muitos tão vindo aqui e a gente e muito tão se batizando.

10. É a gente vive como tô falando vive com harmonia porque não tem como fazer como destruir a gente tem que só esses tempo aí tem coisa que nunca fui queimado como o senhor está vendo aquela serra ali, você nunca vil queimar durante 1933 pra cá nunca fui queimada e agora daí pra cá eu não seu se é o tempo demais muito calor muito sol, pegu fugo aí queimou toda essa serra, mas a gente tinha muito cuidado com isso para não acontecer, tem gente aí que tá cuidando mas assim mesmo ainda deixaram queimar porque não tem como apagar só ele mesmo pra fazer isso, uma vez tinha muita gente, avião por cima eu falei eles não vão apagar quem vai apagar só o dono, quando pensa que não sai um camburão d'água aí e apagu bem aqui assim, só Ele mesmo.

E. 7

1. Vivia assim junto com parentes Taurepang é aí em contato com a tribo Taurepang chegava a conversar essas coisas agora eles falavam do meio ambiente talvez a gente não tinha conhecimento daquilo, palavra meio ambiente então assim que me contaram como

Taurepang né, meu pai era Taurepang fundador era fundador dessa comunidade desde muitos anos desde 1933 foi ele que fundou também aqui, junto eles se combinavam assim pro trabalho assim eles se combinavam três comunidades Taurepang como daqui Boca da Mata, Sorocaima e Bananal esse pessoal que entravam em contato em termo de trabalho assim, juntos né reunia-se pra discutir a convivência como conviver como vão ficar esse tempo todo assim né é assim essa convivência.

2. É religião e meio Ambiente também é a mesmo coisa também em relação aos Taurepang a gente vivia assim em termo de religião que uma religião, no canto como era costume de adorar a Deus sempre junto assim, a gente vivia assim em conjunto assim entre as comunidades em casa se reunia assim em oração agradecer a Deus, glorificar a Deus a gente vivia dessa maneira assim, anteriormente era assim, a gente vivia isso.

3. É Taurepang tinha deuses, eles não tinha ainda conhecimento que Deus existia acima de tudo eles tinha tuda vez assim árvore agradecia a deus porque árvore serviria como pai como mãe e também sempre existia isso mas em relação a religião como eu tava falando eles não tinham eles não tinham conhecimento ainda então eles procuravam adorar assim as árvores outras coisas mais, existia assim às vezes eles adoravam um toco pega num toco assim acendia aquele fogão pra eles era um deus aquilo ali antigamente passados muito antigo, então é conviviam assim.

4. É neste caso aí eles tinha uma relação com árvore como falei, mas eles tinham assim algo com o meio ambiente existia um coisa que eles impediam fazer que prejudicava o meio ambiente então eles adoravam a Deus sem prejudicar algo alguma coisa assim a Natureza assim.

5. A evangelização dos Taurepang foi a década de 1958, 58 meu pai ele achava que tudo plantio árvore, natureza tudo era criação de Deus, Deus que fez aquela árvore frutífera é para alimentação das seres humanos que viverem na terra, então pra eles contanto como árvore servia de deus contanto que árvore alimentava seres humanos no interior no passado assim.

6. Taurepang em contato com adventista, sim foi fundada antiga, meu pai não era cristão não era católico, mas ele ouviu alguns comentando evangelizando a palavra de Deus ele começou a chegar e entender começou a chegar saber como era começou, a saber, como

era o relacionamento com Deus ele procurou saber foi em 58 ele chegou a querer ser, ser um cristão ser um adventista quando chegou à vez batizou em 58, aliás, em 58 no Guiana quando já começou a entender como religião entrava em contato com adventista como Sorocaima entrava junto pra conversar né assim, falar né pra assim falar do religião que maneira que mudou a religião dele, ele achou que essa religião mudou a vida dele quanto ele era antes não era assim mas agora desde que ele aceitou a evangelização do adventista dos irmãos adventista ele chegou a entender no qual ele ficou.

7. Essa religião dos anos passados eles acharam que não tava certo, correto, então eles acharam por bem o adventista seria melhor pra vida dele e onde ele chegou a aceitar, chegou chegar mais ser um cristão adventista, deixou aquele religião que ele pertencia talvez não iria levar a vida não ia mudar a vida dele cada vez ele ia mais pro fundo aí ele procurou a chegar mais e entender pra subir mais e um degrau através da religião adventista.

8. Na parte daí da relação de Pacaraima é importante, mas antigamente não existia esse Pacaraima quando assim surgiu esse evangelho adventista esse Pacaraima não existias ainda era uma caminhada aqui pela mata saia lá pelas uma igreja lá na Venezuela quando eles vinham de lá pra cá os irmãos adventistas iam pra lá, mas não existia Pacaraima mais acha melhor o povo acha melhor que o Pacaraima fundou pra ser o desenvolvimento da vida da pessoa né então achei importante também que acha que convive próximo aqui.

9. Eu acho bom que nasceu a igreja ali o evangelho cresceu aquela comunidade acho bom assim que a comunidade a maioria são adventista não tem nenhum que seja católico no meio então vi na minha visão vejo que a igreja de Sorocaima é um exemplo pra todos ela é uma igreja total tem uma força toda.

10. Sorocaima não dizer assim, mas eles foram sempre contra o meio ambiente assim porque eles a parte deles o conhecimento é outro o pensamento deles é outro e não é como o pensamento do meio ambiente talvez o meio ambiente teria de fazer algo lá dentro, eles não aceitavam assim porque eles queriam do jeito que eles queriam o pensar deles a opinião deles, muitos querem não é como você estar no meio ambiente você estar pelo meio assim.

E. 8

1. A convivência das comunidades indígenas antes da sociedade branca chegar era muito diferente, botava uma roça de uma linha bem assim é uma linha mesmo uma área pequena naquela roça eles plantavam cana, abacaxi, três pé de abacaxi, três pé de banana e 50 cova de mandioca com isso eles se mantinham, não precisava abrir área grande pra se alimentarem, a alimentação deles é plantada numa área pequena, mas era, mas era o suficiente pra ele.

2. Sempre Mário Roberto Flores falava sobre isso vivendo no meio ambiente a religião chegou através do missionário americano chegou ele (Mário Flores) era um rapaz de 12 anos acho que ele tinha 10 anos quando o missionário chegou, sempre ele contava pra nós como chegou religião primeira religião era adventista depois do pastor Bem, então esse segundo missionário bem dizer assim depois do pastor que morreu no monte Roraima, depois dele passou uns tempo depois esse missionário chegou no Akurimã até agora esse nome ficou gravado Akurimã, acho que devido as provas né, Akurimã ele chegou no Akurimã ele e a mulher e a cozinheira três pessoas chegaram esse religião era Adventista do Sétimo dia então os indígenas que moravam na época aceitaram ele foi bem recebido por eles, ele começou a trabalhar a falar em nome de Jesus também ele dizia que era da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

3. Fui esclarecido isso antes, antes de tudo mesmo não tinha ninguém mesmo, eles adoravam ânvores (árvores) se eles vê uma ânvore frondosa eles se reunia e adorava aquela ânvore pra ele ânvore era deus, deus deles então não tinha outro meio, então a forma de se eles chegarem lá e se reuniam agradecer porque tá soltando uma flor depois mais tarde vai aparecer uma fruta então pra eles é deus. Recentemente eu participei de a reunião da tribo aqui Raposa Serra do Sol, ele lá não existe religião nenhuma nem padre nem católico nenhuma nem qualquer religiosa então eles escolhe uma pedra chamam de pedra sagrada de pedra sagrado ninguém pode encostar ninguém pode ver ninguém pode mexer a pedra deixa aí intocável pedra sagrada ele se declarou dizendo que é deus deles então eles tem que respeitar, era assim.

4. Sim tavam né, era proibido alguém chegar e tocar era porque aí era respeitado eles consideravam aquela ânvore ou pedra como deus, não tinha deus pra eles não existia deus não existe até agora então eles respeitam aquela pedra como se fosse pedra ou como se fosse ânvore então não deixa ninguém encostar só no dia mesmo pra todo mundo

chegarem adorar.

5. Ah! Sobre evangelização fui diferente, não falava do rio não falava da árvore não falava da pedra, não falava do peixe, o missionário, através do missionário fui implantado fui falado né a palavra de Deus é pura, não mistura a palavra de Deus não se misturava com nada, nada, pura a palavra de Deus é pura, então ele pedia pra pessoal não se misturar com a tradição dele, tradição dele é outro, a cultura dele é outro deles né a comunidade indígena, mas a palavra de Deus chegou, não falando da cultura não falando da tradição ele disse que a palavra de Deus o evangelismo é para salvar a humanidade isso foi esclarecido pra eles. Durante o tempo que meu pai falecido Mário Roberto Flores frequentou a Igreja Adventista foi falado assim, quando falava esse missionário falava sobre a palavra de Deus ele não queria que ninguém se mova naquela reunião, correr enquanto ele tá falando pegar água trazer água pra beber perante a reunião perante a assembleia era proibido quando o missionário tá falando todo tem que ficar silêncio porque aí é Deus que está falando então os irmãos se tornaram os indígenas se tornaram irmãos conheceram através do missionário conheceram quem é Deus aí começaram a abandonar cultura começaram a abandonar tradição, a buscarem a encontrar um meio para salvar a vida deles esquecendo da cultura, então começaram a respeitar igreja, quando se reuniam todo tem que ficar silêncio criança tem que ficar silêncio tem que ficar quietinho ouvindo a palavra de Deus.

6. Aí a comunidade indígena nós somos tribo Taurepang, os Taurepang que moram aqui nessa fronteira como fronteira da Venezuela fronteira do Brasil existe mais Taurepang, tribo Taurepang, da fronteira pra lá pra Venezuela a maioria são Taurepang eu acredito que o senhor foi lá pra dentro que lá é chamado Pemon, então os Taurepang começaram a entender separar do mundo, os Taurepang entenderam que a palavra de Deus, então eles começaram a praticar estudaram receberam a Bíblia então de lá pra cá eles vêm sempre praticando nesse evangelismo, o missionário ele chegou se não me engano ele esteve por aqui no ano 1913 ou 1916 esse missionário então esse ficou gravado na mente das tribos Taurepang por aqui, houve a houve problema com esse missionário quando esse missionário chegou a igreja católica chegou também então começaram a expulsar o missionário foi arrastado, a sacola e as malas foram arrastadas pela polícia pelo aeroporto então depois disso os Taurepang começaram a participar a reunião da igreja católica chegou padre, o missionário ensinou vocês diferente é mentira agora nós estamos trazendo a

verdade a igreja católica falou, o que nós vamos apregoar é verdade agora esse americano que tava por aqui é mentiroso grande enganador agora nós vamos fazer com forme Jesus deixou, então tudo os membros que se reunia com o pastor americano viram a reunião a pregação do pastor é muito diferente é muito fui diferente também os Taurepang num chegarum dá ouvido pra o pregador do padre então o padre obrigave eles, não vocês tem que obedecer o que nós estamos falando, com isso afugentu os membros que aceitaram a igreja adventista pelo missionário se espalharam furum para o Uiraparú criaram a igreja lá, criaram sim, uma missão outros foram para a Betânia e lá também criaram uma comunidade construíram uma igreja pequena como esse daqui, no Voipã foi construído , Betânia foi construído, no Aipoipu foi construído, no Tirikaí foi construído uma igreja porque foram afugentando pelos padres Assim a igreja foi se expandindo, não é por bem o padre obrigou obrigu então não aceitaram a mensagem do padre tódos os irmãos se espalharam.

7. Sim, o meu pai tão inteligente, os Taurepang era um grupo de Taurepang não é só meu pai é um grupo eles chegaram gravar isso num deram ouvido pra outros evangelistas, andu evangelismo, mas da igreja Batista, igreja pentecostal, Testemunha de Jeová e tudo só que os Taurepang ficaram somente esperando os pastores adventistas os Taurepang ficaram firme, estão vindo firme então até agora tem a Igreja Adventista a nossa redondeza, mais Igreja Adventista porque acreditaram nessa igreja.

8. Aqui Sorocaima historicamente vem, esse Sorocaima vem trazendo história longa, antigamente esse lugar aqué era conhecido como Sorocaima, esse lugar na linguagem Taurepang Sorocaima como se fosse assim: a gente coloca alguma coisa, alguma coisa, uma pêdra, ou banana num cesto, num cesto grande, aí coloca aí, alguém diz assim coloca aí, então na nossa linguagem a gente coloca SORÓ, na lata ou no cesto, em português: COLOCA, na nossa linguagem SORÓ! (A última sílaba é pronunciada super. rápida) é coloca aí dentro aí coloca aí dentro SORÓ, também SORÓ já colocou, outo SARÁ? O mesmo o mesmo, colocou na lata ou no cesto: SARÁ! Como a gente coloca oferta no envelope: SARÁ! Já colocou então esse lugar antigamente morava gente aqui cem anos atrás, morava gente por aqui, mas morriam esse lugar é conhecido é lugar doentio chegava um indígena de utra comunidade de longe chegava aqui passava cinco mês quatro mê oito mês ou um ano ele morria, chegava de outra comunidade passava um ano morria, chegava utro morria criança de dois anos 5 anos 10 anos 15 anos aí o lugar pegu esse nome porque chegava entrava no

cemitério SORÓ? Só engulindo, só colocando no cemitério, na tumba chegava e não voltava então esse lugar pegu SOROAIMA então esse lugar é assim. Aí mudu só uma puntinha aí pra se escrever colocaram Sorocaima só uma palavra colocou no cesto SORÓ? Ou assim: SARÁ? O mesmo como o pessoal moravam aqui a gente chamava na nossa linguagem merma a gente chamava Saracáinia pegu esse nome, mas pra escrever em português Sorocaima o mesmo colocu no cesto SORÓ? Ou seja, SARÁ? Chegava gente e entrava no cemitério SORÓ? Não voltava mais chegava utro soró? É assim, então os Taurepang vive aqui viveram antes de nós aqui nesse lugar evangelismo chegu até aqui nessa fronteira.

9. Aí eu não posso explicar. Meu pai quando veio pra cá, meu pai era daqui do Rio Amajarí, fui morar pra Venezuela por alguns tempos eu acho que ele ficu por lá uns 25 anos ele teve filhos e filhas, trouxe a família pra cá no ano 1963 aqui no Sorocaima, ele morava aqui ele veio de lá morando aqui 3 anos morando aqui 2 anos já fui subindo foi morar mais 25 anos lá e depois quando teve filhos e filhas ele falava pra nós eu era pequeno aí meu pai falava : “meus filhos eu tenho conheço um lugar Sorocaima onde a gente morrô só que perigoso lugar de doença mas somos da igreja podemos voltar mas em nome de Jesus ninguém vai se adoecer nós vamos permanecer”, no ano 63, 63, 64 e nós vinhemmo já estava abandonado não tinha ninguém , ninguém o lugar era divoluto então no ano 63 vinhemmo aqui mas trazendo evangelho eu tinha Bibli, a minha irmã e o marido dela tinha a Bíblia trouxemo pra cá não tinha igreja, mas a gente andava com a bíblia meu pai era também religioso da Igreja Adventista ele era ancião na época então nós vinhemmo compremo uma roça dum cidadão que morava aqui um garimpeiro que parou por aqui e botô uma roça plantu umas bananinhas e encontru nós lá na fronteira naquele tempo existia um comerciante por nome de Cícero na casa dele se encontrava lá ele falu parente eu tenho uma roça lá de mandioca e um pouquinho de canavial aí meu pai disse tá eu vou comprar quanto é a roça ? O valor da roça é 100 boliva na época 100 boliva tá deixa a roça pra mim que daqui uns 10 dias 15 dias vou mandar o dinheiro pra, pagu a roça com 15 dias viemo aqui no Sorocaima ele tava aqui depois que recebeu o dinheiro se mandô aí nós ocupemo esse lugar, de lá que tiremo sicamente aí fiquemo de 63 pra cá a gente não voltu mais pra Venezuela abandonemo deixemo as casas deixemo a roça, mas andando com a bíblia sempre fazendo o culto nas casa mermo (mesmo).

10. A nossa convivência sempre permanece assim meio Ambiente, se fuce só nós essa essa

floresta tava completa, só que chegu a firma no ano 1971, no ano 70 batalhão chegu aqui os trabalhadores furu (foram) tirando lote, tirando lote foram quase 800 soldados vieram deixando a família em Boa Vista, no Maranhão no Ciará (Ceará)em São Paulo aí viro esse lugar aí furo lotiando eles mesmo tirando lote eles trabalhando na máquina no carro no caçambeiro pagavam alguém pra derribar, fui eles que destruíram nossa terra não fui nós, nós tamo nós tamo vivendo aqui mesmo aqui mesmo nós tamo tirando o dinherim pra nós se manter, vendemos farinha, vendemos banana,vendemos cana, a população estão aumentando quando cheguemo de lá éramos 7, 11 pessoas 11 pessoas, bem contado 11 pessoas. Huje tem 225 pessoas, então nós estamo vivendo você não vê destruição meio Ambiente não os indígenas, os irmãos estão derrubando tão destruindo, não existe isso até agora essa Natureza tá completa nós estamos usando só aqui mermo, bem aqui essa grande derrubada que o senhu ver, fui batalhão, pessoal do batalhão que derrubaram da entrada da mata, da entrada da Mata até o marco BV - 8 fui uma derrubada muito grande, não foram os indígenas então a gente cuidou meio Ambiente.

E - 9

1. Olha meu amigo eu num (em um) tô sabendo muito essa história não, mas eu ouvi falar né que meu avô Mário Roberto Flores, ele morava nessa floresta quando era floresta né que ninguém vivia nessa floresta, aqui era livre nessa comunidade a gente vivia aqui caçando e botando raça e plantando banana e roça pra sobreviver, mas depus que chegaram os brancos pra eles traziam a cultura deles é diferente dos branco mermo não é como dos índios. Aqui nessa comunidade aqui nós tamo vivendo preocupado né depois que a gente vivia livre como um passarinho livre voando né a gente vivia desse jeito dessa forma a gente vivia eu vi falar que meu avu Mário Bento falava isso mesmo agora nesse tempo, porque muitas das vez aqui nessa floresta a gente tá querendo viver assim é fazendo uma roça é plantar. Mas eles não estão deixando, mas eles não tão deixando mais trabalhar com tranquilidade nessa comunidade é nesse aí nesse assunto aí que eu tô preocupado, mas mesmo assim eu tô pegando o costume dos brancos né viver com eles ter contato com eles , agora eu tô aprendendo mesmo olha depois que, eu não conhecia os brancos eu nasci longe das comunidades eu sempre falava na entrevista com repórter assim eu sempre falava isso mesmo porque eu sou nascido fora da comunidade daqui lá em cima é por isso que eu não tô sabendo daqui essa situação dessa comunidade.

2. Pra mim uma religião é muito importante, porque meu avô ele vivia aqui ele vinha com essa religião deles lá da Venezuela é o que chamado à comunidade de Maurá (Maurak) ele veio até aqui com esse religião é com o símbolo cristão eles viam pregando essa evangelho e nessa religião que nós estamos bem cumprindo né. Estamos bem tranquilo como se fosse um peixe bem tranquilo dentro da água.

3. Olha na realidade ouvir falar e alguns padres que vieram aqui disseram que existia um deus né, isso é verdade existe mesmo um Deus. Tem alguns que rezam pra escultura que eles fazem, mas pra mim eu acho que existe só um Deus mesmo.

4. Eu não, eu nunca vi falar nisso, mas tem alguns que sobre isso os brancos falam mesmo sobre isso, mas nós indígenas não sabemos de nada, mas os brancos falam isso mesmo, mas eu nunca entendi, nós índio nunca entendemo isso, mas a partir de agora nós estamos começando a entender essa situação.

5. Não pra mim não tem nada a ver com isso não porque a gente não se preocupa com meio ambiente nessa comunidade a gente preocupa com nossa religião mesmo, é da nossa cultura é que nós estamos vivendo só na cultura mesmo a gente não tá prestando da cultura dos branco.

6. Nós índios eu ouvir falar que meu avô falava sobre isso mesmo antigamente nas tribos que via lá pra Venezuela eles viviam simplismente sem religião né sem saber quem era Deus eles viviam assim simplismente né na bebida, mas depois que chegou o americano né lá da América ele trouxe religião pra eles é explicando pra eles como era religião, essa religião mudou nossa vida agora tamos sabendo que a religião é muito melhor essa aqui é a melhor religião que nós temos.

7. Nós Taurepang não existia, pra nós Taurepang não existia Deus a gente vivia como eu te falei a gente vivia simplesmente só plantando é só plantando a gente vivia mesmo assim sem pensar noutras coisas invés de pensar no futuro vivia só plantando e comendo, depois que a gente descobriu essa religião a gente ficô melhorando essa situação e nós temos sobre a religião melhorar, melhorar assim a convivência.

8. Olha! Morar nessa área do Brasil pra mim é importante porque aqui tem muitas coisas pra fazer e pra nós sustentar a nossa família eu acho melhor isso aqui viver nessa área aqui

é muito importante pra mim.

9. Olha! Eu não tenho ideia disso, mas pra mim viver nessa religião pra melhorar essa cultura é e deixar essa cultura e seguir o nosso Deus o Criador pra mim é muito importante essa religião que nós temo aqui.

10. Aqui pra nós o meio Ambiente não é da nossa conta é por isso que ninguém se preocupa com isso. Realmente a gente se preocupa com a nossa religião porque Deus nos ama todo mundo é isso aí é muito importante pra nós é por isso que ninguém se preocupa com meio ambiente, se, por exemplo, você entrar aqui nessa comunidade e aceitar Jesus Cristo! Isso é muito importante pra nós, não é se preocupar com o meio ambiente, tem alguns que se preocupa com meio ambiente, mas nós Taurepang nós somos diferente, nós somos diferente é por isso que nós preocupamo sobre nossa religião como eu te falei.

E. 10

1. O meu avu sempre falava pra mim, porque morava no Bananal, primeiro morava no Bananal até a partir dos 19 anos morava no Bananal o finado meu avu Bento que era meu avu ele falava sobre a Natureza até eu achava bunito porque enquanto não tinha essa estrada essa estrada que o tratu rasgu antes de entrar eu já conhecia o meio ambiente era muito bonito cheio de mata e meu avu dizia: “meus netos vocês tem que permanecer nessa tribo porque a gente não pode acabar é” ele sempre falava, não pode acabar então desde a criança a gente vem ensinando as criança quando vem nascendo a gente vai falando já aí quando entrou a escola aí a escola ensina muita coisa português aí nós aprendemos falar um pouco não muito bem mas nós aprendeu mas quando ele falava assim porque a gente vivia dentro da marta sem a estrada sem nada a gente saia de lá pra cá de Pacaraima na pernada era pernada eu achava muito eu achava muito bonito a mata , a mata virgem, aí depois que entrou trator e abriu aí pronto acabou aquela coisa bunita que a gente sempre via, era mais bunito ainda eu sempre me lembro quando eu falo pra minhas filhas agora quando eu ando com as minhas filhas na mata eu falo assim minhas filhas era assim desse jeito na mata ninguém andava de carro nem de bicicleta de nada, ele falava assim sobre nossa tribo, ele dizia não acabar, não acabar com a língua então a gente até huje ainda permanece falamos.

2. Eu via sim, porque quando a gente butava uma roça ele dizia assim você trabalha só num

cantinho porque eles diziam eles viam que ia acabar mermo a gente fazia um a rocinha ali né antigamente a gente não tinha como vender era só a gente fazer alimento só pra nossa manutenção mermo pro nosso consumo então a gente via fazia uma roça uma linha de rocinha dava pra muito tempo, ali a gente suvinava, (sovinava ou escasseava) pra não acabar a mata replantava, essas coisas assim é assim que a gente, como eu lhe falava pra não acabar mermo com a mata mas huje você vê que já acabou muito já.

3. Eu nunca ouvi nunca ouvi desde que conheci desde que eu nasci vamos dizer adventista eu nunca ouvi meu avu falar pra mim.

4. O entrevistado disse que não sabia responder.

5. Quando evangelizavam eles andavam na pernada né todos nós sabemos que eles andavam pela natureza, era uma Natureza como eu tô falando era muito bunita quando andavam eles viam quando a gente andava com eles eu sempre via andava pra cá pro rumo do tachí, o tachí é longe não tinha estrada meu avu saía aqui ele fazia pra gente: “meus netos por aqui vocês vão andar porque ele sabia que não ia existir mais, a natureza que Deus fez desde a criação do mundo então vamo seguir o caminho então quando você tiver filho você fala pro seu filho: filho isso aqui Deus fez você tá vendo a planta as árvores foi Deus que deu então a gente temo que crê em Deus e levar o evangelho assim como ele falava o vu Macário era u dos missionários que saía, saía aqui passava uma semana andando por aqui por perto por aqui pela mata então era muito importante que eles falavam sobre a Natureza eles ensinavam a gente agente via uma natureza muito bonito quando, até agora eu falo pra minhas filhas você tá vendo a natureza é bunito , Deus fez isso aqui pra nós, então nós podemos evangelizar através dessas coisas chegar nas pessoas e dizer praquelas pessoas que não conhece a gente fala: você tá vendo essa serra ? essas plantas foi Deus que fez essas plantas então já entra uma dúvida e uma pergunta e a gente aproveita e faz logo uma evangelização .

6. Porque a convivência desde que nossos avus conheciam né porque eles pertenciam uma religião católica né aí depois quando conheceram essa verdade a palavra de Deus desde aí já vem ensinando a gente, já vem ensinando porque a Bíblia ela fala muita clara os 10 mandamentos então os nossos avu quando viram né essa Bíblia a gente já começou ver na Bíblia de ver essa relação entre os outros né pra fazer assim pra fazer uma amizade com as

outras pessoas eu achei muito importante com a lei Deus informou os homens a gente também vê que essas coisas que melhor pra gente então nós temos que aplicar o que está dentro da bíblia a gente tá vendo então a gente tem que cumprir essa lei de Deus.

7. Desde que já falaram agora, eu não tô muito por dentro dessas coisas eu sou um rapaz novo ainda, mas ouvir não, sei se já falaram pra você quando conheceram era aqui né parte da Venezuela, velho Mário ele foi quando ele recebeu quando ele conheceu a verdade viajaram daqui da Venezuela pra Guiana, 300 quilômetros e huje quando viram a palavra de Deus falaram assim que iam ser batizados na Guiana iam os pastores fazer batismo aí saíram 300 quilômetros pra poder receber aceitar essa mensagem foram 30 trintas pessoas pra receber o batismo mais uns trinta não conseguiu no meio da viagem morreu uma pessoa não chegou a ser batizada porque era muito longe era 300 quilômetros daqui pra poder ser batizada o velho Mário chegou ele que foi batizado e de lá ele veio trazer a mensagem ele já veio formar essa comunidade aqui Sorocaima I, né realmente eu vi quando era mulequinho assim pequeno eu vi essa igreja quando ele fundou era uma igreja de 4 por cinco (4.00mx5.00metros) uma igrejinha piquena através disso a gente já conhecimo passou pra gente então a gente já aceitou também.

8. Eu acho muito importante porque não é uma comunidade assim que tenha, porque a gente tá bem aqui na fronteira a gente vê uma paisagem cercada perto de Pacaraima então a gente sempre fala assim em castelhano, Taurepang e português acho muito importante essa língua que a gente fala, acho muito importante agora se a gente ficasse muito distante eu acharia que ninguém ia fazer essas comprinhas assim né.

9. Mas isso aí que venho pensando né não é toda comunidade que é adventista assim sempre vejo assim essa comunidade ela é quais 100% adventista né 100% adventista, então eu vejo assim que é muito importante pra mim (eu) ter uma comunidade só adventista né aí eu achava muito bunito só adventista aqui aí quando nós nós pra nós fazer a visita missionária tudo mundo daí eu acho muito bom essa união dessa comunidade não sei pra lá em diante nós tumo aí falando pros nossos filhos filhas que vão ficar pra continuar essa comunidade crescer mais assim.

10. Esse meio ambiente que a gente tá falando agora eu acho que a gente se preocupa muito com o Ambiente que a gente temo, nós temos né nós tamo vendo que agura as

queimadas quando acontece a gente fica muito preocupado porque muito difícil ter uma queimada e não ter mais uma coisa assim pra trabalhar então a gente faz de tudo pra poder defender esse Ambiente que nós temo né porque eles falava não adianta uma pessoa fazer uma roça onde tem garapé porque ele vai secando então a gente acha muito bunito assim a gente tem muito cuidado que nós temo o modelo adventista nós temo que tomar muito cuidado com essas coisas pra poder mostrar o exemplo o melhor exemplo pra outra comunidade dizer que porque não é todos quando tem uma queimada a gente se esforça muito pra não acabar com esse meio ambiente porque quando queima tudo o que acontece essa clima tão agradável que tá aqui com a gente frio vai acabar então a gente temo muito cuidado pra não acabar com esse meio ambiente pra poder permanecer assim esse clima muito gostoso que a gente sempre vê.

E - 11

1. Olha em relação ao povo Taurepang nossos avus, bisavuz, (bisavós) quando eles conviviam com o meio ambiente já é diferente de hoje já o meio ambiente não se vê mais meio ambiente como era antes então eles viviam do meio ambiente de caça e pesca e eles respeitavam muito o meio ambiente por esse lado aí né e eles respeitavam muito sabiam tratar bem eles não danificavam cuidavam muito bem, huje não huje a vida nós tá levando huje os Taurepang mesmo não tem mais o controle disso aí como era antes na década de 50 pra lá eles cuidavam preservavam muito bem o meio Ambiente não tucava fugo não derrubava demasiadamente como huje né então se a convivência deles era assim os nossos avus passados falavam mesmo assim e isso eles iam preservando até quando entrou a civilização aí huje não consigo ver mais o meio ambiente como se via na década de 50.

2. Antes que eles conhecessem a verdadeira religião né adventista eles tinham alguém pra adorar podia ser uma árvore, ou um animal selvagem, por exemplo, a onça eles falavam muito sobre a onça, o jabuti, tipo um lenda, mas ao mesmo tempo era um deus deles né! Eles acreditavam muito na onça e no jabuti, meu avô contava muito essa história deles era o deus deles antes de conhecerem o evangelho verdadeiro.

3. Quando eles iam prestar culto àqueles deuses deles que a gente fala deuses mortos é uma forma de dança de cânticos, usavam muito dente de animais pra fazer chocalho as tabocas para fazer as trombetas, era assim que eles prestavam culto.

4. Certo! Se mantinham sim, como eu já falei eles preservavam muito bem o meio ambiente eles respeitavam, não danificavam né o meio ambiente.

5. O evangelho quando alcançou as tribos Taurepang aqui na fronteira, você sabe que os Taurepang são índios de Fronteira né tu sabe disso, os pastores vinham de da Guiana Francesa pra Santa Elena, Santa Elena já tinha os Taurepang convivendo ali, mas eles eram dominados pelos padres né pela diocese, então quando eles vinham pregar o evangelho aqui tinham que gastar mais ou menos uma semana pra batizar lá na Guiana o meu sogro é um deles o meu sogro Estêvão o finado vovô Bento que é lá do Bananal é o pioneiro tem nos contado muita história quando os Taurepang aceitaram o evangelho mesmo pelos missionários que vinham, os ingleses eles sempre viajavam uma semana no meio da viagem até morria pessoa e não chegava a ser batizada. Aqui no Brasil vinha gente de Manaus para a Boca da Mata que era o centro o núcleo que era o núcleo ali aonde os Taurepang chegaram no (ao) Brasil já começaram a se reunir na Boca da Mata fazer a recepção (recepção) dos pastores que tavam chegando né.

6. Mudou muito porque os Taurepang quando eles descobriram a verdade trazida pelo evangelho eles então começaram a destacar e levar o evangelho até pra outras tribos como os Macuxis como os Ingaricós e essas outras tribos que tem aqui no Estado de Roraima e dentro da tribo dos Taurepang nós estamos formando pastores né inclusive meu filho, pastor Alex é Taurepang então a Igreja Adventista ela oferece muita faculdade para preparar os alunos os filhos pra futuros pastores.

7. Quando eles tomara decisão eles faziam arte do grupo da Igreja Católica né então eles são tribos muito decidido quando vai tomar uma decisão tomam uma decisão em grupo pra poder aceitar o evangelho foi o grupo todo né, não foi algumas pessoas não esse é até hoje a gente vê até hoje você não vai pensar que vai decidir um, dois, não vai decidir logo todos são decididos eles, é o grupo.

8. A diferença deles uma parte dos Taurepang morar no Brasil eles começaram já conseguiram seus genros brasileiros isso segurou eles mais; eu não Taurepang sou Wapichana isso fez com os Taurepang, mas a maioria da nação deles é na Venezuela e hoje Bananal tem aí da década de 53 pra cá né, foi reconhecido aqui no Brasil em 62 no Bananal onde os Taurepang tão morando mais tempo, então foi o que segurou eles, então o que

segurou eles essa esse integração dos tribos diferentes, isso segurou até hoje.

9. Olha! Os habitantes de Sorocaima eles sonham muito são pessoas que sonham e esse sonho ainda não chegou a ser realizado porque eles sonham com boas escolas adventistas eles ainda sonham de vera alguns alunos na faculdade adventista esse sonho não, até agora no momento atual não aconteceu ainda né, então o que se pensa é isso eles tocam o futuro dos filhos deles, também o que isso atrasou muito? Porque o adventista aqui em Sorocaima há muitos anos atrás não aceitaram escolas, escolas públicas nem escolas privadas então isso atrasou muito o crescimento progresso da aldeia Sorocaima, então hoje agora depois que vovô Macário seu Mário Flores faleceu, aí os filhos deles começaram a buscar agora escolas públicas aqui na BR, na BR - 174, então já depois de muitos anos perdidos atrás.

10. Se a gente for ver a realidade do meio Ambiente dos adventistas, hoje a gente não tá tendo agente não tá usufruindo o meio Ambiente mais como já falei, porque meio Ambiente sumiu, hoje meio Ambiente se encontra mais polêmica né de destruição, de as matas se acabando, Sorocaima está numa carência que há tempos há trás; quando eu conheci nos anos 70, de 70 a 80 o meio Ambiente era 100%, hoje não, Sorocaima não desfruta do meio Ambiente mais, o que se ver aqui é um Ambiente se acabando né!

Anexo 3: Perfil dos entrevistados e depoentes

Os entrevistados são índios da etnia Taurepang, na faixa etária entre 31 e 68 anos de idade, todos eles tem algum grau de parentesco com o fundador da Maloca Sorocaima, o Sr. Mário Bento Flores. Todos pertencem à mesma etnia. A grande maioria deles é apenas alfabetizada, principalmente os filhos do fundador, pois o mesmo não queria que seus filhos estudassem fora da Maloca, como eles eram obedientes não conseguiram um estudo mais satisfatório, já as novas gerações os netos e bisnetos estão estudando normalmente. Para a satisfação de todos de Sorocaima um dos netos do fundador graduou-se em teologia e trabalha atualmente como pastor da Igreja Adventista em um dos estados da federação brasileira. Todos os habitantes dessa localidade dominam 100% a língua Taurepang e espanhol e falam razoavelmente a língua portuguesa. O entrevistado se mantém na seguinte ordem parentesco do fundador: 1 sobrinho (E 3). 6 netos (E2), (E4), (E7), (E10), (E9), (E11). 1 filha (E5). 1 genro (E6). 2 filhos (E1), (E8). Encontrou-se a seguinte estatística dos descendentes entrevistados do fundador de Sorocaima: 1 sobrinho (9.09%), 6 netos (54.545%), 1 filha (9.09%), 1 genro (9.09%), 2 filhos (18.185%). Os entrevistados somam um total de 11, e a soma dos seus percentuais = a 100%.

E1 O entrevistado tem 61 anos, filho do fundador tem o curso primário, é um dos líderes da organização adventista de Sorocaima, ocupa a função de diretor de liberdade religiosa, é agricultor e tem residência fixa em Sorocaima.

E2 Ele é uma das pessoas mais importantes de Sorocaima, com a idade de 35 anos, tem a função de 1º ancião, significa que é a segunda pessoa mais importante na vida sagrada dessa comunidade, sendo inferior apenas ao pastor da igreja. Há dois segmentos de liderança muito bem definidos que norteia toda a Maloca Sorocaima, a parte religiosa que é a primordial que é dirigida pelo ancião e a parte política que está sob a liderança do seu primo, o Tuxaua. Apesar dessa divisão hierárquica percebeu-se que não há divergência entre eles. Tem o curso primário, é neto do fundador e também trabalha como agricultor.

E3 O entrevistado é agricultor, apenas conseguiu fazer o curso primário, é um dos netos mais velhos do fundador, ocupa o cargo de diretor de mordomia na sua igreja. Segundo a organização adventista essa função não se limita apenas rever os conceitos de finanças, mas se preocupa também em transmitir valores às novas gerações sobre como administrar o tempo, os talentos e bens.

E4 Uma das funções mais importantes da Maloca Sorocaima recai sobre os ombros desse líder de 31 anos de idade, comerciante e agricultor. Neto do fundador nasceu e se criou em Sorocaima. Ele é o tuxaua dessa comunidade, divide a liderança com seu primo que é 1º ancião e responsável por toda a parte espiritual desse povo, com o tuxaua fica a responsabilidade de administrar a parte política de Sorocaima.

E5 A entrevistada é uma das filhas mais velhas do fundador tem 66 anos e a sua irmã mais velha era a primogênita de Mário bento Flores o fundador, mas ela já é falecida. A depoente é semianalfabeta e também agricultora.

E6 Segundo ele não tem escolaridade, apenas sabe assinar o nome, é casado com uma das filhas do fundador, a senhora Hilária, portanto é genro do fundador. Tem 67 anos ainda é agricultor e é uma das pessoas mais velhas a habitar em Sorocaima.

E7 O entrevistado tem o curso primário, é agricultor, tem 68 anos de idade, é sobrinho do fundador Mário Flores, ele é filho da senhora Josefa e ela é prima do líder Mário Flores. Tanto ela como seu primo chegou bem jovens na Cordilheira de Pacaraima e juntos fundaram a Maloca Sorocaima. Atualmente a senhora Josefa tem 106 anos de idade. O entrevistado no momento não mora mais em Sorocaima, reside na Maloca da Boca da Mata.

E8 Ele é um dos líderes de muita influência tanto em Sorocaima como também na sociedade dos brancos. Não é letrado, mas tem o dom da oratória, é um líder nato, tem apenas o curso primário, mas é o presidente da **Associação de Desenvolvimento dos Taurepang do Estado de Roraima (ADTER)**, tem 59 anos de idade e é um dos filhos do fundador.

E9 O entrevistado é neto do fundador de Sorocaima, tem o curso primário é agricultor, mas também artista plástico. Tem 32 anos de idade e morou quase a metade desse tempo fora da Maloca Sorocaima. É casado e pai de três filhos.

E10 Ele também é um dos netos do fundador, tem 35 anos de idade, é um dos líderes de grande relevância espiritual, pois é o 2º ancião em Sorocaima, é um líder que cuida do enriquecimento espiritual da sua comunidade e cursou o primeiro grau completo ou ensino fundamental.

E11 O entrevistado é neto do Sr. Mário Flores, tem 51 anos de idade sua função na organização adventista é de evangelista, ou seja, não é pastor, mas seu trabalho é de evangelizar outras comunidades indígenas, é o mesmo que catequização. Segunda a

liderança da organização adventista praticamente quase que 100% dos cargos religiosos que são ocupados por membros da igreja não são remunerados, cada líder é eleito por um ano e desempenha seu trabalho voluntariamente. As duas exceções para cargos remunerados são de pastor e evangelista e às vezes esse evangelista também é um pastor, vale salientar que todos os pastores da organização adventista em todo o mundo são teólogos, sendo assim todos têm curso superior. Os Taurepang se orgulham em ter o 1º pastor indígena da Maloca Sorocaima é o Alex Alfredo Alves da Sila, ele fala e escreve fluentemente a língua Taurepang, o espanhol e português. Vale salientar que há professores filhos de Sorocaima diplomado em língua Taurepang e professor concursado pelo governo do Estado de Roraima atuando na própria comunidade adventista de Sorocaima.

Anexo 4
Imagens



Igreja Adventista do Sétimo Dia da Maloca Sorocaima



Cordilheira de Pacaraima (ao fundo)



Monte Roraima



Monte Roraima



Monte Roraima (Piscina natural)

Mapa

Neste mapa visualiza-se a região no Extremo Norte do Brasil onde está localizada a Maloca Sorocaima do povo indígena Taurepang Adventistas do Sétimo Dia, no centro da Cordilheira de Pacaraima no Estado de Roraima.

